

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

José Nabor do Amaral Júnior

A presença da mulher negra, as estratégias de visibilidade e o Teatro Experimental do Negro
nas páginas do jornal *Quilombo*

Mestrado em Comunicação e Semiótica

São Paulo - SP

2023

José Nabor do Amaral Júnior

A presença da mulher negra, as estratégias de visibilidade e o Teatro Experimental do Negro
nas páginas do jornal *Quilombo*

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo,
como exigência parcial para obtenção do título de
Mestre em Comunicação e Semiótica sob a
orientação do Prof. Dr. José Amálio de Branco
Pinheiro

São Paulo
2023

Banca Examinadora

À minha mãe, Maria Cecília Braga dos Santos,
pelos ensinamentos e apoio incondicional. E
aos meus filhos, Cauã e Serena, pela inspiração
cotidiana. José Nabor do Amaral e Isa Lúcia
Braga dos Santos (*in memoriam*).

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador, José Amálio Pinheiro, pela paciência e escuta, todos meus professores, pelos ensinamentos e diálogos, e aos meus pais, por tudo.

RESUMO

DO AMARAL JÚNIOR, José Nabor. A presença da mulher negra, as estratégias de visibilidade e o Teatro Experimental do Negro nas páginas do jornal *Quilombo*

Publicado entre os anos de 1948 e 1950, na cidade do Rio de Janeiro, o jornal *Quilombo – vida, problemas e aspirações do negro*, teve ao todo 10 edições produzidas. A presente pesquisa investiga de modo específico três escolhas editoriais da publicação: a presença recorrente do corpo e da intelectualidade feminina, em especial da mulher negra; a mestiçagem, em um veículo declaradamente negro, enquanto estratégia de visibilidade e legitimidade da luta antirracista no Brasil e, por fim, as abordagens em torno do Teatro Experimental do Negro, organização que originou a fundação do jornal *Quilombo*. Dentro dessa perspectiva, paralelamente as investigações acima citadas, ilumina-se também a visceral e onipresente figura do intelectual Abdias do Nascimento no período. Criador do Teatro Experimental do Negro e do jornal *Quilombo*, e cuja influência foi definidora das características editoriais adotadas pela publicação.

Palavras-chave: Jornal Quilombo, Abdias do Nascimento, Imprensa Negra, Mulher Negra, Mestiçagem, Teatro Negro, Teatro Experimental do Negro.

ABSTRACT

DO AMARAL JÚNIOR, José Nabor. A presença da mulher negra, as estratégias de visibilidade e o Teatro Experimental do Negro nas páginas do jornal Quilombo

Published between 1948 and 1950, in the city of Rio de Janeiro, the newspaper Quilombo – life, problems and aspirations of the black, had a total of 10 editions produced. The present research specifically investigates three editorial choices of the publication: the recurrent presence of the female body and intellectuality, especially black women; miscegenation, in an avowedly black vehicle, as a strategy for visibility and legitimacy of the anti-racist struggle in Brazil and, finally, the approaches around the Teatro Experimental do Negro, an organization that originated the foundation of the newspaper Quilombo. Within this perspective, in parallel with the investigations mentioned above, the visceral and omnipresent figure of the intellectual Abdias do Nascimento in the period is also illuminated. Creator of Teatro Experimental do Negro and the newspaper Quilombo, whose influence defined the editorial characteristics adopted by the publication.

Keywords: Quilombo Journal, Abdias do Nascimento, Black Press, Black Woman, Black Theater, Teatro Experimental do Negro.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Jornal Quilombo.	13
Imagem 2 – Jornal Quilombo.	15
Imagem 3 – Jornal Quilombo.	22
Imagem 4 – Jornal Quilombo.	25
Imagem 5 – Jornal Quilombo.	29
Imagem 6 – Jornal Quilombo.	32
Imagem 7 – Jornal Quilombo.	34
Imagem 8 – Jornal Quilombo.	39
Imagem 9 – Jornal Quilombo.	48
Imagem 10 – Jornal Quilombo.	53
Imagem 11 – Jornal Quilombo.	56
Imagem 12 – Jornal Quilombo.	70
Imagem 13 – Jornal Quilombo.	74

SUMÁRIO

Resumo	06
Palavras-chave	06
Abstract.....	07
Keywords	07
Lista de Imagens	08
Introdução	10
Capítulo I - A ressignificação do belo enquanto política contra-hegemonica ou a insistência em valores estéticos patriarcais? A presença do corpo e da intelectualidade negra feminina nas páginas do jornal <i>Quilombo</i>	21
Capítulo II - O branco no mundo negro: mestiçagem, contradições estéticas e estratégias de visibilidade nas páginas do jornal <i>Quilombo</i>	52
Capítulo III - O Teatro Experimental do Negro nas páginas do jornal <i>Quilombo</i>	69
Conclusão	90
Bibliografia.....	94

Introdução

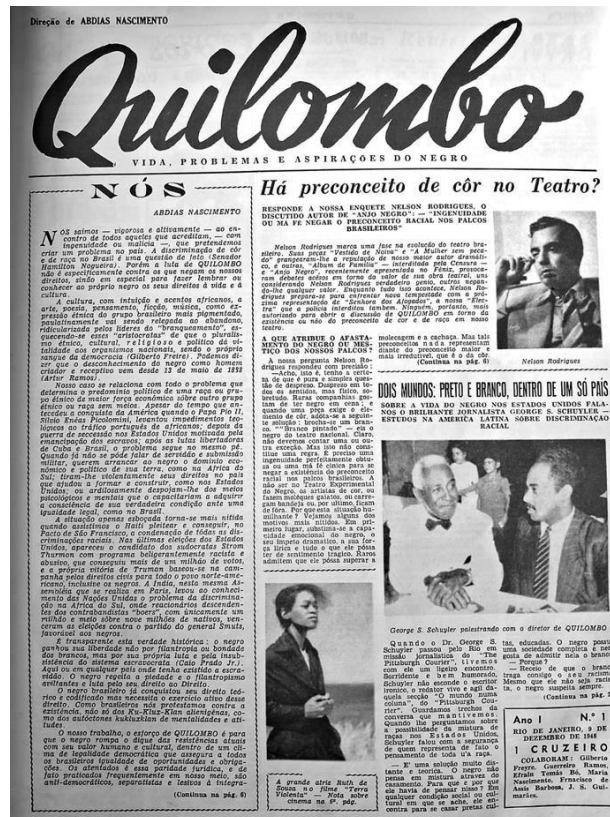
Fundado em 1948, na cidade do Rio de Janeiro, pelo dramaturgo, ator, acadêmico, político, artista plástico e poeta Abdias Nascimento (1914-2011) – a época relativamente jovem em relação às outras lideranças envolvidas com a questão da luta racial no Brasil naquele momento - o periódico *Quilombo – Vida, problemas e aspirações do negro*, teve 10 edições publicadas antes de encerrar suas atividades, por razões econômicas, no ano de 1950. A longevidade restrita e a periodicidade irregular – reflexos da escassez de recursos financeiros que acomete majoritária parcela da população negra no país - aliás, são marcadores que invariavelmente acompanham a história dos veículos da chamada imprensa negra no Brasil desde o seu surgimento, em 1833, no Rio de Janeiro, com a folha *O Mulato Ou O Homem de Cor*, até os dias de hoje. A época do surgimento do jornal *Quilombo*, passados pouco mais de 60 anos da Lei Áurea, a liberdade “concedida” aos negros pelo decreto assinado pela Princesa Isabel ainda não havia sido capaz de torna-los cidadãos de fato e, assim, incluí-los como sujeitos na sociedade brasileira. Assim, a mencionada escassez de recursos financeiros desta população, um dado histórico que ainda hoje, no século XXI, acompanha a trajetória desta majoritária parcela de brasileiros, não deve ser encarada como um fato isolado, mas determinante na trajetória deste jornal, uma vez que ele revela prioritariamente a falência das políticas públicas de distribuição de renda no país, assim como joga por terra o mito de que desfrutamos de uma plena democracia racial. Ou seja, de que há no Brasil uma igualdade entre as diferentes raças que compõe o nosso arcabouço social. O traço comum da precariedade que distingue a maioria das famílias negras brasileiras das demais, evidencia o racismo que alicerçou a base da nossa sociedade, e nos ajuda a compreender, por exemplo, a secular dificuldade deste grupo em ascender socialmente ou, simplesmente protagonizar e manter a saúde financeira de seus empreendimentos, como no caso em questão. Portanto, o surgimento, bem como a curta trajetória do jornal *Quilombo*, tal qual ocorre com a majoritária parcela das iniciativas negras no campo da imprensa, estão umbilicalmente relacionados aos mencionados obstáculos impostos pelo racismo. Diante deste cenário, o jornal *Quilombo* apresenta-se essencialmente como um jornal negro, cuja existência está intimamente vinculada ao fato das demais folhas – leia-se mídia hegemônica - historicamente privilegiarem uma visão eurocêntrica na cobertura jornalística, e conseqüentemente marginalizar, animalizar e invisibilizar a existência da população negra.

Voltando a questão que envolve a fragilidade econômica das iniciativas jornalísticas produzidas por negros e destinadas ao povo negro no Brasil, é esclarecedor o depoimento de um dos mais atuantes personagens deste movimento editorial que teve o seu auge na primeira metade do século XX, em São Paulo, e que posteriormente ganhou o nome de Imprensa Negra Paulista. Trata-se do advogado, sociólogo, historiador, jornalista, ensaísta, poeta, estatístico e economista Raul Joviano do Amaral (1914-1988), um dos fundadores da Frente Negra Brasileira (FNB) e diretor do jornal *A Voz da Raça – Órgão dedicado à classe de cor, crítico, literário e noticioso* (1933-1937). Este último, um dos mais bem sucedidos periódicos da imprensa negra já produzidos no país, visto seu alcance, inovador sistema de assinaturas, impressão em grande escala e a distribuição feita para outros estados brasileiros.

Os iniciadores da imprensa negra, por pertencerem à base da sociedade, colocados no seu grau mais baixo, não tinham condições econômicas para manter a imprensa. É de se adivinhar as dificuldades que se tinham para editar esses jornais. Como mantê-los, se a coletividade, o grupo não tinham nenhum poder econômico? Apenas o sacrifício, a boa vontade de abnegados permitiam a existência desses jornais. Muitos deles despendiam o que ganhavam modestamente para manter e publicar esses jornais. Não havia, por isso, uma periodicidade regular de publicação: quando havia dinheiro, o jornal saía com regularidade; quando não havia, o jornal saía com atraso. Uma das maneiras de sustentar esses jornais era frequentar as sociedades negras existentes na época, distribuí-los e pedir uma contribuição para o próximo número. Os próprios diretores, os próprios redatores iam levá-los às sedes dessas associações. Com o tempo foram criadas cooperativas. Mas, mesmo assim, foi muito difícil mantê-los à base da cooperação porque o negro não tinha condições econômicas. (MOURA, 2002, p. 14).

Antecedendo as especificidades estéticas e editoriais que tornaram o jornal *Quilombo* uma vanguardista experiência jornalística protagonizada por negros brasileiros, é importante pontuarmos que o periódico esteve intimamente ligado ao Teatro Experimental do Negro (TEN), constituindo-se em um importante aliado na divulgação e difusão das ideias, como dos ideais e realizações do grupo, também fundado por Abdias Nascimento, no ano de 1944, com o intuito principal de abrir as portas das artes cênicas brasileiras para atrizes e atores negros a partir da elaboração de uma estética dramaturgica própria, mas que rapidamente expandiu seu raio de atuação para constituir-se em uma importante iniciativa de valorização social do negro e da cultura afro-brasileira tendo as artes e da educação como ferramentas para este propósito. O *Quilombo*, dessa forma, também sintetiza em suas páginas um importante período histórico da luta de um grupo de homens e mulheres abnegados pela afirmação e legitimação da cultura negra no Brasil, que se reorganizava após quase uma década vivendo sob a repressão imposta pelo regime ditatorial conhecido como Estado Novo (1937-1945).

Figura 1 – Jornal Quilombo



Capa da primeira edição do jornal *Quilombo* – *Vida, problemas e aspirações do negro*, publicada em dezembro de 1948, na cidade do Rio de Janeiro. Fonte: Jornal - Quilombo – Vida, problemas e aspirações do negro. Edição fac-similar. Editora 34, 2003, p.19)

Aqui vale um parêntese para uma interessante semelhança entre as publicações *Quilombo*, publicada no Rio de Janeiro, e *A Voz da Raça* (1933), baseada em São Paulo, isso porque o jornal paulistano também estava vinculado a uma organização social, a Frente Negra Brasileira (1931). Considerada a mais importante entidade do movimento negro brasileiro da primeira metade do século XX ao reunir milhares de membros e constituir filiais em vários estados, com o objetivo principal de defender os interesses da comunidade negra, pregando o seu aperfeiçoamento moral e intelectual e lutando contra o racismo e a desigualdade. *A Voz da Raça*, tal qual se repetiria com o *Quilombo* e o TEN anos mais tarde, foi um fundamental instrumento para a expansão dos ideais da FNB, bem como se constituiu em uma eficaz plataforma para a persuasão da militância política negra da época. Foi, por exemplo, em razão da fidelidade conquistada junto ao quadro de associados da FNB, que o jornal *A Voz da Raça* alcançou a respeitável marca de quatro anos ininterruptos de existência e 70 edições publicadas, sendo que no auge da sua circulação as edições eram impressas semanalmente.

Voltando ao jornal *Quilombo* e analisando os artigos e reportagens que vinculou em suas páginas, podemos afirmar que ele foi herdeiro da tradição dos jornais da imprensa negra paulista, que se firmaram como importantes ferramentas na luta contra o preconceito de cor na primeira metade do século XX, com destaque aos periódicos *O Clarim d'Alvorada* (1924-1933) e *A Voz da Raça* (1933-1937) – com menção honrosa aos pioneiros paulistas *A Pátria* (1889) e *O Progresso* (1899). Mas o *Quilombo* foi além, não se resumindo “apenas” em um privilegiado espaço para a denúncia de episódios de racismo e reivindicação por igualdade de direitos, constituindo-se em um sofisticado elo de comunicação entre intelectuais brancos e negros ativos na luta antirracista e no projeto de construção de uma democracia política e social que incluísse de fato, pela primeira vez, os negros. Nesse sentido, o *Quilombo*, ao discutir a música, o cinema, o teatro, as artes visuais e a poesia produzida por negros no Brasil e fora dele – bem como por abrir espaço para uma compreensão sem estereótipos do que seriam as manifestações da então chamada “cultura afro-brasileira”, tais como o candomblé – constitui-se em uma vanguardista plataforma de comunicação que, unindo negros e brancos em um mesmo patamar intelectual, atualizando a relação inter-racial edificada ao longo da campanha abolicionista na segunda metade do século XIX.

Não há jornal que melhor retrate o que foi o ambiente político e cultural de mobilização antirracista brasileira, nos primórdios de nossa democracia contemporânea do que este jornal negro dirigido por Abdias do Nascimento. (GUIMARÃES, 2003, p.11).

Diferentemente da maioria das folhas negras publicadas no Brasil que o antecederam, majoritariamente edificadas por colaborações de mulheres e homens negros, e refletindo aspectos da ideologia pan-africanista que inconscientemente já habitavam as ações contra hegemônicas e antirracistas de Abdias Nascimento, o jornal *Quilombo* congregou num mesmo espaço político e cultural, intelectuais negros e brancos que emprestavam sua grandeza para a construção do pós-racismo brasileiro. Figuraram entre os colaboradores do periódico nomes como Guerreiro Ramos, Ironides Rodrigues, Edison Rodrigues, Solano Trindade, Nelson Rodrigues, Rachel de Queiroz, Gilberto Freyre, Arthur Ramos, Murilo Mendes, Carlos Drummond de Andrade, Péricles Leal, Orígenes Lessa, Roger Bastide. À maneira dos melhores jornais americanos ou franceses da época, o *Quilombo* também publicou com periodicidade intelectuais estrangeiros (negros e brancos) como George Schuyler (jornalista do *Pittsburgh Courier*), o argentino Efraim Tomás Bó, Estanislou Fischlowitz, Paul Vanorden Shaw e Ralph Bunche. Mantendo-se em sintonia com o que se produzia em Paris, Nova York ou Chicago, traduziu e deu a conhecer o texto *Orpheu Negro*, de Jean-Paul Sartre, entrevistou Albert Camus,

reproduziu artigos do *The Crisis*, o jornal negro dirigido por W.E.B. Du Bois, em Nova York; manteve contato regular com a equipe do *Présence Africaine*, órgão da négritude francesa, assim como com os principais jornais negros norte-americanos do período.

Figura 2 – Jornal Quilombo



Detalhe do artigo escrito por Gilberto Freyre, especialmente produzido para a coluna Democracia Racial, e publicado na primeira edição do jornal *Quilombo – Vida, problemas e aspirações do negro*, em dezembro de 1948, na cidade do Rio de Janeiro. Fonte: Jornal - Quilombo – Vida, problemas e aspirações do negro. Edição fac-similar. Editora 34, 2003, p.19)

Intitulada A presença da mulher negra, as estratégias de visibilidade e o Teatro Experimental do Negro nas páginas do jornal *Quilombo*, esta pesquisa pretende, como seu título sugere, investigar especificamente três aspectos da referida publicação: a presença do corpo e da intelectualidade da mulher negra nas páginas do jornal; a mestiçagem intelectual, as

contradições e as complexidades nas colaborações de pensadores não negros nas páginas do jornal, e o modo como se edificou a presença do Teatro Experimental do Negro no periódico.

Antes de destacar os estudos que antecederam esta pesquisa e que revelaram não somente o pioneirismo desta publicação que se impôs como um marco na inserção e valorização da *intelligentsia* negra brasileira na vida nacional, como também aqueles que se detiveram em contextualizar e refletir sobre o *modus operandi* de atuação da imprensa negra no Brasil, é fundamental recordarmos que negro africano escravizado, assim como o negro nascido em solo brasileiro (livre ou não), sempre se colocou como um organizador, um agitador, um inconformado. Os quilombos, as confrarias religiosas, os terreiros de candomblé e a própria imprensa negra, revelam essa insubmissão, o inconformismo com sua realidade precária, a urgência em denunciar, o desejo de se integrar, de fato, a sociedade brasileira, conforme podemos observar no apontamento de um dos intelectuais que melhor sintetizou a histórica luta por igualdade dos negros no Brasil, o sociólogo, jornalista, historiador, e escritor Clóvis Moura:

Em toda a nossa história vemos o negro se organizando, procurando um reencontro com suas origens étnicas ou lutando, através dessas organizações, para não ser destruído social, cultural e biologicamente. (...) Essa tendência do negro a se organizar não surge por acaso. Os grupos que se identificam na sociedade de classes por um estigma que essa sociedade lhes impôs podem, ao invés de procurarem fugir a essa marca, transformá-la em herança positiva, organizar-se através de um ethos criado a partir da tomada de consciência da diferença que as camadas privilegiadas em uma sociedade etnicamente diferenciada estabeleceram. É a valorização da própria etnia do grupo que o faz ver-se como componente específico dentro da sociedade que o discrimina. Esses valores podem ser a reelaboração de um passado cultural ou reivindicações mais atualizadas. (FERNANDES, 1965, p.4)

Se o jornal *Quilombo* foi uma iniciativa descendente de uma longa jornada dos negros brasileiros de se organizarem em busca de alternativas para solucionar o problema do racismo no país, se faz necessário sublinhar que no campo da imprensa negra no Brasil, essa história teve início oficialmente em 1833, na cidade do Rio de Janeiro, com a publicação do jornal *O Homem de Cor*, que a partir do seu terceiro número passou a se chamar *O Mulato Ou O Homem de Cor*, impresso na Tipografia Fluminense de Brito e Cia., de propriedade de Francisco de Paula Brito (1809-1861). “Foi o primeiro jornal brasileiro dedicado à luta contra o preconceito de raça”, afirma Eunice Ribeiro Gondim, autora da biografia Vida e obra de Paula Brito (Livraria Brasileira, 1965). O pioneirismo fluminense ao inaugurar a história da imprensa negra no Brasil ainda na primeira metade do século XIX, contudo, foi suplantado por São Paulo especialmente a partir do início dos anos 1900, quando este contabilizou em pouco mais de meio século (entre 1900 e 1963) quase cinco dezenas de títulos publicados, demonstrando a potência do movimento.

O primeiro dos estudos a se debruçar sobre o tema da imprensa negra no país foi o trabalho *A imprensa negra do Estado de S. Paulo* (In: *Estudos afro-brasileiros*. São Paulo: Perspectiva, 1973), desenvolvido pelo sociólogo francês Roger Bastide, e originalmente publicado no *Boletim CXXI*, vinculado ao Departamento de Sociologia e Antropologia da Universidade de São Paulo (USP), em 1951. Mesmo não traçando um quadro histórico da imprensa negra em São Paulo, a obra de Bastide é fundamental, primeiro por seu pioneirismo e, em segundo lugar, pela preocupação do autor em desvendar, através da imprensa, “a mentalidade de uma raça”. Um trabalho de grande valia, que possibilitou uma melhor compreensão das temáticas mais recorrentes dentro dos periódicos negros, tais como: valorização/exaltação, união/solidariedade, conscientização, educação, preconceito, moral, vícios, participação sócio/político/econômica, propaganda política, representação política e mexericos.

Bastide, aliás, é o primeiro a identificar que, para os negros, “o jornal é sinal de ascensão de tais ou tais indivíduos de uma classe cuja reivindicação principal é a mobilidade social”. Além disso, sua obra também destaca outras importantes características comuns aos jornais negros no Brasil:

“os jornais negros não tem grande tiragem, vivem miseravelmente; poucos duram mais de um ano (...) Se esses jornais têm uma existência frágil, é porque se dirigem a uma classe pobre, que não pode sustentá-los financeiramente; os seus desaparecimentos não indicam, pois, oposição entre a opinião do jornal e a opinião da massa” (BASTIDE, 1951, p.50)

O segundo trabalho a dedicar-se ao tema foi *A integração do negro na sociedade de classes* (1965), do sociólogo Florestan Fernandes, que analisa na obra o processo de urbanização e industrialização em São Paulo a partir de 1900, e que paralelamente a isso faz um traçado histórico do aparecimento dos jornais, dos movimentos negros, suas manifestações e objetivos.

O trabalho *Negros e brancos em São Paulo - Ensaio sociológico sobre aspectos da formação, manifestações atuais e efeitos do preconceito de cor na sociedade paulista* (São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959), reúne escritos dos dois pensadores, Bastide e Fernandes. Florestan Fernandes voltaria ao tema da imprensa negra novamente na obra *O negro no mundo dos brancos* (São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1972).

Ademais, outros dois estudos acadêmicos, realizados por duas mulheres, destacam-se por aprofundarem as pesquisas de Bastide e Fernandes, são eles: *A imprensa negra paulista (1915-1963)* (São Paulo: FFLCH/USP, 1986), de Miriam Nicolau Ferrara; e *Imprensa negra no Brasil do século XIX* (São Paulo: Selo Negro, 2010), de Ana Flávia Magalhães Pinto. Destaque também para os textos que acompanham a publicação dos fac-símiles *Imprensa Negra* (São

Paulo: Imprensa Oficial, 2002) e *Quilombo – Vida, problemas e aspirações do negro* (São Paulo: Editora 34, 2010).

Num momento em que os estudos sobre o negro já estavam ficando repetitivos, inflacionados por abordagens sobre preconceito de cor, racismo, marginalização do negro e outros temas correlatos, a autora nos dá um trabalho sobre assunto quase intocado. Afora o de Roger Bastide não temos conhecimento de outro do porte do presente. Este aspecto inovador deve também ser creditado à autora. Se ela consegue repensar o pensamento do grupo negro, ela, ao mesmo tempo, abre picada para que sejam usadas novas técnicas de pesquisa e sugere que se procurem novos aspectos do problema do negro para enlarguimento do leque da temática. (MOURA, 1986, p.20)

O grande diferencial do trabalho da pesquisadora Miriam Nicolau Ferrara reside no fato da mesma ter conseguido acesso a uma enorme massa de material empírico (coleções de jornais), além de depoimentos e confidências de alguns dos veteranos fundadores dessa imprensa, resultando em uma reflexão interpretativa de elevado valor histórico. Porém, apesar do refinado detalhamento dos jornais negros produzidos em São Paulo entre 1915 e 1963, Miriam reproduz em sua pesquisa a mesma delimitação histórica esboçada por Roger Bastide no ensaio *A Imprensa Negra no Estado de São Paulo* (1973), tendo o jornal *O Menelick*, fundado em 1915, como o inaugurador da imprensa negra paulista.

É por isso que o trabalho de Ana Flávia Magalhães Pinto é um dos mais reveladores, pois joga luz, de maneira inédita, sob a produção editorial da imprensa negra paulista ainda no século XIX. Desse modo, avançando, portanto, o período descortinado por outras pesquisas, que traçavam o início da imprensa negra em São Paulo a partir do século XX, com algumas exceções, como a referência feita por Cleber da Silva Maciel (1997) ao *O Baluarte – Orgão oficial do “Centro Literário dos Homens de Cor”*, editado em Campinas em 1903, e ao quadro feito por Petrônio Domingues (2008) reconhecendo mais outros jornais do início do século XX. Assim, além de contextualizar a trajetória de jornais como *O Mulato* ou *O Homem de Cor* (RJ), *Brasileiro Pardo* (RJ), *O Cabrito* (RJ), *O Lafuente* (RJ), *O Homem* (PE) e *O Exemplo* (RS) – todos produzidos ainda no século XIX, Ana Flávia avança a memória rumo ao passado paulista, apresentando-nos os periódicos *A Pátria* (1889) e *O Progresso* (1899).

Pouco depois do fim da escravidão, mas não dependente desse evento, o jornal *A Pátria* apareceu em São Paulo em 1889. Sua fala, marcada pelo reconhecimento e o compromisso com seus antepassados, pais, avós e pares recém-libertos do escravismo, destacou-se também por incontestável simpatia para com o republicanismo, entendido como o passo seguinte rumo à extinção do “preconceito de cor”. Curiosamente, no transcurso de dez anos, tais expectativas assumiriam a forma de decepções nas páginas de *O Progresso*, de autoria de outro grupo. A proclamação da República não garantiria melhores condições de vida para os cidadãos negros, em vez disso o quadro agravou-se. Por esse motivo, a folha optava por não se vincular a qualquer disputas

políticas hegemônicas, voltando-se para o fortalecimento da luta dos negros em seu próprio benefício. (MAGALHÃES PINTO, 2010, p.21)

Além dessas obras específicas, outras publicações que circundam o tema principal desta pesquisa, a Imprensa Negra no Brasil, também contribuíram para o aprimoramento do debate e entendimento sobre a relevância deste movimento para a história da imprensa no país, bem como para a própria construção da identidade brasileira. Entre estes estudos estão: *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil – Identidade nacional versus identidade negra* (Belo Horizonte: Autêntica, 2004), de Kabengele Munanga; *As associações dos homens negros de cor e a imprensa negra paulista: movimentos negros, cultura e política no Brasil republicanos (1915-1945)* (Belo Horizonte: Daliana, 1997), de Antônio Liberac Cardoso Simões Pires; *História do Negro brasileiro* (São Paulo: Ática, 1992), de Clóvis Moura, e *Vida e obra de Paula Brito: iniciador do movimento editorial no Rio de Janeiro (1809-1861)* (Rio de Janeiro, Livraria Brasileira, 1965), escrito por Eunice Ribeiro Gondim.

No final dos anos 1970, especificamente em 1977, um importante evento promovido na Pinacoteca do Estado de São Paulo, e propiciado pelo devotamento de Eduardo de Oliveira e Oliveira, reuniu uma série de exemplares impressos e fotografias na exposição *A Imprensa Negra em São Paulo (1918-1965)*. Mesmo sem a pretensão de apresentar uma visão completa da imprensa dos homens de cor do estado, a mostra forneceu pistas sobre os esforços empenhados por homens e mulheres negros da segunda geração do pós Abolição de se afirmar no plano cultural. Do ponto de vista da visibilidade deste movimento editorial, a ação realizada na Pinacoteca cumpriu um importante papel, visto que não foi realizada, por exemplo, tendo como motivo uma efeméride. No catálogo da mostra, Oliveira e Oliveira sintetizou a relevância desta imprensa.

Esta quinzena, às vésperas dos 90 anos da abolição da escravidão no Brasil (1888-1978) além de reverenciar alguns brasileiros que tem contribuído para a história pátria como Jayme de Aguiar, José Correia Leite, Arlindo Veiga dos Santos, Henrique Cunha, Raul Joviano do Amaral, Vicente Ferreira – e que tem permanecido à margem desta história porque seus cronistas, aqueles que com ela se identificam não tiveram até agora os meios exigidos para que se tornem arauto dessas verdades, caracteriza-se por um aspecto que nos parece de maior relevância – revelar o negro como criatura e criador. Numa palavra: Sujeito. (OLIVEIRA, 1977, p.3)

Em 2010, em comemoração ao bicentenário do nascimento de Francisco de Paula Brito, o Museu Afro Brasil, em São Paulo, organizou a exposição *Francisco de Paula Brito – 200 anos do primeiro editor brasileiro*. Filho de Maria Joaquina Conceição Brito, negra nascida livre, e do carpinteiro Jacintho Antunes Duarte, Paula Brito (1809-1861), editor do primeiro jornal negro do país, o periódico *O Mulato Ou O Homem de Cor* (1833), publicado no Rio de

Janeiro – cidade onde nasceu, viveu e morreu - é considerado também o primeiro editor do país. O catálogo da exposição, de nome homônimo a mostra, é um interessante documento que, além de apresentar fatos da vida do editor, se revela um precioso material que organiza a vida urbana dos negros no Rio de Janeiro ao longo do século XIX, antecipando o cenário que serviria de pano de fundo para a publicação do jornal *Quilombo*, objeto deste estudo.

Por fim, cabe destacar os livros *Abdias Nascimento – O griot e as muralhas* (Pallas, 2006), de Éle Semog e Abdias Nascimento, e *Abdias Nascimento* (Selo Negro, 2009), de Sandra Almada, que resgatam as origens da combatividade de Abdias, sua infância, amigos... assim como revelam as histórias por trás da fundação do Teatro Experimental do Negro (TEN) e do jornal *Quilombo*, bem como traçam o percurso histórico desse respeitado militante pelas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, e o modo como a vida nessas cidades o influenciou.

A presente pesquisa, portanto, vem somar-se a uma série de trabalhos acadêmicos que, especialmente a partir dos últimos anos do século XX, quando passaram a ser mais recorrentes nas universidades, fomentaram as discussões sobre o papel da imprensa negra enquanto um movimento aglutinador, emancipatório e necessário dada as circunstâncias que ainda hoje afetam a população negra no Brasil. No caso específico deste trabalho, o objetivo principal é, a partir da análise de três aspectos marcantes na trajetória do jornal *Quilombo*, apresentar argumentos técnicos e teóricos que comprovam seu caráter pioneiro e vanguardista, demarcando assim sua relevância dentro do processo histórico da construção de uma identidade negra sedimentada em valores contra hegemônicos e calcada no acesso as artes e a educação como elementos emancipatórios e de alteração de status social.

CAPÍTULO I - A resignificação do belo enquanto política contra-hegemônica ou a insistência em valores estéticos patriarcais? A presença do corpo e da intelectualidade negra feminina nas páginas do jornal *Quilombo*

O modelo de organização social patriarcal que vivemos no Brasil, sistema que atribui ao homem o poder primário e predominante em funções de liderança política, moral e social, e que por consequência destina à mulher uma função secundária e submissa, é historicamente responsável por usurpar dessas qualquer tipo de autonomia e protagonismo em nossa sociedade. Em tratando-se de corpos femininos e o modo como estes se relacionam com o mundo ao seu redor, fatores como erotização, objetificação e hipersexualização, são especialmente mais complexos quando falamos das mulheres negras. Visto que, além da condição de mulheres, carregam consigo um marcador racial que, desde o início do processo de escravização de mulheres e homens negros no continente africano é identificado pelo outro, leia-se racistas, como inferior. Valores e ideologias semelhantes também predominam em nossa sociedade quando esta, constantemente, busca ofuscar, invisibilizar e negar à mulher seu protagonismo intelectual, político, social e histórico na construção da nossa sociedade. E novamente, o marcador racial torna a situação das mulheres negras ainda mais difícil em comparação as demais.

A resignificação dessas duas características sociais acima destacadas – o protagonismo intelectual e o que se convencionou como padrão de beleza – que ainda hoje insistem em subjugar as mulheres negras, foram tomadas como pontos nevrálgicos no projeto editorial do jornal *Quilombo – Vida, problemas e aspirações do negro* que, em todas as suas 10 edições, estampou em suas páginas o corpo da mulher negra enquanto um fator de visibilidade positiva e ferramenta contra hegemônica aos conceitos eurocêntricos de beleza. Paralelamente a isso, a publicação iluminou a capacidade intelectual da mulher negra ofertando-lhes as páginas do jornal para a veiculação das suas subjetividades narradas em primeira pessoa.

O presente capítulo, portanto, busca analisar e elucidar, do ponto de vista cultural, o modo como a mulher negra, em especial a representação peculiar da sua estética anatômica e subjetividade intelectual, aparecem na publicação. Para isso, a presente pesquisa se vale, entre outros, dos estudos pós-colonialistas, inaugurados por Edward Said com a obra *Orientalismo* (1978), quando autores nativos começaram a questionar de forma sistemática a visão europeia sobre seus povos e sua cultura, apontando o eurocentrismo como uma marca no modo de se pensar o mundo. Esse dado é fundamental para compreendermos o posicionamento contra

hegemônico adotado pelo jornal, que se coloca como uma iniciativa de comunicação que se opõe ao *status quo* responsável por normatizar a presença dos corpos e da intelectualidade negra como elementos de caráter inferior e impuro.

Figura 3 – Jornal Quilombo



Capa da quinta edição do jornal *Quilombo – Vida, problemas e aspirações do negro*, publicada em janeiro de 1950, na cidade do Rio de Janeiro. No destaque, a pianista norte-americana Philippa Duke Schuyler. Fonte: *Jornal - Quilombo – Vida, problemas e aspirações do negro*. Edição fac-similar, Editora 34, 2003, p.19)

Ao incluir a mulher negra enquanto protagonista intelectual de suas histórias, o jornal *Quilombo* não apenas rompe com a tradição editorial dos jornais da imprensa negra no Brasil, que até então relegavam a participação da mulher negra em suas folhas a posições secundárias, como também, de maneira vanguardista, antecipa inclusive o movimento cultural e político *Black Is Beautiful*, surgido nos Estados Unidos na década de 1960, e que lutava por uma

inclusão e percepção igualitária do corpo negro na sociedade, para ajudar a desfazer todas as ideias negativas provocadas por uma história baseada na supremacia branca.

Outro teórico que nos ajuda a elucidar a questão é o sociólogo britânico-jamaicano Stuart Hall, para quem:

“o estabelecimento da normalidade (ou seja, o que é aceito como ‘normal’) através de tipos sociais e estereótipos é um aspecto do hábito de grupos de decisão (...) que tentam moldar toda a sociedade de acordo com sua própria visão de mundo, sistema de valores, sensibilidades e ideologia”. (Dyer, 1977, p. 30 apud Hall, 2016, p. 193).

A presente análise busca compreender os impactos sócio culturais proporcionados por esta publicação, que ousou desconstruir a percepção normatizada em nossa sociedade de que a cor da pele, os traços faciais e o cabelo das mulheres negras são inerentemente feios, ao passo que também ressignificou o estereótipo encampado pelas teorias raciais introduzidas no cenário brasileiro no século XIX (como o positivismo, o evolucionismo e o darwinismo), que vinculava a raça negra como incivilizável e não suscetível ao progresso, promovendo a publicação constante de textos assinados por mulheres negras.

Este estudo se baseia ainda nos processos históricos que objetificaram o corpo da mulher negra, aqui ancorados no conceito de fetichização em um contexto racial presente nos estudos de Emerich Daroya, doutor em filosofia pela Universidade de Toronto, no Canadá, e para quem a fetichização “é uma forma de desejo sexual na qual o prazer está baseado na objetificação da raça”. (Daroya, 2011, p. 5).

Além de reunir em suas páginas um vasto e diverso número de intelectuais negros e brancos dedicados, direta ou indiretamente, em contribuir para luta antirracista no Brasil e, consequentemente, para a plena inclusão social e dignidade da comunidade negra no país, o jornal *Quilombo – Vida, problemas e aspirações do negro*, apresentou outras duas características editoriais, presentes em todas as suas 10 edições, que hoje, no início da segunda década do século XXI, podem ser interpretadas como vanguardistas para o período. São elas: a presença do corpo da mulher negra enquanto visibilidade positiva e ferramenta contra hegemônica aos padrões eurocêntricos de beleza; e o protagonismo intelectual da mulher negra a partir da valorização da sua subjetividade. O pioneirismo dessas particularidades que caminharam a par-e-passo durante o curto período de existência do jornal *Quilombo* pode ser observado não somente em comparação aos demais periódicos negros brasileiros do período, como também a importantes movimentos pela igualdade entre negros e brancos promovidos no ocidente na primeira metade do século XX.

O mundialmente conhecido mito de Narciso, uma das histórias mais famosas da mitologia grega, narra a história de Narciso, um homem que, resumidamente, era tão belo e tão

vaidoso que, após desprezar inúmeras pretendentes, acabou se apaixonando pelo próprio reflexo, morrendo de fome e sede à beira da fonte de água onde via sua imagem refletida. O mito de Narciso, portanto, pode nos auxiliar na compreensão das imposições e fragilidades presentes no eurocentrismo – visão de mundo que coloca o continente europeu como elemento fundamental na constituição da sociedade moderna, protagonista da história do homem e que, por consequência, invisibiliza, subjuga e diminui as demais contribuições surgidas para além do continente - e o modo como o jornal *Quilombo* buscou desconstruir esse conceito por aqui implementado desde 1500, quando da chegada dos primeiros portugueses a terra posteriormente batizada com o nome de Brasil.

A ausência ou distorções da imagem do negro nos meios de comunicação é uma forma de violência que se pratica contra os descendentes dos escravos extremamente dolorosa, cruel e prejudicial, pois sem referenciais positivos, o negro, enquanto grupo racial, simplesmente deixa de existir. (QUINTÃO, 2004, p.58)

Iniciado com o processo de modernização estabelecido pelo iluminismo, mas já observado a partir das grandes navegações do século XVI, quando portugueses, espanhóis, holandeses e ingleses resolveram conquistar territórios além-mar, o eurocentrismo diz respeito à percepção de que a Europa, sua história e suas questões, são centrais em relação ao resto do mundo. Ou seja, é a maneira de explicar o mundo a partir da Europa, seja através da história, da cultura, da economia... Não é exagero afirmarmos, portanto, que o eurocentrismo foi fator centralizador do processo de edificação da sociedade ocidental. Um dos mais emblemáticos exemplos da sua efetivação foi a adoção de comportamentos como a exposição de pessoas de outras etnias como troféus quando levadas a Europa.

A partir de uma série de estudos desenvolvidos por inúmeros pesquisadores ao longo do século XX, hoje não apenas sabemos, como podemos afirmar com base teórica que a América, a África, a Ásia e a Oceania possuem histórias próprias. Mas mesmo o reconhecimento dessas subjetividades, há pouco tempo, se dava a partir do que os europeus escreviam sobre estes lugares, impondo-se com irrefutável soberania hegemônica diante de sociedades politicamente fragilizadas e economicamente dependentes. Portanto, ao se colocar como uma iniciativa jornalística que se opõe ao *status quo* responsável por normatizar a presença dos corpos e da intelectualidade negra como elementos de caráter inferior e impuro, o jornal *Quilombo* se coloca também como um importante ator na luta contra o poder hegemônico que moldou a sociedade ocidental como a conhecemos hoje.

Neste sentido, antecipando em pouco mais de uma década o movimento cultural *black is beautiful*, iniciado nos Estados Unidos da América nos anos 1960, e cujo objetivo central era eliminar a ideia vigente em muitas culturas ao redor do mundo de que as características

naturais à população negra – como, por exemplo, a cor da pele, os traços faciais e o cabelo – são inerentemente feios; e em segundo lugar, renunciando os estudos pós-colonialistas, inaugurados por Edward Said com a obra *Orientalismo* (1978), quando autores nativos começaram a questionar de forma sistemática a visão europeia sobre seus povos e sua cultura, apontando o eurocentrismo como uma marca no modo de se pensar o mundo, o jornal *Quilombo* exaltou, promoveu e deu dignidade e voz, tanto as particularidades físicas como a capacidade intelectual dos negros brasileiros e, no caso específico, da mulher negra, em todos os seus 10 números publicados. Sendo que em sete das suas edições os atributos físicos da mulher negra, sem a necessidade de objetificá-la para isso, foram exaltados na capa do periódico, tradicionalmente a página de maior visibilidade e prestígio em uma publicação impressa.

Figura 4 – Jornal Quilombo



Nota publicada no quarto número do jornal *Quilombo – Vida, problemas e aspirações do negro*, em julho de 1949, na cidade do Rio de Janeiro. O texto destaca a abertura das inscrições de mais uma edição do concurso de beleza negra Boneca de Pixe. Fonte: *Jornal - Quilombo – Vida, problemas e aspirações do negro*. Edição fac-similar. Editora 34, 2003, p.58)

Esse movimento de exaltação do corpo – enquanto valor estético positivo, e da intelectualidade da mulher negra liderado pelo jornal é um dado fundamental para entendermos

a importância histórica da publicação enquanto um veículo de afirmação da subjetividade negra e da construção de uma identidade baseada em referenciais não estereotipados. Mais interessante ainda é observarmos que este não foi um movimento involuntário, conforme palavras de Abdias Nascimento, fundador do Teatro Experimental do Negro e do jornal *Quilombo*.

O problema da oficialização do tipo da mulata é uma das coisas mais repugnantes do teatro brasileiro. A mulata é feita simplesmente como objeto sexual, como uma carne a venda, e isto é um fato que o Teatro Experimental do Negro veio contestar, questionar e se possível superar, essa falta de respeito a mulher negra. Quando eu digo mulata, estou dizendo mulher negra. Esse teatro de estereótipo, sobretudo o chamado teatro de revista, só põe a mulata em termos pejorativos, como prostituta, uma mulher absolutamente carente de qualquer princípio ético. (NASCIMENTO, 2006, p.123)

Para além da cirúrgica análise dispensada por Abdias Nascimento ao definir o *modus operandi* da participação da mulher negra no teatro brasileiro do período, é fundamental observarmos em sua fala que o cerne do problema sublinhado não está na atração física por si só, ou no desejo sexual e afetivo pela pessoa negra em cena. E sim na banalização do corpo, no aprisionamento do corpo negro nesse lugar objetificado, selvagem, incivilizado, construído pelo outro, no caso, o mundo Ocidental. É o discurso eurocentrista e preconceituoso que aprisiona o negro na visão animalizadora e o destitui de sua humanidade. No caso em tela das mulheres, sua imagem foi construída simbolicamente como dotada de erotismo, e produto das mídias e narrativas que prestam o papel de comercializar e espetacularizar essa imagem mundo a fora. A objetificação sexual da mulata delimita o seu espaço enquanto ser humano e mulher, tornando-a uma figura mítica do desejo imaginário escravocrata e sustentando a manutenção e perpetuação da dominação patriarcal, contribuindo para o controle sócio político de uma nação. Seria está, portanto, uma construção social fetichizada do corpo negro.

Partindo do pressuposto que o sistema capitalista desenvolveu na contemporaneidade uma modalidade nova de fetiche, que precisa ser melhor investigada naquilo que seria apenas a ponta de seu *iceberg*: as imagens; o jornal *Quilombo* atua com a intenção de ressignificar o fetichismo dessas imagens, emprestando valor simbólico e humanidade as mulheres negras, em contraponto ao clichê da “mulata sensual”, “quente” e “insaciável”.

O teórico cultural e sociólogo britânico-jamaicano Stuart Hall vai afirmar que a dinâmica de exclusão da normalidade é pertinente à luta pela hegemonia, dentro do pensamento de Gramsci.

O estabelecimento da normalidade (ou seja, o que é aceito como “normal”) através de tipos sociais e estereótipos é um aspecto do hábito de grupos de decisão (...) que tentam moldar toda a sociedade de acordo com sua própria visão de mundo, sistema de valores, sensibilidades e ideologia. Essa concepção de mundo está tão clara para

esses grupos, que fazem com que ela pareça (como realmente parece para eles) “natural” e inevitável” para todos e, na medida em que têm sucesso nessa empreitada, eles estabelecem sua hegemonia (Dyer, 1977, p. 30 apud Hall, 2016, p. 193).

É a partir destas dinâmicas de poder e dos estereótipos que o fetichismo emerge. Segundo Emerich Daroya, doutor em filosofia pela Universidade de Toronto, no Canadá, em um contexto racial, a fetichização “é uma forma de desejo sexual na qual o prazer está baseado na objetificação da raça” (DAROYA, 2011, p. 5). Stuart Hall vai colocar a fetichização como uma prática representacional que se configura a partir da “substituição do todo pela parte, de um sujeito por uma coisa – um objeto, um órgão, uma parte do corpo” (HALL, 2016, p. 205).

O fetichismo nos leva para o reino onde a fantasia intervém na representação; para o nível no qual aquilo que é mostrado ou visto na representação só pode ser entendido em relação ao que não pode ser visto, ao que não pode ser mostrado. O fetichismo envolve substituir por um “objeto” uma força perigosa, mas proibida. (HALL, 2016, p. 206).

O fetichismo proposto pela linha de pesquisa psicanalítica, dando ênfase a Psicanálise freudiana, diz sobre um fetichismo patológico, propondo uma afirmação onde o mesmo irá ocorrer com o sujeito em determinada fase de sua vida, em especial ao desenvolvimento do sujeito perante a dissolução do Complexo de Édipo frente a castração, e possivelmente estabelecerá um objeto do desejo ligado a infância em algum momento da sua existência, proporcionando a constituição do fetiche como defesa.

Há ainda quem associe a precocidade sexual dos homens brasileiros nascidos e criados em engenhos e fazendas a relação histórica com as amas de leite. Gilberto Freyre, em *Casa Grande e Senzala*, por exemplo, observa este ponto no seguinte trecho da obra:

Já houve quem insinuasse a possibilidade de se desenvolver, das relações íntimas da criança branca com a ama de leite negra, muito do pendor sexual que se nota pelas mulheres de cor, por parte do filho-família, nos países escravocratas. A importância psíquica do ato de mamar, dos seus efeitos sobre a criança, é, na verdade, considerada enorme pelos psicólogos modernos; e talvez tenha alguma razão Calhou para supor de grande significação esses efeitos no caso de brancos criados por amas negras. (FREYRE, 1998, p.283)

Não é de interesse deste trabalho definir que somente a mulher negra, ou mulata, é acometida pela objetificação do seu corpo. É consenso que as mulheres, na estrutura patriarcal e machista em que ainda vivemos, independente da sua cor, são objetificadas culturalmente e usurpadas de qualquer autonomia. Para o gênero feminino, há um processo compulsório a ser vivido para que a soberania sobre a própria sexualidade seja retomada. A proposta, portanto, não é de negar a objetificação, exploração e violência cometidas contra qualquer mulher, mas sim de saber que há diversidade nos contextos, e que a exploração e a violência sexual acomete com maior incidência as mulheres negras. É preciso lidar diretamente com as especificidades

de cada grupo e promover discussões mais abrangentes, expondo os valores racistas enraizados e estabelecendo um ambiente onde as mulheres negras possam ser protagonistas de suas histórias.

É este o protagonismo ofertado pelo jornal *Quilombo*, observado no esforço da publicação em tirar a mulher negra da posição de objeto, que o coloca no topo dos mais importantes periódicos negros forjados no Brasil ao longo de todo o século XX. Dissecando em números a presença feminina nas páginas do jornal, fica ainda mais evidente sua proposital postura editorial em se constituir enquanto uma plataforma crítica a favor da valorização social do negro no Brasil através da educação, da cultura, da arte e da participação na vida política do país por meio de representações textuais e imagéticas positivas, resgatando simbolicamente os valores humanos, intelectuais e as características anatômicas do grupo. Tudo isso sem abandonar o incisivo discurso reivindicatório – presente especialmente em seus editoriais - que marcou o surgimento dos jornais da imprensa negra no país.

Figura 5 – Jornal Quilombo



Capa da nona edição do jornal *Quilombo – Vida, problemas e aspirações do negro*, publicada em maio de 1950, na cidade do Rio de Janeiro. No destaque a jovem Caty Silva, eleita a Boneca de Pixe de 1950. Fonte: Jornal - *Quilombo – Vida, problemas e aspirações do negro*. Edição fac-similar. Editora 34, 2003, p.95)

Não é por acaso, portanto, que entre um total de 110 fotografias com figuras femininas publicadas nas 10 edições do jornal, em 90 delas aparecem mulheres negras. Nessas imagens, essas mulheres negras estão sozinhas ou acompanhadas por homens, crianças, idosos e mulheres brancas. Em 48 das 90 fotografias em que aparecem mulheres negras, há a presença de pelo menos um homem na imagem e em 22 fotografias elas aparecem sozinhas. Destas 22 fotografias, em 11 delas, as mulheres negras ocupam lugar de destaque no jornal. Como fotografia de destaque consideramos as imagens em que as mulheres negras aparecem sozinhas

e/ou em fotografias que ocupam meia página, ou mais, dentro da publicação. Nas 110 produções imagéticas que retratam figuras femininas, as mulheres brancas aparecem em 14 fotografias. Dessas 14, em seis elas aparecem junto com as mulheres negras. Somente em três fotografias as mulheres brancas aparecem sozinhas.

Esses números tornam-se ainda mais potentes e significativos se considerarmos que o apagamento da presença feminina, de modo geral, era acentuadamente observado em todos os âmbitos sociais a época, e ainda mais perverso no caso das mulheres negras. Dentro deste contexto, se faz necessário observar que foi somente em 24 de fevereiro de 1932, que o Código Eleitoral passou a assegurar o voto feminino no Brasil. E em 1934, o voto feminino passou a ser previsto na Constituição Federal. Ou seja, a própria participação efetiva na democracia brasileira era algo ainda recente para as mulheres do país. Na França, por exemplo, as mulheres casadas receberam o direito de trabalhar sem a permissão de seu marido somente em 1965. O protagonismo da mulher negra em uma publicação era, portanto, um audacioso movimento emancipatório para a época.

Além de promover conferências, como uma sessão em homenagem a Cruz e Souza, na qual falaram Andrade Murici, crítico, e Augusto Frederico Schmidt, poeta, um recital de poesias abolicionistas de Castro Alves, com cenarisação, efeitos plásticos e canto coral, o T.E.N. realiza dois concursos anuais: um para a escolha da “Rainha das Mulatas” e outro para a eleição da “Boneca de Pixe”. No primeiro desses certames já foram escolhidas Maria Aparecida Marques, professora pública e locutora de rádio, em 1947, e Mercedes Batista, do corpo de baile do Municipal, no corrente ano. “A Boneca de Pixe de 48” foi a srta. Maria Tereza. Para encerrar esses concursos, o T.E.N. promove bailes nos salões do Clube Botafogo e High Life, e o apoio do Sr. Carlito Rocha, líder esportivo, e da Empresa Paschoal Segreto à frente, deve ser registrado com alegria, pois ambos nos dão o testemunho de que a generosidade, a colaboração desinteressada, ainda é possível entre os homens. (NASCIMENTO, 1948, p.7)

Foi com esta nota de um parágrafo, publicado na coluna *Iniciativas de Caráter Social*, acompanhada de uma fotografia exibida na página anterior da então recém integrante do corpo de baile do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, a jovem bailarina Mercedes Batista, que havia sido eleita a “Rainha das Mulatas de 1948”, que o jornal *Quilombo* demonstrou, já em seu número inaugural, a inclinação política e social de valorizar, sem vulgaridade, os atributos físicos da mulher negra enquanto ferramenta contra hegemônica ao padrão branco ocidental que ainda hoje reflete nos conceitos que definem a beleza feminina. A medida, que hoje pode ser entendida como uma ação de objetificação do corpo da mulher, tinha na verdade o objetivo de ressignificar os padrões de beleza socialmente estabelecidos. E mais do que isso, contrapor as teses eugênicas que se utilizavam do modelo racial para explicar as diferenças e hierarquias sociais, e que ainda ecoavam timidamente pelo país no final dos anos 1940.

Transformada em um movimento científico e social vigoroso a partir dos anos 1880, a eugenia cumpria metas diversas. Como ciência, ela supunha uma nova compreensão das leis da hereditariedade humana, cuja aplicação visava a produção de “nascimentos desejáveis e controlados”; enquanto movimento social, preocupava-se em promover casamentos entre determinados grupos e – talvez o mais importante – desencorajar certas uniões consideradas nocivas à sociedade. O movimento de eugenia incentivou, portanto, uma administração científica e racional da hereditariedade, introduzindo novas políticas sociais de intervenção que incluíam uma deliberada seleção social (SCHWARCZ, 1993, p.60)

A presença regular do corpo não erotizado e da subjetividade intelectual da mulher negra nas páginas de *Quilombo* só pode ser entendida dentro de um contexto mais amplo, e que engloba os interesses político-sociais de Abdias Nascimento, bem como as perspectivas de luta social e artística que alicerçaram a fundação do Teatro Experimental do Negro (TEN), em 1944. Importante ressaltar, por exemplo, o apoio impetrado por Abdias para que as mulheres do TEN criassem, no interior da organização, a Associação de Empregadas Domésticas e o Conselho Nacional de Mulheres Negras.

(...) o mais emocionante foi o movimento das empregadas domésticas. Foi a maior mobilização, uma falava para a outra de nossas aulas de alfabetização. Uma militante muito ativa nessa época foi a Arinda Serafim. Ela era amiga de todas as domésticas e passava de casa em casa chamando, divulgando. (...) Mais tarde, criamos um departamento para estudar os direitos das empregadas domésticas. (NASCIMENTO, 2006, p.128)

Não por acaso, as mulheres negras que estamparam as páginas do jornal são exibidas com altivez e, em boa parte, com os corpos cobertos, revelando modos de elegância e sofisticação, até então socialmente desvinculados a elas. Assim como os concursos de beleza negra promovidos pelo TEN e divulgados no jornal *Quilombo* não valorizavam só e tão somente os aspectos físicos dessas mulheres. Pelo contrário:

O certame, tendo a finalidade de promover a valorização social da mulher de cor não poderia se ater apenas à beleza física das candidatas, tendo sido exigido também qualidades morais, predicados de inteligência, requisitos de graça e elegância. (NASCIMENTO. Jornal *Quilombo*, n.9, p.6, 1949).

Recém aprovada em disputado concurso público que a capacitou a integrar o corpo de baile do Theatro Municipal, tornando-se assim a primeira mulher negra a conseguir, a jovem bailarina Mercedes Batista, que posteriormente viria a integrar o Teatro Experimental do Negro, primeiro como bailarina, e depois como coreógrafa, foi a primeira mulher ter a sua beleza reverenciada nas páginas do jornal *Quilombo*. Sentada em um banco e usando um longo vestido – aparentemente rendado, e ostentando uma coroa sob os seus longos cabelos, Batista ocupa considerável espaço na página 06 da primeira edição do jornal. Com um

sorriso discreto, foi brevemente descrita com a seguinte legenda: “Mercedes Batista, do corpo de baile do Theatro Municipal, eleita ‘Rainha das Mulatas de 1948’”.

Figura 6 – Jornal Quilombo



Fotolegenda publicada na terceira edição do jornal *Quilombo – Vida, problemas e aspirações do negro*, que circulou em junho 1949, na cidade do Rio de Janeiro. No destaque, as jovens Terezinha de Jesus e Dalva, candidatas aos concursos de beleza negra Rainhas das Mulata e Boneca de Pixe. Fonte: Jornal - *Quilombo – Vida, problemas e aspirações do negro*. Edição fac-similar. Editora 34, 2003, p.46)

Vale ressaltar que em 1947, ou seja, um ano antes da fundação do jornal *Quilombo*, o TEN havia promovido a primeira edição do concurso Rainha das Mulatas, tendo como critérios de julgamento o “talento criativo; os dotes intelectuais e a postura ética das candidatas”. A jovem Maria Aparecida Marques foi a eleita daquele ano. Há na capa do segundo número do jornal *Quilombo*, publicado em 9 de maio de 1949, uma fotografia referente ao episódio, com a seguinte legenda: “Candidatas ao primeiro concurso de beleza negra realizado

no Brasil, a 13 de maio de 1947, vendo-se na extrema direita a vitoriosa sta. Maria Tereza, eleita ‘Boneca de Pixe’ do ano”.

Do ponto de vista histórico, segundo levantamento da pesquisadora Maria Aparecida de Oliveira Lopes, “o primeiro concurso de beleza negra organizado pelo movimento negro, ou mais especificamente promovido pelo jornal *Getulino*” (2011, p.170), foi realizado no início dos anos 1920, na cidade de Campinas, no interior do estado de São Paulo.

A primeira nota encontrada sobre o concurso foi inquietante, tratou de exibir de antemão, a suntuosidade do evento, em termos de prêmio e ambiente festivo, para estimular as moças negras “de família” a participar do concurso. (OLIVEIRA LOPES, 2011, p. 171).

O equívoco de apresentar o concurso Boneca de Pixe de 1947 como o primeiro concurso de beleza negra do país, não diminui o afã da publicação em se colocar como um veículo instaurador de uma democracia estética que valorizasse as características negroides da mulher brasileira, numa tentativa de buscar redefinir o padrão hegemônico ocidental de beleza. Neste sentido, o jornal *Quilombo* foi pioneiro, tal qual contraditório como é possível observarmos ao longo da sua curta trajetória.

Uma das contradições entre discurso e prática podem ser observadas se olharmos atentamente as fotografias dos concursos publicadas em *Quilombo*. Uma vez que nas imagens das candidatas é possível observarmos que tanto os trajes como os acessórios utilizados - como brincos, colares e luvas - por mais que as fotografias sejam em preto e branco, em nada remetem a uma construção estética que apresente elementos de uma moda referenciada a identidade brasileira ou africana. É muito provável que os vestidos usados pelas candidatas pertencessem a elas próprias, e que certamente vestiram-se com suas mais belas roupas para a ocasião. Chama a atenção também os cabelos e penteados das moças, todas apresentam um coque, arranjo que “controla” os cachos e que remete a uma certa elegância segundo padrões estéticos observados em revistas e filmes da época, mas que em nada exaltavam a beleza natural do cabelo afro. Pelo contrário, nota-se pelas imagens que todas elas usam uma espécie de produto alisador para manter os cabelos “disciplinados”.

(...) entre os anos de 20 e 30, a exigência dos cabelos lisos era constante nas reportagens e anúncios publicitários. Por conseguinte, técnicas e produtos apropriados para se conseguir um cabelo menos crespo e menos volumoso conquistaram forma e valor. (OLIVEIRA LOPES, 2011, p.79)

Figura 7 – Jornal Quilombo



Fotolegenda publicada na primeira edição do jornal *Quilombo – Vida, problemas e aspirações do negro*, que circulou em dezembro de 1948, na cidade do Rio de Janeiro. No destaque, a bailarina Mercedes Baptista, eleita a Rainha das Mulatas de 1948. Fonte: Jornal - *Quilombo – Vida, problemas e aspirações do negro*. Edição fac-similar. Editora 34, 2003, p.24)

Ao observarmos os trajes das candidatas dos concursos de beleza negra promovidos pelo TEN e divulgados no jornal, podemos afirmar que, mesmo com a postura de romper com os padrões da cultura europeia, forjando uma nova identidade cultural a partir da contribuição negra e mestiça no processo de construção do país, o jornal *Quilombo*, enquanto plataforma de comunicação do TEN, ainda demonstra em algumas de suas escolhas editoriais, em consonância com outras folhas negras do período, o desejo de uma integração social plena da população negra no Brasil, mesmo que para tal fosse necessário passar por um processo de assimilação de condutas sociais estabelecidas pelos brancos, desde a maneira de se comportar em público, até os modos de se vestir. Outra resposta para adoção de elementos estéticos não

negros tanto nos trajes como no visual das candidatas pode estar relacionado a maneira ambígua que o racismo brasileiro se desenvolveu, especialmente ao longo do século XX, e as contradições surgidas a partir da negação social da sua existência, capazes de confundir a própria população negra.

Numa imagem idealtípica, o racista americano seria um sulista com o laço do carrasco na mão, disposto a enforcar um negro na árvore mais próxima. Já o idealtípico racista brasileiro é um homem capaz de manter duas conversas ao mesmo tempo: em uma, pública, ele é um cristão disposto a abraçar a diferença; na outra, privada, ele deseja que o negro permaneça em seu lugar servil. É que a forma social escravista não apenas nega a pessoa do negro, como nega igualmente o racismo. (SODRÉ, 2023, p.162/163)

Tal diagnóstico encontra igualmente sustentação no fato, por exemplo, de pessoas mestiças, especialmente as de pele negra mais clara, mesmo possuindo “traços negroides” acentuados - como o nariz achatado, lábio grosso e cabelo encarapinhado -, tenderem a exaltar fenótipos brancos por esses auferirem certos privilégios sócio-econômicos, apesar da explícita descendência mestiça. No caso específico dos concursos de beleza negra, mesmo que involuntariamente, a adoção de determinados elementos estéticos hegemônicos por parte das candidatas pode estar ancorado no fato desses terem uma aceitação social mais fluída, menos “exótica” e agressiva do que o imaginário da época, por escassez de informações e por preconceito, entendia como cultura africana. Não por acaso, os trajes obrigatórios das festas das sociedades negras, que se vangloriavam de serem um lugar de “fina elegância”, estavam ancorados na moda europeia.

Para boa parte dos dirigentes negros a indumentária era um critério para a participação das festas. Nos bailes das sociedades não havia cobrança de ingresso, mas o traje era a rigor completo: os homens deveriam portar calça listrada, paletó cinza ou azul-marinho, um colete branco, uma camisa engomada, com colarinho dobradinho. As mulheres fretenegrinas do Rosas Negras que organizavam os bailes na Liga da Lombarda ou no salão das Classes Laboriosas, por exemplo, exibiam-se todas vestidas de branco com uma rosa no peito. (OLIVEIRA LOPES, 2011, p.212)

Há de se levar em conta também no que diz respeito a busca por um padrão de beleza contra hegemônico por parte dos concursos de beleza, o fato da geração de intelectuais negros brasileiros atuantes no período em que o jornal *Quilombo* circulou, entre os anos de 1948 e 1950, ainda não estava ancorada em uma ideia de África como atualmente se observa. Por mais que os negros africanos fossem valorizados pela imprensa negra brasileira do período, com a publicação de temas que revelavam interessantes aspectos da cultura africana, não havia por parte desses intelectuais locais uma dimensão mais precisa da complexidade do continente. O

que ajuda a explicar a adoção de uma estética híbrida, e não necessariamente identificada com a cultura africana ou diaspórica por parte das candidatas.

(...) A África é para os africanos, meu negro. Foi para o teu bisavo cujos ossos, a est' hora a terra reverteram e em pó se tornaram. A África é para quem não teve o trabalho de cultivar e dar vitalidade a um imenso paiz como este. (...) A África é para quem quiser menos para nós, isto é, para os negros do Brasil que no Brasil nasceram, criaram e multiplicaram. Nem por brincadeira, se pense que o negro brasileiro, faça alguma coisa que preste em África. (...). O que faria em África essa minoria alfabetizada em meio esse colosso de gente sem instrução. O que faria em África essa gente sem dinheiro? O que faria em África esse povo que passa a vida inteira a saracotear ao som de rouquenhás sanfonas ou desafinado jazz-band? (...) Não seria melhor que tu fosses mais brasileiro, isto é, que tu fosses patriota em benefício d' esta terra benedicta que tu viu nascer, que te acolhe como mãe carinhosa, esta terra que é nossa (...), é nossa já ouviu? Nossa porque fomos nós que a edificamos, nós lhe demos tudo até o sangue para lhe garantir a integridade quando das invasões de estrangeiros. O Brasil é para os brasileiros, que quer dizer é para os negros, já ouviu? (...) nós estamos em nossa casa. (GETULINO, ANO II, N. 64: 20/212)

No que diz respeito a participação intelectual das mulheres negras no jornal, o *Quilombo*, refletindo valores do seu tempo – uma amalgama de visionários movimentos emancipacionistas e retrógradas condutas que formavam a moldura social do Brasil – tal qual faziam majoritárias folhas da época, tinha uma tímida presença feminina em seu elenco de colaboradores, porém regular e incisiva. Deste modo, a criação da coluna *Fala a Mulher*, assinada pela assistente social, ativista e jornalista Maria de Lourdes Vale Nascimento, foi um acontecimento histórico para a imprensa negra brasileira, até então acostumada a limitar a presença feminina às contribuições esporádicas, ou desempenhando apenas o papel de leitora, seja publicando seus poemas e poesias, ou cartas endereçadas às redações dos jornais. Ou seja, distantes de uma reflexão mais aguda sobre a participação das mulheres na sociedade brasileira.

O Menelick, depois de passar quarenta dias sem o carinhoso affecto de vossas mãos delicadas – o berço gentil de sua alma, teve saudade de vós. E voltando novamente, aninhando-se ao lado da generosidade – beleza feminina, eil-o. Eil-o jurando que d' ora avante virá todos os primeiros domingos de cada mez trazer-vos novidades das estrelas e espera ser recebido com os habituados e graciosos sorrisos de vossos lábios de rosa! Em quanto que o seu humilde redactor atira aos vossos mimosos pés mil beijos de gratidão. (O Menelick, São Paulo, n.3, p.1, 1916)

Abdias Nascimento compreendia a emancipação da coletividade negra e mestiça, do alto da heterogeneidade que a compõe, como fruto da união indiscriminada de todos no combate a um mal comum: o preconceito racial. Não por acaso, o Teatro Experimental do Negro, criado por um grupo de intelectuais negros como o agrônomo e advogado Aguinaldo de Oliveira Camargo, o pintor Wilson Tibério e o próprio Abdias, também teve em sua gênese operários, negros e brancos, pessoas sem profissão ou ocupação definidas, homens e mulheres. Como foi o caso da empregada doméstica Arinda Serafim, que atuou na estreia do TEN no

Teatro Municipal do Rio de Janeiro, em 8 de maio de 1945, interpretando a personagem Velha Nativa, na peça *O imperador Jones*. Esse espírito iluminista, de uma liberdade que seria desfrutada por todos, desde que também houvesse o consciente envolvimento e protagonismo de todos, ou que lhes fosse confiada a oportunidade de participar ativamente da escrita da sua própria jornada – como no caso das mulheres do grupo - também ecoava nas páginas do jornal *Quilombo*.

(...) São verdadeiras gerações de atores negros e de atrizes negras que só eram aproveitadas nos papéis secundários, folclóricos ou obscenos. O problema da oficialização do tipo da mulata é uma das coisas mais repugnantes do teatro brasileiro. A mulata é feita simplesmente como objeto sexual, como uma carne à venda, e isto é um fato que o Teatro Experimental do Negro veio contestar, questionar e se possível superar, essa falta de respeito à mulher negra. (...) O Teatro Experimental do Negro veio combater isso tudo, mas ele veio também para ser a favor. A favor da história negra, a favor da cultura negra, a favor de todos os valores positivos que a cultura africana trouxe para o Brasil e que continuam até hoje menosprezados, secundarizados, agredidos e folclorizados”. (NASCIMENTO, 2006, p.123.)

Arinda Serafim, Marina Gonçalves, Ilena Teixeira, Mercedes Baptista, Ruth de Souza, Guiomar Ferreira de Mattos, Milca Cruz, Léa Garcia e outras mulheres se destacaram tanto no TEN, como nas páginas do jornal *Quilombo*. Raquel de Queiroz foi a única mulher não negra a colaborar com o periódico, ao ter um texto de sua autoria originalmente veiculado no jornal *O Cruzeiro*, em 24 de maio de 1947, intitulado *Linha de Côr*, republicado no jornal *Quilombo*. A bailarina norte-americana Katherine Dunham também colaborou de modo semelhante. Mas sem dúvida foi Maria Nascimento, responsável pela coluna “Fala a Mulher”, a figura feminina com o maior número de participações no jornal e, por isso, quem personificou não somente os sentimentos da intelectualidade da mulher negra no jornal, como também seus anseios e subjetividades. Aqui cabe aproveitarmos o ensejo para destacarmos a incisiva sutileza do nome que batiza a coluna assinada por Maria Nascimento, que deixa evidente as intenções da publicação com sua criação: permitir a mulher negra ter o protagonismo da sua própria narrativa.

É o conceito ocidental sexista/racista de quem e o quê é um intelectual que elimina a possibilidade de nos lembrarmos de negras como representativas de uma vocação intelectual. Na verdade dentro do patriarcado capitalista com supremacia branca toda a cultura atua para negar às mulheres a oportunidade de seguir uma vida da mente torna o domínio intelectual um lugar interdito. (HOOKS, Bell. Intelectuais negras. Estudos Feministas - Dossiê Mulheres Negras, Rio de Janeiro, IFCS/UFRJ, v.3, n.2, p.468, jul/dez. 1995)

A primeira coluna assinada por Nascimento foi publicada na edição inaugural do jornal, e teve como título *Crianças Racistas*, na mesma página estavam posicionadas ao lado do seu texto as colunas de Guerreiro Ramos e Gilberto Freyre. Além desses, compunham a

oitava página da edição um pequeno perfil, não assinado, de Antonio Maceo, o “Titan de Bronze”. Ainda hoje pouco revisitado pelo jornalismo brasileiro, a trajetória do militar cubano considerado um dos maiores líderes guerrilheiros da América Latina no século XIX, e que ficou conhecido por sua destacada atuação no Exército Libertador de Cuba durante a Guerra da Independência, é homenageada.

Maria Nascimento se destaca na página com uma escrita afetiva, propositalmente intimista e carinhosamente dedicada as “minhas patrícias de côr”, como se refere as mulheres negras brasileiras ainda nas primeiras linhas da sua coluna inaugural.

Desta coluna conversarei com minhas patrícias de côr. Discutiremos nossos problemas, minhas patrícias, com a simplicidade de verdadeiras irmãs e amigas que se amam. E mesmo quando o debate se tornar por ventura mais acalorado, nunca deveremos perder a serenidade. Na maneira de falar e agir relevamos contradições de seres humanos ou procedimento inconsciente de irracionais. Vamos, pois, conversar e atuar como pessoas que só não estão mais integradas neste século de civilização e progresso por falta de oportunidades. Oportunidades que doravante lutaremos por conseguir. (NASCIMENTO, Jornal Quilombo, n.1, p.8, 1948)

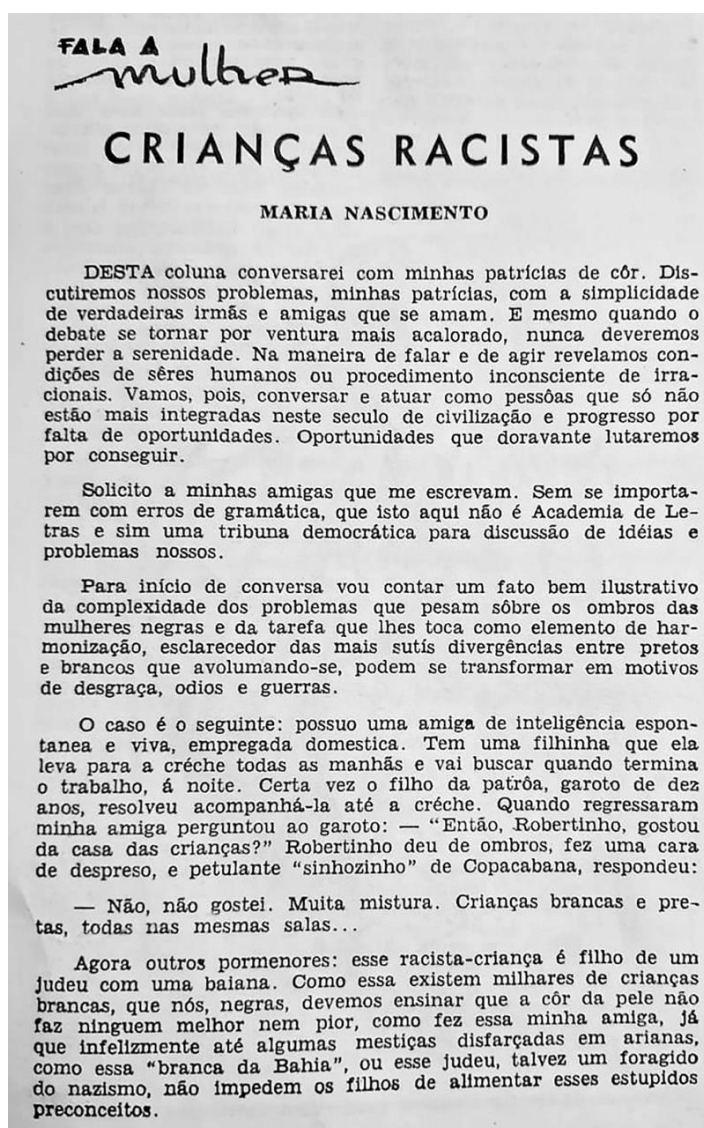
Interessante observarmos que Nascimento enquadra-se perfeitamente no perfil de uma elite negra pensante do período, composta em sua maioria por autodidatas, pequenos funcionários públicos ou gente entregue a variados tipos de trabalho, mas dada às letras e confiante na cultura e na educação como ferramentas para a ascensão social.

Uma das características comuns as folhas negras publicadas na primeira metade do século XX e que pode ser observada nas colunas produzidas por Maria Nascimento diz respeito ao caráter emancipador e catequisador que acompanham os jornais, cingindo aquilo que imaginavam ou acreditavam ser a sociedade negra expectante de dias melhores, um povo negro ansioso por conseguir respeitabilidade e, a exemplo do branco, agir para alcançar reconhecimento de cidadão.

“Na linguagem vive uma luta, ainda que oprimida, para que nos recuperemos, para reconciliar, reunir, renovar. Nossas palavras não são sem sentido, elas são uma ação, uma resistência. A linguagem também é um lugar de luta”. (HOOKS, 2019, p.284)

Em sua segunda coluna no jornal, publicada na segunda edição da publicação, Maria Nascimento, na condição de assistente social, volta a direcionar sua fala em prol das crianças negra brasileiras. Intitulada “Infância Agonizante”, o artigo versa sobre as condições insalubres em que vivem a imensa maioria das crianças negras brasileiras, o trabalho infantil e o racismo no sistema de saúde nacional. Como base de sustentação de suas afirmações, Maria Nascimento se utiliza de dados oficiais sobre o coeficiente de mortalidade infantil do Distrito Federal e São Paulo, além da sua própria vivência *in loco* pelos subúrbios cariocas.

Figura 8 – Jornal Quilombo



Artigo publicado na primeira edição do jornal *Quilombo – Vida, problemas e aspirações do negro*, que circulou em dezembro de 1948, na cidade do Rio de Janeiro. Este foi o primeiro texto assinado por Maria Nascimento para a coluna Fala a Mulher. Fonte: *Jornal - Quilombo – Vida, problemas e aspirações do negro*. Edição fac-similar. Editora 34, 2003, p.26)

O mais interessante ponto do texto está no incentivo para que as mulheres negras lutem por seus direitos a um atendimento médico digno que, nas suas palavras, deve ser indiscriminadamente promovido pelo sistema público de saúde. Neste caso, Maria Nascimento reforça a condição de cidadã em que se encontram todas as mulheres brasileiras.

Nada de desânimo quando uma maternidade, por exemplo, negar o ingresso. Devemos procurar o diretor do estabelecimento, insistir, usar todos os meios e remover as dificuldades, ainda mesmo que sejam motivadas por discriminação de cor, conforme muitos casos que conheço. O que está em jogo é a saúde do filhinho, e ele merece de

nós todos os sacrifícios. Os tratamentos pré-concepcional, pré-natal e post-natal são também de importância decisiva. (NASCIMENTO, *Jornal Quilombo*, n.2, p.8, 1949)

Não é por acaso que Maria Nascimento utiliza o privilegiado espaço do jornal *Quilombo* para alertar as mulheres, em especial as mães, sobre a questão da infância. Entendendo, do ponto de vista sociológico, as crianças como os futuros homens e mulheres de amanhã, Maria Nascimento esforçasse em transmitir as leitoras a ideia de que são as ações do presente que garantirão um futuro mais promissor para os negros brasileiros, ao mesmo tempo que as encoraja a serem protagonistas dessas mudanças sem esperarem passivamente a benevolência do Estado.

A todas nós, mulheres negras, compete modificar esse quadro sombrio. Como? Esperando que o governo venha em nosso auxílio, aguardando a comiseração de instituições de caridade? Não. Devemos frequentar postos de puericultura, conseguir leitos em maternidades, aprender preparar alimentação adequada ao bebê, e a manter um ambiente de higiene, mesmo com o pouco dinheiro que pudermos dispor. (NASCIMENTO, *Jornal Quilombo*, n.2, p.8, 1949)

Outra característica comum as primeiras colunas assinadas por Maria Nascimento dizem respeito a exaltação da coletividade negra, em especial as mulheres, público a quem a autora se dirige especificamente. Palavras e expressões como “todas nós”, “nossos problemas”, “minhas amigas”, “nossos filhos”, “devemos procurar”, entre outras, aparecem com frequência em seus textos. Nota-se, portanto, que as respostas as questões abordadas, assim como alternativas para as soluções dos problemas apresentados, só serão exitosas quando o indivíduo se entender como parte de uma coletividade. Uma espécie de laço invisível de solidariedade, que resgata uma longa tradição de comunidade comum aos povos escravizados, que observavam a luta pela libertação negra como uma luta compartilhada, responsável por definir “que somos o destino uns dos outros” (bell hooks). *Anseios – Raça, Gênero e Políticas Culturais*. p, 381).

Este senso de luta compartilhada aparece novamente na coluna *Morro e Favela*, publicado na terceira edição do jornal *Quilombo*. No artigo, Maria Nascimento fala sobre o uso extrativista das riquezas do morro por pessoas brancas, como o processo de aculturação do samba, ao mesmo tempo que critica as elites e administradores públicos por fazerem “ouvidos de mercador, não resolvendo encarar com mais senso de responsabilidade esse urgente e grave problema” dos favelados. Toda denúncia é feita, porém, reforçando, mais uma vez os laços de fraternidade e comunhão que rege a experiência negra nas bordas das grandes cidades brasileiras:

Essa a grande, enorme força dos favelados. A pobreza, a miséria, a doença, não conseguem abatê-los em seu íntimo. Moço, velho ou criança, todos entram numa roda

de samba, cada barraco é um lar onde sofre e sonha uma família. E um dos aspectos mais comovedores do morro, é a fraternidade, a amizade que liga aqueles seres de lama nos pés descalços, ginga nas cadeiras, e melodia no coração. (NASCIMENTO, *Jornal Quilombo*, n.3, p.3, 1949)

Este posicionamento de Maria Nascimento de exaltação do conceito de coletividade não é algo isolado dentro da publicação, além de estar em sintonia com a própria sociedade negra brasileira organizada do período. Além dos esforços impetrados por Abdias na criação de espaços críticos de solidariedade e comunhão negra, como o Teatro Experimental do Negro e o próprio jornal *Quilombo*, bem como a organização de encontros como o 1º Congresso do Negro Brasileiro (1949), a Conferência Nacional do Negro (1950), a primeira metade do século XX é marcada pela fundação de grêmios e centros recreativos negros, periódicos e uma série de outras atividades que buscavam unir essa população. Neste contexto, não é de causar estranheza artigos publicados no jornal *Quilombo* com títulos como: “Somos todos irmãos”, “Nós e a sucessão”, “A morte de um grande amigo”, “Queremos estudar”, entre outros.

Na quarta edição do jornal, Maria Nascimento utilizou a coluna “Fala a Mulher” para enaltecer a importância da Conferência Nacional Feminina, evento realizado no Rio de Janeiro, em maio de 1949, com o objetivo central de construir um movimento feminino nacional e unificado, e que reuniu delegações de dez Estados para uma troca de experiências sobre a luta feminista local. Ao fim do encontro, as participantes fundaram a Federação de Mulheres do Brasil, entidade cuja atuação se estenderia até o ano de 1957, tendo forte influência do Partido Comunista do Brasil.

No encontro, as mulheres discutiram assuntos ligados a três eixos temáticos: direitos da mulher, infância e juventude, e alto custo de vida. (Momento Feminino, 30/06/1949: 4). As discussões ocorridas na conferência evidenciaram os problemas que as mulheres julgavam mais urgentes naquele contexto: ausência de direitos institucionais, especialmente para as mulheres casadas; carestia de vida; salários baixos e desiguais entre os sexos; educação precária, falta de creches, hospitais e maternidades e exploração das empregadas domésticas.

E foi justamente sobre este último, o destaque da coluna de Maria Nascimento, cujo título foi “Congresso Nacional de Mulheres e a regulamentação do trabalho doméstico”. Em seu artigo, Maria Nascimento antecipa uma pauta que viria a ser abordada de maneira mais minuciosa na edição 06 do jornal: os direitos das empregadas domésticas e a regulamentação da profissão.

Ao longo do artigo, destinado incentivar a união de homens e mulheres em prol das empregadas domésticas, a autora, em tom de denúncia, enumera uma série de problemas que envolvem o trabalho doméstico, desde a baixa remuneração até a falta de vagas em creches

para os filhos das trabalhadoras. No afã de criticar a constituição vigente e de enaltecer a valentia da mulher negra contemporânea, porém, Maria Nascimento comete um grave equívoco: desmerecer a contribuição da mulher negra escravizada no processo de libertação que culminou com a assinatura da Lei Áurea, em 13 de maio de 1888, subjugando sua decisiva participação.

Durante a escravidão e mesmo agora na República, ela existiu passiva, amamentando “sinhosinhos” e aos filhos do “seu dotô”. (...) Felizmente esse tempo está passando. Empregada doméstica, funcionária pública, comerciária, industriária, médica, advogada ou mães de família, a mulher negra está aprendendo a andar de cabeça erguida a impor sua personalidade. (NASCIMENTO, *Jornal Quilombo*, n.4, p.3, 1949)

No quinto número do jornal *Quilombo*, Maria Nascimento usou a coluna “Fala a Mulher” para realçar a importância do trabalho social desenvolvido pela Fundação Leão XIII nas favelas cariocas, ao mesmo tempo em que, mais uma vez, destaca o papel emancipador da educação. “Porque a ignorância, o analfabetismo, é a forma mais terrível de escravidão”, afirma ela. Nos dias atuais, o texto pode soar como um conteúdo chapa branca, ou mesmo um release enviado pela assessoria de imprensa da instituição para apresentar a Fundação Leão XIII e dar visibilidade as suas ações, muitas das quais em substituição a histórica ausência do estado nos morros e favelas do país. Intitulado “A Fundação Leão XIII e as Favelas”, o artigo de Nascimento passa longe de ser um texto crítico – mesmo que nas entrelinhas fique evidente a ausência do poder público enquanto órgão responsável pelo bem-estar social -, e tão pouco é exclusivamente dedicado as mulheres negras. A escrita da autora, neste caso específico, está mais vinculada a promover a instituição. Mas também pode ser compreendido como um estímulo para que outras iniciativas da sociedade civil organizada possam vir a desempenhar semelhante função social.

Raramente uma instituição católica de assistência social conseguirá, entre os habitantes dos morros cariocas, tanta popularidade e prestígio como a “Fundação Leão XII”. Porque foi a única que até hoje soube sentir as necessidades desses milhares de brasileiros desvalidos, desenvolvendo uma ação eficiente no sentido de levar até o último barraco um pouquinho de conforto moral e material. E a Fundação tem agido imbuída de verdadeiro espírito da caridade cristã, que é aquela que acima de tudo procura resguardar o respeito próprio de todo ser humano, evitando que sua ajuda se transforme num ato constrangedor e humilhante para quem recebe. Em cada morro e favela – São Carlos, Salgueiro, Telégrafo, Barreira do Vasco, Praia do Pinto e outros – a Fundação mantém um Centro de Ação Social com departamentos médico e social. (NASCIMENTO, *Jornal Quilombo*, n.5, p.11, 1950)

Interessante percebermos no artigo que, apesar do seu viés ufanista, ele na verdade se revela como o mecanismo de uma estratégia mais ampla, que é sublinhar o papel libertário da educação na vida de mulheres e homens negros. Isso porque, na última parte do texto,

Nascimento, emocionada, volta a defender a alfabetização como fator primordial para ascensão social da gente preta.

Outro setor ativo e não menos importante é o que se dedica à educação de menores e adultos. Numa grande sala repleta de alunos pode-se contar nos dedos de uma mão a pessoas de cor branca. E como eu me senti feliz vendo moços, velhos e crianças negras serem tratadas com amor e carinho pelos professores da Fundação. Quem por ventura tiver visitado uma dessas aulas já poderá ter a esperança, como eu tenho, de que um dia, talvez mesmo amanhã, a juventude dos morros do Rio não será mais analfabeta. E aqui chegamos ao ponto fundamental da valorização da gente de cor: a educação. Pela educação é que havemos de conquistar igualdade moral, intelectual, cultural, artística, econômica e política. Quando todo negro souber ler e escrever, teremos dado o passo mais decisivo para a nossa própria recuperação. Enfim, educar e alfabetizar a população dos morros é uma forma de libertar e emancipar a gente negra. Porque a ignorância, o analfabetismo, é a forma mais terrível de escravidão. (NASCIMENTO, *Jornal Quilombo*, n.5, p.11, 1950)

Como podemos observar até aqui, a coluna “Fala a Mulher”, assinada por Maria Nascimento, tem embutido em si um certo viés iluminista ao propor não somente caminhos para a plena emancipação da mulher negra na sociedade brasileira, mas principalmente por oferecer possibilidades para que a tão almejada integração social se realiza em sua plenitude. Norteada por este objetivo, Nascimento toca em pontos nevrálgicos da formatação social do país. E além do já mencionado investimento na educação formal, ela observa que, a curto prazo, a participação política das mulheres se faz urgente. Aliás, é este o tema principal do artigo “Nosso Dever Cívico”, publicado na coluna “Fala a Mulher”, da sexta edição do jornal *Quilombo*.

Obviamente que este movimento de Nascimento dentro da publicação não é impensado. Muito pelo contrário. No editorial de abertura da sexta edição do jornal *Quilombo*, o próprio Adias Nascimento, no texto intitulado “Candidatos Negros e Mulatos”, levanta a questão sobre a participação política desta considerável parcela de brasileiros.

Distante pouco mais de 10 anos do fim da ditadura militar imposta pelo governo Getúlio Vargas, Abdias, em um movimento orquestrado, deu um tom extremamente político partidário a referida edição. Tanto é que, além dos dois textos citados, a edição contou com os seguintes conteúdos: “Dutra contra o racismo – Punido o comissário que barrou os artistas negros à porta do Hotel Glória”; “Reivindicações dos Faveleiros – Palpitante entrevista do líder do morro do Salgueiro – Joel de Oliveira Lima, o defensor incansável das causas populares. Revelações sobre uma família dedicada ao bem dos humildes”; “Continuo sendo um Homem do Morro do Pinto – Importantes declarações da Eurico de Oliveira à nossa reportagem. Um candidato do povo à serviço da coletividade. Pela valorização do homem de côr”; “Precisam-se de escravas – As empregadas domésticas reclamam os seus direitos – Necessidade urgente da

regulamentação desta classe de obreiras. Deserção lógica para outras profissões. Empregadas do interior. Salário insuficientes e falta de segurança. As patroas reclamam, saudosas, a época da escravidão. Apêlo às consciências”.

(...) Certamente não basta aos partidos a indicação de um ou dois candidatos mais pigmentados para atestar a ausência de preconceito de cor em suas fileiras. Não. Isso seria demasiado simplista. Somos quase vinte milhões de brasileiros mestiços fortemente caracterizados pela nossa ascendência africana a exigir, em nome da democracia, o número correspondente de vagas para candidatos negros e mulatos interessados na tarefa patriótica e humanitária de elevar os padrões social e cultural, econômico e político das massas negras. (NASCIMENTO, *Jornal Quilombo*, n.6, p.1, 1950)

Com estes exemplos em mãos, é possível observarmos o empenho da publicação em pautar, prioritariamente, a política junto ao seus leitores. Enquanto Abdias e seus articulistas direcionavam seus textos a população negra de maneira geral, Maria Nascimento encarregou-se de transmitir a ideia as leitoras. E para exemplificar o que queria comunicar, Nascimento começa seu texto referenciando a então irmã do primeiro ministro indiano e sua exitosa e aguerrida participação no primeiro escalão da política local:

Irmã do primeiro ministro da Índia, Pandit Nehru Mme., Vijaya Pandit, antes de ocupar o atual posto de embaixatriz do governo indiano nos Estados Unidos, sagrou-se nas lutas pela libertação de sua Pátria como um dos mais ardorosos e combatidos soldados da grande causa pela qual Ghandi se entregara, com a sublimidade de herói, do mártir e do santo. (...) É esta mulher extraordinária quem nos fala: ‘Na Índia as mulheres entram na política, de preferência às outras profissões, porque sentem que a política é de maior utilidade do que as profissões. Foi um desapontamento para mim verificar que as mulheres neste país (Estados Unidos) não fazem uso das oportunidades que a política lhes oferece’. O que não diria Mme. Pandit da nossa situação se visitasse o Brasil! Como qualificaria a atuação das mulheres negras brasileiras – de cor como as indianas – com um nível de educação política baixíssimo, com apenas diminuta porcentagem delas já alistadas como eleitoras? (NASCIMENTO, *Jornal Quilombo*, n.6, p.7, 1950)

Ao trazer para o debate a experiência indiana, um país asiático de dimensões continentais e cuja situação das mulheres já fora pior que do que a situação das mulheres brasileiras, e que ainda assim conseguiu reerguer-se politicamente a partir da participação e reeducação política feminina, Nascimento acerta em cheio nos anseios do jornal: constituir um público eleitor capaz de eleger seus pares e, quem sabe, pautar o rumo político do país. Uma vez que há um exemplo concreto e exitoso dessa decisiva participação política em um país onde a situação das mulheres encontra semelhanças a realidade brasileira.

(...) No entanto a situação da mulher indiana era até recentemente bem pior que a nossa. Após cerca de duzentos anos de dominação inglesa, apenas doze pessoas em cada cem – declarou Mme. Pandit – sabiam ler e escrever. (...) A lição que devemos aprender com a Índia é essa de que quanto mais necessitado um povo, mais deve ele atuar politicamente. Através da política é que se dá nova direção ao governo do país,

e as melhorias reclamadas pela população não vem por geração espontânea, mas são fruto do trabalho persistente e tenaz dos seus representantes nos parlamentos e nos executivos. (NASCIMENTO, *Jornal Quilombo*, n.6, p.7, 1950).

O tom didático do artigo, somado a aproximação das realidades brasileira e indiana colocada por Nascimento, torna a proposta mais exequível e, portanto, teoricamente mais fácil de ser executada. Diferentemente da assertiva, mas dura e incisiva convocação reproduzida no artigo de Abdias, ou mesmo do discurso passivo e populista presente nas falas de Eurico de Oliveira: “Continuo sendo um homem do Morro do Pinto”, e na chamada para a entrevista com o líder comunitário Jael de Oliveira Lima: “o defensor das causas populares”.

Sem motivos aparentes ou aviso prévio informando especialmente suas leitoras, a coluna “Fala Mulher”, assinada por Maria Nascimento, aparece pela última vez nas páginas do jornal *Quilombo* na edição conjunta de números 7 e 8, publicada em março de 1950. Marcada como a mais político partidária das edições do jornal, é neste numero que Abdias, apresentando-se como o criador do Teatro Experimental do Negro, lança sua candidatura a vereador junto à Câmara do Distrito Federal. Além de fotografias da cerimônia, que estampam a última página do jornal em sua totalidade, é marcante também o editorial desta edição, intitulado “Minha Candidatura”, onde o líder do Teatro Experimental do Negro fala sobre os motivos que o levaram a pleitear uma vaga do poder legislativo como representante dos negros brasileiros, como volta a destacar a necessidade de que surjam mais candidaturas no meio negro preocupadas em solucionar o problema do racismo no Brasil.

Amigos meus, colaboradores e simpatizantes do movimento que fundamos visando a elevação cultural e econômica do negro brasileiro, resolveram lançar minha candidatura à assembleia legislativa do Distrito Federal. Justificaram seu gesto com o argumento de ser minha eleição a vereador uma etapa lógica e natural do desenvolvimento desse programa de busca de meios que acelerem o processo de integração de brancos e negros no Brasil assegurando assim, à tática por nós usada, armas mais efetivas e poderosas na luta pela conquista desse padrão de existência ideal que libere os brasileiros de côr de complexos, tensões emocionais e das atuais desvantagens sócio-econômicas. (...) É necessário e imprescindível, portanto que apareçam outras candidaturas, de mulatos, negros ou brancos, identificados com esse importante problema brasileiro. Porque somente num grande e árduo trabalho coletivo, presidido pelo alto espírito de fraternidade racial que orientou a nossa formação histórica, conseguiremos realizar a obra dessa valorização do negro, fundamental para o desenvolvimento e o futuro da nossa estremecida Pátria. (NASCIMENTO, *Jornal Quilombo*, n.7-8, p.1, 1950)

Curiosamente, aquela que seria a última publicação da coluna *Fala a Mulher*, diferentemente do que já havia ocorrido em edições anteriores do jornal *Quilombo*, quando havia uma sintonia mais harmoniosa entre o texto publicado na coluna de Maria Nascimento e os demais conteúdos da edição, não segue a mesma perspectiva política partidária em seu artigo

intitulado “Conselho Nacional das Mulheres Negras”. Porém, nele reside o conhecido interesse do Teatro Experimental do Negro em ampliar sua participação social, educacional, cultural e econômica na vida dos negros da cidade do Rio Janeiro. E porque não dizer, em demarcar a figura de Maria Nascimento não somente como a mais importante figura feminina da organização, mas como uma liderança negra feminina em âmbito nacional.

Em seu artigo, Maria Nascimento anuncia que o Departamento Feminino do Teatro Experimental do Negro passará a funcionar em nova sede, e com um novo nome: Conselho Nacional das Mulheres Negras. Deste modo, o artigo tem um tom de anúncio, convocação e de emancipação. A união das mulheres, negras e brancas, em prol de um objetivo comum: a melhoria nas condições de vida das primeiras, segue como uma preocupação primeira da coluna. “Somente escutando permanentemente o nosso coração e o nosso cérebro, poderemos encontrar remédio para os graves males oriundos do nosso despreparo cultural, profissional e técnico”, salienta. A vitória, segundo Maria Nascimento, só virá da solidariedade feminina, e por isso enfatiza o convite para que mulheres de todo o país façam sua adesão ao novo órgão, que criará um espaço de acolhimento e escuta onde “às brasileiras pigmentadas” poderão manifestar-se sobre seus anseios e problemas. Como forma de seduzir as mulheres, Maria Nascimento enumera os principais pontos de atuação do novo órgão.

Dentre as dificuldades sociais que teremos de enfrentar – além de outras que minhas leitoras poderão lembrar por carta ou vindo pessoalmente a nossa redação – figuram: a) ensino profissional; o Conselho estudará as possibilidades de criação imediata de uma Escola de Artes Domésticas; b) amparo moral e material às nossas patrícias que trabalham em casas de família; o Conselho estudará as possibilidades de fundação imediata de uma Associação Profissional das Empregadas Domésticas; c) proteção à infância; o Conselho estudará as possibilidades de criação imediata de um Abrigo do Negrinho Abandonado; e) educação da infância; o Conselho tratará de criar o seu Jardim de Infância, Teatro Infantil (curso de dança, canto e música), Teatro de bonecos. (NASCIMENTO, Jornal Quilombo, n.7-8, p.4, 1950)

Interessante notar também que, diferentemente das conhecidas e burocráticas práticas e promessas das políticas partidárias e governamentais, Maria Nascimento utiliza como um dos seus principais argumentos de persuasão, além de ampliar a participação no Conselho para mulheres brancas, bem como dirigir-se as suas leitoras em primeira pessoa e com afeto, termos como “criação imediata”, “somente assim teremos possibilidade de vitória” e “encarar esses problemas de modo eminentemente prático”, como podemos ver no trecho a seguir:

Destas colunas convidamos todas as mulheres brancas e negras a participar dessa nobre e árdua campanha em prol da elevação da nossa gente. Pretendemos encarar esses e outros problemas de modo eminentemente prático, efetivo, restringindo o trabalho teórico apenas ao absolutamente necessário. No Brasil sempre se abusou dos “planos” que nunca ascendem à categoria de realidades. Vamos tornar esse Conselho,

minhas patrícias, num grupo de pessoas ativas, esclarecidas e objetivas?
(NASCIMENTO, *Jornal Quilombo*, n.7-8, p.4, 1950)

Se por um lado a coluna *Fala a Mulher* não mais foi publicada no jornal *Quilombo* após a oitava edição do periódico, por outro, a participação derradeira de Maria Nascimento nas páginas da publicação se deu com chave-de-ouro. Isso porque, o prenúncio da criação do Conselho Nacional das Mulheres Negras, anunciado nas edições 7 e 8 do jornal, se materializou, ganhando destaque nas páginas da edição 9 do periódico, publicada em maio de 1950. Ocupando uma página inteira com fotos do ato de instalação de departamento feminino do Teatro Experimental do Negro, denominado Conselho Nacional das Mulheres Negras, junto a transcrição na íntegra da fala de Maria Nascimento na solenidade, a reportagem “Instalado o Conselho Nacional das Mulheres Negras”, de certa forma homenageia a figura forte e graciosa da mais importante mulher a colaborar intelectualmente no jornal *Quilombo*. Ao lado de nomes como Guerreiro Ramos, Guiomar Teixeira de Matos, Mercedes Batista e Milka Cruz, Maria Nascimento, de pé e no centro da imagem, Maria Nascimento aparece em destaque na fotografia que abre a reportagem. Em outra fotografia publicada na mesma página, ela novamente é vista, desta vez sentada, ao lado de dois jovens. Na legenda da fotografia, o texto: “Da. Maria Nascimento lendo para Jorge Ferreira e Maria José a peça infantil Pinocchio, de Ody Fraga”.

Aclamada presidente do conselho durante a solenidade, Maria Nascimento é apresentada no texto como a idealizadora da iniciativa. Protagonista daquela que talvez seja a mais importante reportagem da edição, por maior que fosse o esforço da publicação em homenagear a jovem Caty Silva, a vencedora do Concurso Boneca de Pixe 1950, e rosto que estampa a capa da edição número 9 do jornal. A grande realização presente neste número de *Quilombo* era a instalação, em um novíssimo prédio, do Conselho Nacional das Mulheres Negras.

Interessante observarmos que, paralelamente a proposição de criação de um setor especializado em assuntos relativos à mulher, o Conselho Nacional das Mulheres Negras também incluía em sua agenda de beneficiários diretos o público infantil. O que evidencia a fundamental preocupação com aqueles e aquelas que serão o futuro da nação, ao mesmo tempo em que ilumina o machismo estrutural incrustado nos mais variados setores da sociedade brasileira. Pois o que fica evidenciado em tal proposta é o fato de a mulher ser a única responsável pela educação e formação das crianças. Já que ações voltadas a este público – por vezes recorrentes nos artigos assinados por Maria Nascimento na coluna “Fala a Mulher” - não aparece em nenhum outro movimento liderado pelos dirigentes homens do Teatro Experimental do Negro, ou mesmo em algum texto de autoria masculina dentro das 10 edições do jornal.

Com exceção da “Coluna Estudantil”, assinada por Haroldo Costa, publicada na edição inaugural do periódico e que tinha o título de “Queremos Estudar”. Ainda assim, trata-se de um artigo mais direcionado aos jovens do que propriamente as crianças negras.

Este movimento de elevação cultural e econômica do povo de côr, que por pura tática do seu fundador se denominou Teatro Experimental do Negro, terá doravante no Conselho Nacional das Mulheres Negras o seu setor especializado em assuntos relativos à mulher e à infância. Este departamento feminino tem por objetivo lutar pela integração da mulher negra na vida social, pelo seu alevantamento educacional, cultural e econômico. (NASCIMENTO, Jornal Quilombo, n.9, p.4, 1950)

Figura 9 – Jornal Quilombo

Página 4 QUILOMBO

Instalado o “Conselho Nacional das Mulheres Negras”

criação de uma associação profissional das empregadas domésticas, de uma academia de artes domésticas, do teatro e ballet infantil — Obejctivos do departamento feminino do TEN na palavra da sua diretora Da. Maria Nascimento



Em clima quando falava Da. Maria Nascimento e os demais componentes da mesa: Da. Guiomar Teixeira de Matos, Prof. Guerrito Ramos, bailarina Mercedes Balista e Santa. Milka Cruz — Em baixo, parte da assistência e quando falava o Sr. Alberto Cordovil, secretário da escola de samba Azul e Branco.

Um grande público acorreu à noite de 18 de maio, 1º andar, na R. 49, da 18ª div., para assistir ao ato de instalação do departamento feminino do Teatro Experimental do Negro, denominado “Conselho Nacional das Mulheres Negras”.

Aberta a sessão pelo sociólogo prof. Guerrito Ramos, foi por este eminente intelectual, patético exposta em traços rápidos e verdadeira situação da gente de côr na sociedade brasileira, exortando o ilustre orador que no Brasil não encontramos uma linha racial conforme acontece nos Estados Unidos. O problema racial aqui é secundário, sendo urgente uma ação educativa e de preparação profissional da gente de côr, assim do que ela esteja em condições de acompanhar os estilos de comportamento social das classes superiores.

Além do prof. Guerrito Ramos, estiveram-se à mesa as Drs. Guiomar Teixeira de Matos e bailarina Mercedes Balista, a primeira tendo usado da palavra para reafirmar suas propostas de colaborar eficientemente na grande campanha encetada pelo Teatro Experimental do Negro e em particular pelo Conselho das Mulheres Negras, que ela se incluía. Fraseou-se o ato de instalação do departamento feminino do Teatro Experimental do Negro, sob a presidência de Alberto Cordovil da Silva, secretário da Escola de Samba Azul e Branco, da Seleção Wilson da Silva Gomes, Joviano Severino de Melo, todos apurados o novo organismo do T. E. N., e apresentando sugestões úteis aos objetivos visados pelo Conselho.

Finalmente foi dada a palavra à Sra. Dr. Maria Nascimento, idealizadora do Conselho, a qual, aclamada presidente do mesmo, pronunciou as seguintes palavras:

INTEGRAÇÃO DA MULHER DE CÔR NA VIDA SOCIAL

A mulher negra sofre sérios desvantagens sociais. Por causa do seu desprezo cultural, por causa da pobreza da nossa gente de côr, pela ausência de educação profissional. Não vamos desconsiderar ainda como fator da inferioridade social desfrutada pela mulher negra, o preconceito de cor existente entre nós e cuja análise não interessa diretamente a estas palavras que estão dirigidas a todas as mulheres que aqui estiveram para o ato de instalação do departamento feminino do Teatro Experimental do Negro.

Este movimento de elevação cultural e econômica do povo de côr, que por pura tática do seu fundador se denominou Teatro Experimental do Negro, terá doravante no Conselho Nacional das Mulheres Negras o seu setor especializado em assuntos relativos à mulher e à infância. Este departamento feminino tem por objetivo lutar pela integração da mulher negra na vida social, pelo seu alevantamento educacional, cultural e econômico. (NASCIMENTO, Jornal Quilombo, n.9, p.4, 1950)

Experimental do Negro, terá doravante no Conselho Nacional das Mulheres Negras o seu setor especializado em assuntos relativos à mulher e à infância. Este departamento feminino tem por objetivo lutar pela integração da mulher negra na vida social, pelo seu alevantamento educacional, cultural e econômico. (NASCIMENTO, Jornal Quilombo, n.9, p.4, 1950)

O Conselho está sendo organizado. Portanto qualquer pessoa que se interessar pelos seus objetivos, poderá apresentar sugestões. Contanto que sejam sugestões de caráter prático para não estarmos no terreno da demagogia. Desejamos fazer funcionar imediatamente um curso de alfabetização, de corte e costura, de alijetização. Quanto aos demais cursos que pretendemos instalar, como: — datilografia, aritmética, ginástica, e outros mais, estaremos em funcionamento de acordo com o número de professores voluntários. Querodizer bem claro não se tratar de uma escola do governo ou municipal, que tem metas para ensinar os professores. Sra. pois, uma companhia voluntária, para a elevação do nível educacional da mulher negra. E esperamos que no futuro possam surgir pessoas capazes de compreender o nosso esforço e que cooperem financeiramente para o custeio das professoras e alunos.

Quatro objetivos do Conselho é a educação da infância; e para atingir esse objetivo pretendemos manter curso de canto, música, teatro infantil, teatro de bonecos, e ballet.

O Conselho não tratará apenas de cursos educacionais. Pretendemos também formar uma associação; uma espécie de club, em que teremos a nossa parte recreativa: — por exemplo, entre as assistidas haverá uma pianista, uma cantora, uma violonista, que se apresentará em recital.

Ouças que gostarem de discursos terão a sua palavra. E assim outros tipos de atividades serão lançadas de acordo com o interesse dos próprios associados.

Será um movimento de grande envergadura, e teremos oportunidade de preparar, divulgar e divulgar elementos de valor. Muitas pessoas aqui, creio, estão preocupadas em como e onde funcionar tudo isto. Explicarei em poucas palavras.

Nós, os diretores do T. E. N., falando com um grande intuito, iremos funcionar imediatamente os seguintes setores do Conselho Nacional das Mulheres Negras:

Ballet Infantil — de preferência formado de crianças das nossas circunscrituras. Haverá instrução várias meninas e meninos do Mito do Salgueiro.

Educação e instrução — vários cursos, desde alfabetização até ginástica, sob a orientação pedagógica da Dra. Guiomar Teixeira de Matos, coordenada pelas Sras. Iracema Rodrigues, Wilson Silva e Milka Cruz.

Curso de Orientação da Mda — em colaboração com o “Centro de Orientação e Redução”, dirigido pelas Drs. Nely Goethuschli, Virginia Pahlm e Maria Minikawa.

Teatro Infantil — com a colaboração do autor, intérprete e diretor teatral Ody Fraga.

Assistência jurídica — criminalista Dr. Cláudio Nascimento.

Orientação sociológica — Prof. Guerrito Ramos.

Corte e Costura — N. da Barros.

Tricot — Sra. Natallina Santos Costa.

Bordados — Cistly Silva.

Wet e d’o — Camurê de Amiral.

Educação Física — Alberto Cordovil.

Datilografia — Milka Cruz.

Maria José, a primeira e praticista, menina in crista no “Ballet Infantil”

COLABORADORES

Isso funcionar imediatamente os seguintes setores do Conselho Nacional das Mulheres Negras:

Ballet Infantil — de preferência formado de crianças das nossas circunscrituras. Haverá instrução várias meninas e meninos do Mito do Salgueiro.

Educação e instrução — vários cursos, desde alfabetização até ginástica, sob a orientação pedagógica da Dra. Guiomar Teixeira de Matos, coordenada pelas Sras. Iracema Rodrigues, Wilson Silva e Milka Cruz.

Curso de Orientação da Mda — em colaboração com o “Centro de Orientação e Redução”, dirigido pelas Drs. Nely Goethuschli, Virginia Pahlm e Maria Minikawa.

Teatro Infantil — com a colaboração do autor, intérprete e diretor teatral Ody Fraga.

Assistência jurídica — criminalista Dr. Cláudio Nascimento.

Orientação sociológica — Prof. Guerrito Ramos.

Corte e Costura — N. da Barros.

Tricot — Sra. Natallina Santos Costa.

Bordados — Cistly Silva.

Wet e d’o — Camurê de Amiral.

Educação Física — Alberto Cordovil.

Datilografia — Milka Cruz.

Da. Maria Nascimento lendo para Jorge Ferreira, a Maria José a peça infantil “Pinocchio” de Ody Fraga

Reportagem de Maria Nascimento, recém nomeada diretora do novo Conselho Nacional das Mulheres Negras, vinculado ao Teatro Experimental do Negro. Texto publicado na nona edição do jornal *Quilombo* — *Vida, problemas e aspirações do negro*, que circulou em maio de 1949, na cidade do Rio de Janeiro. Fonte: Jornal - Quilombo — Vida, problemas e aspirações do negro. Edição fac-similar. Editora 34, 2003, p.98)

Diretora do Teatro Experimental do Negro e, por consequência, próxima a figura de Abdias Nascimento e das tratativas que ocorriam nos bastidores da organização, portanto, detentora de informações privilegiadas sobre os interesses do grupo, Maria Nascimento aproveitou a oportunidade dos holofotes que tinha na ocasião do pronunciamento de instalação do Conselho Nacional das Mulheres Negras para fazer um afago a figura do industrial branco e parceiro político de Abdias, o senhor Jael de Oliveira Lima. Jael, que já vinha aparecendo com destaque nas últimas edições do jornal, faria dobradinha com Abdias, ambos pelo Partido Social Democrático, no pleito de 3 de outubro de 1950. Jael de Oliveira Lima como candidato à Câmara dos Deputados e, Abdias Nascimento, à Câmara dos Vereadores do Rio de Janeiro.

Nós, os diretores do TEN, falando com um grande industrial sobre os nossos planos, deste desejo imenso de fazer alguma coisa pela nossa gente, imediatamente encontramos apoio e boa vontade de sua parte que forneceu uma sede a rua Mayrink Veiga, 13 – 2º andar, exclusivamente para funcionar todos os departamentos criados pelo TEN. Esta grande figura, símbolo da bondade e compreensão, é o sr. Joel de Oliveira Lima. Ele tem dado inúmeras provas de sua lealdade à causa do negro. (NASCIMENTO, *Jornal Quilombo*, n.9, p.4, 1950)

Diante do contexto o histórico de estagnação das lutas feministas e de profundas rupturas sociais que envolveram a criação do jornal *Quilombo*, publicado logo após o fim do Estado Novo (1937-1945) e da Segunda Guerra Mundial (1938-1945), e mesmo com a tímida, mas constante, participação da intelectualidade feminina nas páginas do jornal, o *Quilombo* inscreveu seu nome na história da imprensa negra no Brasil por sua relevante participação no processo contínuo de superação da estereotipação, a ressignificação da imagem do negro e a ampliação de sua visibilidade, estimulando diferentes modelos de construção de identidade e imaginários sociais, especialmente sobre a mulher negra.

Diante dos elementos apresentados ao longo deste capítulo, é possível concluirmos que, mesmo sendo editado em um período relativamente recente ao traumático e inconclusivo processo de abolição, que teve como resultado prático uma falsa inserção da população negra na sociedade brasileira, e tendo em vista o contexto histórico de estagnação das lutas feministas e de profundas rupturas sociais que envolveram a criação do jornal *Quilombo*, publicado logo após o fim do Estado Novo (1937-1945) e da Segunda Guerra Mundial (1938-1945), a valente iniciativa da publicação em oferecer visibilidade positiva as mulheres negras por meio da veiculação de fotografias, e servir de plataforma para o protagonismo intelectual deste grupo através de colaborações textuais, pode ser considerada bem sucedida.

O cenário encontrado pelo jornal no período da sua publicação, especialmente no campo das lutas feministas das mulheres negras, era árido. Segundo a pesquisadora Céli Pinto (2010), as primeiras formas organizadas da luta feminista ocorreram a partir das últimas décadas do

século XIX, inicialmente na Inglaterra, reivindicando direitos, entre eles, o direito ao voto. A pesquisadora assinala que no caso brasileiro, as primeiras sistematizações feministas por meio de manifestações públicas também se deram em prol da conquista pelo voto feminino, que foi efetivado em 1932, com a promulgação do Novo Código Eleitoral brasileiro. Porém, como ela, salienta: este feminismo inicial, tanto na Europa e nos Estados Unidos como no Brasil, perdeu força a partir da década de 1930 e só reapareceria novamente, com importância, na década de 1960. No decorrer destes trinta anos, o discurso feminista ocidental ficou marcado por negligenciar as diferenças entre os diferentes grupos femininos que ocorriam por fatores como classe e raça. Dada essa complexidade de relações impositivas, foi tolhido o protagonismo do processo de formação identitárias das mulheres negras. Diversas intelectuais e militantes negras, apontam problemas no feminismo hegemônico, que não consideram o lugar da mulher branca como espaço de privilégio na estrutura social de supremacia branca e a forma como diversas vezes reiteravam o racismo.

Até a emergência das pautas problematizadas pelo feminismo negro, o feminismo clássico baseava-se em preceitos eurocêntricos e planificadores sobre a concepção da emancipação feminina. Isso fazia com que não fossem avaliadas as diferenças e desigualdades entre os diferentes grupos femininos, como brancas, negras e indígenas, e as opressões impostas, fazendo com que as problematizações imbricadas às questões de gênero também fossem construídas de forma racializada.

Às mulheres negras foram imputadas, de modo explícito e implícito, a adesão a determinadas condições de inferiorização com base em critérios que iam além do gênero e que muitas vezes, foram reforçados pelas próprias mulheres, pertencentes a outros grupos. Assim, os desdobramentos gerados pelos efeitos da opressão de gênero impactaram de forma diferente a identidade feminina das mulheres negras.

Em contraponto a este estado de apagamento, e por mais tímida que tenha sido a participação das mulheres negras na posição de colaboradoras textuais na publicação, ela aconteceu em todas as edições do jornal *Quilombo*. De modo geral, esses textos demonstravam a apreensão com a integração da população negra, sobretudo, das mulheres, nos aspectos intelectuais, laborais, maternos e sociais.

No campo da veiculação das imagens, por outro lado, essa presença se fez mais contundente. Ao longo das dez edições do jornal, foram publicadas 213 imagens que fazem referência à figura humana. Esse número é composto por 92 fotografias e ilustrações, incluindo as que também estão presentes nas campanhas publicitárias. Desse total de 213 produções iconográficas com figuração humana no jornal *Quilombo*, 122 delas representam mulheres, o

que já demonstra que o jornal estava estimulando diferentes modelos de construção de identidade e imaginários sociais

O mesmo destaque vale para os concursos de beleza promovidos pelo TEN, que tiveram grande destaque dentro do jornal e que foram concebidos como ferramenta pedagógica que enfatizava o biótipo da beleza da mulher afrobrasileira, educando a apreciação estética popular, deturpada pelas imposições imperialistas que consolidaram os padrões eurocêtricos como sinônimo de beleza, questão que ainda perdurou nos anos seguintes.

Assim, podemos afirmar que ao longo da sua curta trajetória, a publicação se destacou por sua relevante participação no processo contínuo de superação da estereotipação, a ressignificação da imagem do negro e a ampliação de sua visibilidade, estimulando diferentes modelos de construção de identidade e imaginários sociais, especialmente sobre a mulher negra.

Capítulo II - O branco no mundo negro: mestiçagem, contradições estéticas e estratégias de visibilidade nas páginas do jornal *Quilombo*

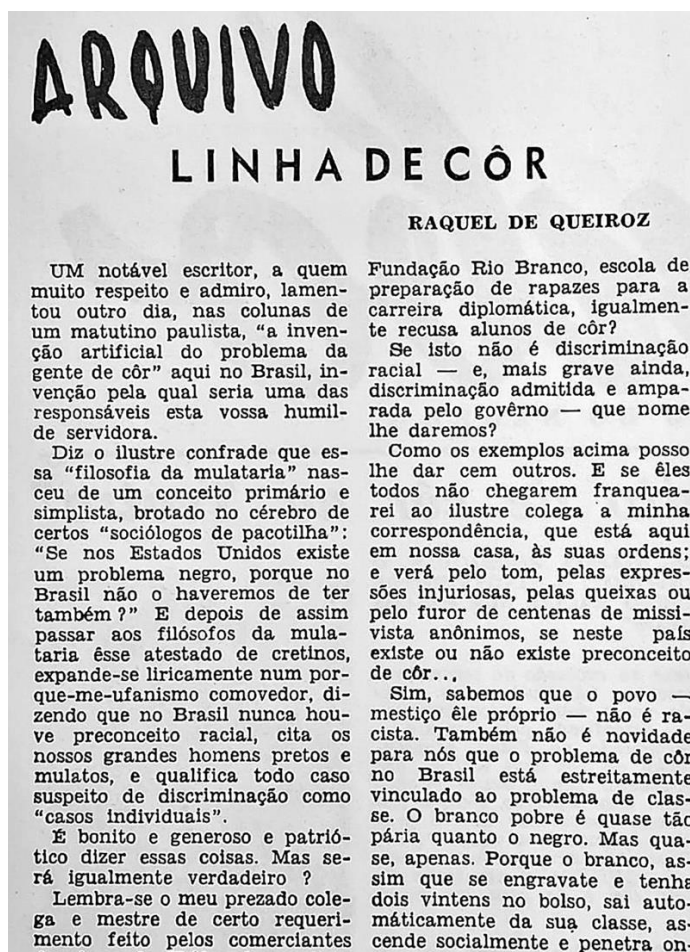
A partir da análise do contexto histórico envolvendo tanto a publicação do jornal *Quilombo*, como a trajetória de vida de Abdias do Nascimento no período anterior a feitura da publicação, o presente capítulo busca formular reflexões e levantar hipóteses que possam contribuir para as discussões envolvendo as motivações que levaram uma publicação extremamente racializada, cujo próprio nome, *Quilombo*, referencia espaços e comunidades surgidos no período colonial criados por populações escravizadas como forma de resistência territorial, social e cultural, também abrigou em suas páginas colaborações de artistas e intelectuais não negros. O capítulo trata ainda de analisar a linguagem, tomando como objeto os próprios textos, dessas colaborações e o impacto por elas gerados.

Os referenciais teóricos deste capítulo se baseiam nos estudos de Florestan Fernandes sobre a “situação do negro e do mulato na sociedade brasileira” desde a abolição da escravatura, onde o autor aborda o esforço persistente e difícil deste grupo no sentido de conseguir a redefinição social do ex-escravo, como trabalhador livre e como cidadão; as teorias que envolvem o conceito de democracia racial forjadas por Gilberto Freyre, na obra *Casa Grande e Senzala* (1933); as ideias de mestiçagem e identidade produzidas por Stuart Hall; assim como na obra *Abdias Nascimento – o griot e as muralhas* (2006), de Abdias Nascimento e Éle Semog.

Não é demais destacar que o jornal *Quilombo*, em consonância com outros veículos da chamada imprensa negra, nasceu no meio negro – no caso específico, como um braço do Teatro Experimental do Negro, que tinha como função primeira reabilitar e valorizar socialmente a herança cultural, a identidade e a dignidade do afro-brasileiro por meio da educação, da cultura e da arte. Além disso, ao destacar em seu subtítulo a frase “vida, problemas e aspirações do negro” e, em sintonia com o editorial da primeira edição do jornal, fica evidente se tratar de um veículo que denunciava a discriminação racial no Brasil e dava notícias e informações sobre cultura negra no mundo. Como não bastassem essas características intrínsecas a publicação, o próprio Abdias do Nascimento era alguém conhecido por seu engajamento em prol dos negros e por exaltar suas raízes ancestrais. “O que eu admiro em Abdias do Nascimento é a sua irredutível consciência racial. Por outras palavras: trata-se de um negro que se apresenta como tal, que não se envergonha de sê-lo e que esfrega a cor na cara de todo o mundo”, afirmou o dramaturgo Nelson Rodrigues em depoimento concedido a Éle Semog. Então, por quais razões

a participação não negra acompanhou, especialmente via colaborações textuais. A resposta é complexa, e não necessariamente única, conforme demonstrado ao longo deste capítulo.

FIGURA 10 – Jornal Quilombo



Artigo assinado pela escritora Raquel de Queiroz e publicado na coluna Arquivo, na primeira edição do jornal *Quilombo – Vida, problemas e aspirações do negro*, que circulou em dezembro de 1948, na cidade do Rio de Janeiro. Fonte: Jornal - Quilombo – Vida, problemas e aspirações do negro. Edição fac-similar. Editora 34, 2003, p.20)

Desde 1535, quando do registro da traumática chegada ao Brasil dos primeiros negros capturados e escravizados ainda no continente africano, esses homens, mulheres e crianças de cútis retinta, violentamente retirados de suas terras, transportados pelas águas do Oceano Atlântico em condições sub-humanas e, propositalmente extirpados do convívio social entre seus pares familiares e tribais assim que desembarcavam em solo americano, naturalmente sentiam-se como corpos despossados identitariamente, sem afeto patriótico à terra onde

passariam a habitar. Foram necessários séculos dessa conflituosa presença negra no Brasil, somada a consciência dos cativos da quase intransponível possibilidade de retorno ao continente africano e, especialmente, após a promulgação das primeiras leis abolicionistas, para que o banzo desse lugar a um sentimento de pertencimento territorial. Ainda assim, mesmo com laços afetivos reconstruídos, com filhos nascidos e espaços de sociabilidade criados na nova terra, e a inolvidável contribuição para a construção do país, a barreira da cor e a subalternidade violentamente imposta a essa população continuaram como marcadores que historicamente dificultam o pleno pertencimento social dos negros no Brasil. Por maior que seja o esforço dessa população em obter reconhecimento prático e simbólico, e por mais que alguns poucos consigam momentaneamente esquivar-se da barreira do racismo, os negros seguem, com raras exceções, como intrusos no mundo branco.

Um dos estudos que contextualizam e sistematizam essa complexa relação social é a obra *O Negro no Mundos dos Brancos*, de Florestan Fernandes Júnior. Originalmente publicado em 1972, o livro se propõe a problematizar a “situação do negro e do mulato na sociedade brasileira”, tanto na dimensão do regime escravocrata e senhorial como, posteriormente, diante das “transformações mais avançadas da sociedade competitiva e da civilização industrial”. Cinquenta anos após sua publicação, *O Negro no Mundos dos Brancos* segue atual ao apontar, por exemplo, para a manutenção de privilégios daqueles que se consideram seres superiores como um dos alicerces das relações inter-raciais entre negros e brancos no Brasil.

Os que pensam que há algum fundo de veracidade nas expectativas e estereótipos que justificam as atitudes, as orientações de comportamento e as avaliações raciais dos “brancos”, provavelmente procuram nos *elementos ancestrais* da cultura e do comportamento do negro uma explicação para o seu “fracasso” ou para o malogro do “protesto negro”. Contudo, nem mesmo a capitulação passiva poderia ser imputada ao que se poderia considerar original e profundamente negro ao comportamento do negro e do mulato. Na área de contato com o branco, onde o negro não aparece despojado dos valores de seu mundo social próprio, suas identificações morais ou culturais não possuem nenhuma eficácia e não contam para nada na determinação do ciclo de ajustamento inter-racial. Nessa área, o negro vive nos limites de sua segunda natureza humana e tem de aceitar e submeter-se às regras do jogo, elaboradas para os brancos, pelos brancos e com vistas à felicidade dos brancos. (FERNANDES, 1972, p.12/13).

É fundamental sublinharmos também que, como outrora ocorrera em episódios isolados ao longo do período escravocrata no Brasil, com maior intensidade ao longo do século XIX, houveram pessoas não negras contrárias ao regime de escravização e sinceramente solidárias a plena e definitiva inclusão dos negros na sociedade brasileira. A aristocrata Maria Tomásia Lima (1826-1902), vinculada a Sociedade Cearense Libertadora e conhecida por

liderar a luta para que a abolição da escravatura no Ceará fosse adiantada - é um dos nomes mais lembrados de pessoas não brancas a aderirem a causa da liberdade negra no século XX. Conquistada a Abolição - que vale ressaltar não foi um presente dado por pessoas brancas -, e paralelamente aos projetos de branqueamento de população brasileira apoiados por dirigentes e intelectuais tanto do império quanto do movimento republicano, não são poucos também os exemplos de um certo encantamento proporcionado pelo contato do branco com os mais variados elementos da cultura negra no Brasil. Num processo de reconhecimento tardio da capacidade intelectual e da humanidade do negro acessadas através do contato com algumas de suas manifestações tradicionais, como a dança, a música, a culinária e as artes visuais, muitos brancos, ao adentrarem esses universos, passam a ver o outro – o negro - como um igual.

No campo da intelectualidade, excluindo aqui significativa parcela de iniciativas acadêmicas que, fisicamente e simbolicamente, distante do seu objeto de estudo, tendem a objetificar e homogeneizar o negro enquanto tema, tornando passiva a sua presença no país e submissa a sua contribuição cultural, uma das mais interessantes aproximações raciais entre negros e brancos na primeira metade do século XX se deu justamente pela *Democracia Racial*. Não o conceito, que ganhou relevo com a obra *Casa Grande e Senzala* (1933), de Gilberto Freyre, mas a vanguardista coluna publicada nas páginas do jornal *Quilombo - Vida, problemas e aspirações do negro* (1948/1950).

No artigo de introdução à coletânea fac-similar do jornal *Quilombo – Vida, problemas e aspirações do negro* (São Paulo: Editora 34, 2003), o cientista social e pesquisador Antônio Sérgio Alfredo Guimarães destaca, ainda no terceiro parágrafo do texto, uma das características marcantes da publicação e um dos fatores de diferenciação deste veículo para os seus pares da imprensa negra do período: a presença de intelectuais negros e brancos, juntos, em um periódico assumidamente negro. Ou seja, o uso prático da mestiçagem intelectual e combativa – em episódio semelhante ao ocorrido na campanha abolicionista na segunda metade do século XIX, enquanto fator de unidade em prol da causa negra brasileira.

Como jornal negro, o *Quilombo* foi bastante diferente de seus antecessores. Isso por vários motivos. Mas talvez o mais importante deles tenha sido justamente a sua inserção e sintonia com o mundo cultural brasileiro internacional. De fato, à maneira dos melhores jornais americanos ou franceses da época, o *Quilombo* congregava, num mesmo espaço político e cultural, intelectuais negros e brancos, que emprestavam sua grandeza para a construção do pós-racismo brasileiro. (GUIMARÃES. 2003, p.11)

O autor conclui, enfatizando alguns nomes de reconhecido prestígio no cenário intelectual brasileiro já à época, e que participaram como colaboradores do periódico.

Interessante notarmos aqui a presença de Gilberto Freyre, que anos mais tarde, em entrevista ao poeta e contista Éle Semog, definiria o escritor como “reacionário”.

Uma das portas de entradas desse amplo e sólido arco de alianças entre brancos e negros na luta antirracista foi a coluna Democracia Racial, na qual o Quilombo publicou, geralmente em textos escritos exclusivamente para ele, intelectuais do porte de Gilberto Freyre, Arthur Ramos, Roger Bastide, Murilo Mendes, Estanislau Fischlowitz, Ralph Bunche entre outros. (GUIMARÃES. 2003, p.11)

Antes de adentrarmos as especificidades que marcaram a regular presença de pessoas não negras nas páginas do jornal *Quilombo*, se faz necessário explicar o significado do conceito de democracia racial, sistematizado por Gilberto Freyre na obra *Casa Grande e Senzala* (1933). Aliás, *Democracia Racial* e *Arquivo*, o primeiro, provavelmente, aplicado de modo provocativo, sarcástico e jocoso, foram os nomes escolhidos para batizar as colunas que abrigariam as colaborações textuais de intelectuais brancos dentro da publicação.

Figura 11 – Jornal Quilombo

Há preconceito de côr no Teatro?

RESPONDE A NOSSA ENQUETE NELSON RODRIGUES, O DISCUTIDO AUTOR DE “ANJO NEGRO”: — “INGENUIDADE OU MÁ FÉ NEGAR O PRECONCEITO RACIAL NOS PALCOS BRASILEIROS”

Nelson Rodrigues marca uma fase na evolução do teatro brasileiro. Suas peças “Vestido de Noiva” e “A Mulher sem pecado” grangearam-lhe a reputação de nosso maior autor dramático, e outras, “Album de Família” — interdita pela Censura — e “Anjo Negro”, recentemente apresentada no Fênix, provocaram debates acêsos em torno do valor de sua obra teatral, uns considerando Nelson Rodrigues verdadeiro genio, outros negando-lhe qualquer valor. Enquanto tudo isso acontece, Nelson Rodrigues prepara-se para enfrentar nova tempestade com a próxima representação de “Senhora dos Afoçados”, a nossa “Electra” que a policia interditou também. Ninguém, portanto, mais autorizado para abrir a discussão de QUILOMBO em torno da existência ou não do preconceito de cor e de raça em nosso teatro.

A QUE ATRIBUE O AFASTAMENTO DO NEGRO OU MESTIÇO DOS NOSSOS PALCOS?

A nossa pergunta Nelson Rodrigues respondeu com precisão:

molecagem e a cachaça. Mas tais preconceitos não representam diante do preconceito maior e mais irredutível, que é o da côr. (Continua na pág. 6)



Nelson Rodrigues

Trecho da entrevista concedida pelo dramaturgo Nelson Rodrigues e publicada na primeira edição do jornal *Quilombo – Vida, problemas e aspirações do negro*, que circulou em dezembro de 1948, na cidade do Rio de Janeiro. Fonte: Jornal - Quilombo – Vida, problemas e aspirações do negro. Edição fac-similar. Editora 34, 2003, p.19)

Desse modo é importante pontuarmos que o significado do termo Democracia Racial à época da circulação do jornal não é exatamente o mesmo que ele passou a ter especialmente após os anos 1960, quando começou a ser interpretado exclusivamente como um conceito que nega a existência do racismo e, portanto, sinônimo de uma sociedade racialmente homogênea e igualitária no que compete as oportunidades, tratamento, direitos e deveres dos seus cidadãos. Sejam eles brancos, negros, indígenas ou imigrantes.

É a tese mitológica do bom senhor e do escravo conformado que, no fundo, forma uma unidade com a da ‘democracia racial’ e são as duas, no conjunto, a projeção das relações escravistas do passado como idílicas. O conceito do bom senhor, tão caro a sociólogos como Gilberto Freyre, tem passado, nos últimos tempos, por análises científicas da crítica sociológica e se transformou apenas em um desejo saudosista de quem vê a paisagem da varanda da casa-grande, julgando os escravos como objetos, ou seja, através dos valores escravistas. (MOURA, 2021, p.106/107)

Historicamente cooptada pelo estado brasileiro enquanto ferramenta política de apaziguamento das tensões sociais no Brasil, o conceito do bom senhor e o mito da democracia racial voltaram a reverberar no cotidiano brasileiro a partir do fim da segunda década do século XXI. Impulsionado pela ascensão política da extrema direita, especialmente após o pleito eleitoral de 2018, parte da elite conservadora do país, subvertendo o uso informativo, social e educativo das ferramentas de comunicação, forjou um discurso de que no Brasil somos “todos iguais”, “um só povo”, jogando para de baixo do tapete problemas estruturais que não somente subjugam e inferiorizam as parcelas mais frágeis da população: mulheres, negros, indígenas, pobres e pessoas lgbqiap+, como em muitos casos são responsáveis por atingirem o ápice de ceifar a vida destes. No caso específico dos negros e mestiços, este discurso do retrocesso, que sublinha uma inverídica igualdade racial no país, apresenta-se como um poderoso obstáculo para a materialização de avanços práticos no debate sobre as consequências do racismo, bem como impede a efetivação da implementação de políticas públicas que atendam as demandas da negligenciada comunidade negra do país. Porque, sim, o racismo ainda persiste no Brasil e os números comprovam o alto preço que o país paga ainda hoje pelo abandono de sua população negra à própria sorte após a Lei Áurea:

- Negros e pardos – classificação que inclui mulatos e uma ampla gama de mestiços – representam 54% da população brasileira, mas sua participação entre os 10% mais pobres é muito maior, de 78%. Na faixa dos 1% mais ricos da população, a proporção inverte-se. Nesse restrito e privilegiado grupo, situado no topo da pirâmide de renda, somente 17,8% são descendentes de africanos;

- Na educação, enquanto 22,2% da população branca tem 12 anos de estudo ou mais, a taxa é de 9,4% para a população negra. O índice de analfabetismo entre os negros em 2016 era de 9,9%, mais que o dobro do índice entre os brancos. A brutal diferença se repete na taxa de desemprego, de 13,6% e 9,5% respectivamente. Os negros, no Brasil, ganham em média R\$ 1.570,00 por mês, enquanto a renda média entre os brancos é de R\$ 2.814,00 (IBGE/PNAD);
- Nos cursos superiores, em 2010, os negros representavam apenas 29% dos estudantes de mestrado e doutorado, 0,03% do total de aproximadamente 200 mil doutores nas mais diversas áreas do conhecimento e só 1,8% entre todos os professores da Universidade de São Paulo (Departamento de Recursos Humanos, 2015);
- Um homem negro tem oito vezes mais chances de ser vítima de homicídio no Brasil do que um homem branco. Afrodescendentes formam a maior parte da população carcerária e são mais expostos à criminalidade. São também absoluta maioria entre os habitantes de bairros sem infraestrutura básica, como luz, saneamento, segurança, saúde e educação (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA);
- Entre os 1.626 deputados distritais, estaduais, federais e senadores brasileiros eleitos em 2018, apenas 65 – menos de 4% do total – eram negros. Incluindo os pardos, o número chega a 27%, ainda assim, proporcionalmente a metade da população brasileira total que se encaixa nessas duas classificações (54%). No Senado, a mais alta câmara legislativa do país, a proporção é ainda menor. Só três dos 81 senadores (3,7%) se declararam negros. Entre os governadores dos estados e do Distrito Federal, não há nenhum. E também nenhum entre os ministros do Supremo Tribunal Federal, desde que Joaquim Barbosa se aposentou, em 2014 (Resultados eleitorais de 2018 divulgados pelo Tribunal Superior Eleitoral – TSE, segundo classificação de raças adotadas pelo IBGE);
- Nas quinhentas maiores empresas que operam no Brasil, apenas 4,7% dos postos de direção e 6,3% dos cargos de gerência são ocupados por negros;
- Os brancos são também a esmagadora maioria em profissões de alta qualificação, como engenheiros (90%), pilotos de aeronaves (88%), professores de

medicina (89%), veterinários (83%) e advogados (79%) (Ministério do Trabalho, RAIS 2016);

- Só 10% dos livros publicados no Brasil entre 1965 e 2014 são de autores negros. Entre os diretores de filmes nacionais produzidos de 2002 a 2012, apenas 2% (Levantamentos da Universidade de Brasília, UnB, e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, UERJ).

Como dissera o pernambucano Joaquim Nabuco durante a campanha abolicionista, movimento que empolgou o país ao longo da segunda metade do século XIX, os brasileiros estariam condenados a permanecer no atraso enquanto não resolvessem de forma satisfatória a herança escravocrata. A premonição pode ser observada tanto nestes números acima, como no cotidiano de quaisquer cidade brasileira. Mas, voltando ao jornal *Quilombo*, além de uma certa dose de sarcasmo e provocação, uma das respostas ao enigma que ronda o batismo de uma coluna de um jornal declaradamente negro com o nome de *Democracia Racial*, mesmo Abdias já sendo naquele momento um expressivo símbolo da resistência negra no país – especialmente em razão do seu enfático posicionamento sobre o preconceito racial no Brasil, adicionado aos conceitos balizares de promoção da dignidade e de oportunidades à população negra que sedimentaram a criação do Teatro Experimental do Negro (TEN), e do próprio jornal *Quilombo*, reside no fato de que nas décadas de 1940 e 1950, a ressignificação do termo democracia racial era a retórica de uma coalizão progressista e antirracista, que estendera o significado mais restrito e conservador do conceito de Gilberto Freyre para transformá-lo em palavra de ordem de uma inserção realmente igualitária, em termos políticos e culturais.

O amálgama de intelectuais negros e brancos dividindo as páginas de uma publicação declaradamente negra, portanto, além poder ser entendida como uma estratégia para ampliar a visibilidade da publicação, bem como para legitimar as pautas ali veiculadas, também se mostra como uma ação de ressignificação do conceito de mestiçagem. Uma vez que o discurso médico higienista-eugenista no Brasil, que vigorou com maior intensidade no país entre o final do século XIX e início do século XX, mas que ainda ecoou timidamente ao longo das primeiras décadas do século passado, foi encampado por parte da intelectualidade local, que pregava por meio de narrativas sustentadas pelo evolucionismo darwiniano e pelo "racismo científico" da época, que a mestiçagem seria responsável pela ruína da nação.

Fato é que Abdias Nascimento fazia refletir nas organizações que criou não apenas seu obstinado posicionamento racial ideológico, como também os processos por ele experienciados

na vida em sociedade. Esta, constituída por brancos, negros e estrangeiros europeus que, mesmo distante de viverem em plena harmonia, em muitas ocasiões conviviam lado a lado.

“De um jeito quase possessivo, o professor Abdias Nascimento trouxe para si a responsabilidade e o controle de todas as atividades desenvolvidas pelo TEN. Sabia que, se não procedesse assim, seria impossível levar o termo aquele propósito coletivo”. (SEMOG; NASCIMENTO, 2006, p. 141).

Anteriormente a criação do jornal *Quilombo*, as experiências sociais de Abdias se deram primeiro em Franca, no interior do estado de São Paulo, cidade onde nasceu. Depois na capital, São Paulo e, posteriormente no Rio de Janeiro, onde forjaria a criação do TEN, do jornal *Quilombo* e onde se aproximaria da intelectualidade local. Contraditoriamente, até a criação do jornal *Quilombo* e as poucas relações interracialis experienciadas em sua juventude, a aproximação mais profunda de Abdias com agentes da intelectualidade branca aconteceu por meio do movimento integralista. A citada contradição reside no fato de que o integralismo brasileiro foi um movimento político de caráter nacionalista e fascista. O seja, contra os negros. E por mais que o movimento tendo tido como slogan a frase "União de todas as raças e de todas as pessoas", muitos dos seus membros e líderes possuíam ideologias assumidamente antissemitas. Sobre sua participação no movimento integralista brasileiro, Abdias afirmou:

“Devo dizer que o integralismo foi para mim uma rica escola de vida. Foi ali que comecei a entender realmente de arte, literatura, economia, educação, defesa nacional, os grandes problemas nacionais e outras questões de fundamental importância na vida de um país. Esse aprendizado não se refere à questão negra, mas sim no sentido amplo de cultura geral e da experiência cívica mais abrangente”. (SEMOG; NASCIMENTO, 2006, p. 83).

Por mais antagônico que pareça ser, o envolvimento de Abdias com o movimento integralista brasileiro – que possuía alas assumidamente racistas - não foi um caso isolado envolvendo uma liderança negra da época. Uma das mais importantes organizações negras da sociedade civil brasileira do século XX, a Frente Negra Brasileira (FNB), tinha entre as suas principais lideranças pessoas que, no campo ideológico, eram adeptos do integralismo e, por isso, consequentemente, mesmo que de maneira involuntária, comungavam com o fascismo.

O jornal *A Voz da Raça* (1933), órgão oficial da FNB, e que combatia o racismo e defendia políticas voltadas à melhoria das condições de vida da população negra, exibia em seu cabeçalho a seguinte frase: “Deus, Pátria, Raça e Família”. Ou seja, acrescia o termo raça ao slogan: “Deus, pátria e família”, lema da Ação Integralista Brasileira.

O integralismo tinha um apelo por conta de sua narrativa de inclusão da população negra. Essas ideologias estavam circulando por aqui e influenciando diversos grupos (...). Uma ideia que nasce com os integralistas, e que foi cara à FNB, era o conceito de segunda abolição. Isso significa que a abolição da escravidão não havia sido

completa, porque não se pensou em políticas de integração e de auxílio à população que fora liberta. Seria necessária uma segunda abolição para que essas medidas fossem implementadas. (Frente Negra: a história do movimento que apoiava o integralismo e foi pioneiro do ativismo negro no país, 2020).

Compreendido o contexto da época e os conceitos destacados, a conclusão mais prazível sobre a inclusão de pessoas não negras como colaboradores do jornal *Quilombo* é que esta foi na verdade uma estratégia para dar visibilidade e legitimidade a publicação e os anseios nela verbalizados. Ao mesmo tempo que revelava também a proeminência e o prestígio de Abdias entre a intelectualidade brasileira da época. Este status de referência negra intelectual se deu, especialmente, após a criação do pioneiro e revolucionário Teatro Experimental do Negro, em 1944.

A militância de Abdias no movimento integralista – assim como mais tarde também seria o seu envolvimento afetivo com mulheres brancas – serviu de argumento para colocar em dúvida sua legitimidade como sujeito político empenhado na produção de soluções para questões abertamente estruturais, no caso o racismo contra negros. Além do mais, não há como não incluir na balança o fato do jovem Abdias, por volta dos seus vinte e poucos anos, estar vivendo um período de experimentos, de edificação intelectual, de costura de ideias e de gestação de um projeto que o transformaria num homem obstinado por uma única missão: dar visibilidade e expandir toda a grandiosidade do homem negro e da mulher negra numa nação que tinha – e tem – no racismo uma das principais marcas da sua ignóbil sociedade.

(...) Mas se naquela época minha idade era pouca, minha experiência política era nenhuma. Tudo para mim se resumia nos ardores entusiásticos dos 18 anos. Somente o estudo, o sofrimento, a meditação e o tempo puderam esclarecer muita coisa em minha consciência” (SEMOG; NASCIMENTO, 2006, p. 85).

Em sua primeira edição, que circulou em dezembro de 1948, o jornal *Quilombo* trouxe como um dos principais destaques, ocupando inclusive a capa do periódico, uma entrevista com o dramaturgo Nelson Rodrigues, cujo título era: “Há preconceito de côr no Teatro?”. Como se não bastasse o privilegiado local do texto, que ainda se desdobra pela página 06, ele ainda vinha acompanhado de uma fotografia de Rodrigues, no canto superior direito da página. Além do dramaturgo, a única figura branca da capa do jornal, o jornalista norte-americano George S. Schuyler, Abdias do Nascimento e a atriz Ruth de Souza, eram as demais personalidades cujas imagens também ocupavam a página.

Para uma publicação que orgulhosamente estampava em seu subtítulo a frase “vida, problemas e aspirações do negro”, e em cujo editorial deixava explícito a quem era destinado: “...em especial para fazer lembrar ou conhecer ao próprio negro os seus direitos à vida e a cultura”, a presença de Nelson Rodrigues na capa do primeiro número do jornal causava um

certo estranhamento. Enigma este quebrado ainda no texto de introdução da entrevista, em que o dramaturgo, autor da peça *Anjo Negro*, é apresentado por Abdias como “ninguém, portanto, mais autorizado para abrir a discussão de QUILOMBO em torno da existência ou não de preconceito de cor e de raça em nosso teatro”.

Autor de peças como *Vestido de Noiva*, *A Mulher sem pecado* e *Álbum de Família*, aos 36 anos de idade, Rodrigues já era considerado um gênio do teatro brasileiro aquela altura. Portanto, alguém com conhecimento suficiente para falar sobre os mais variados assuntos entorno do tema. A criação de *Anjo Negro*, peça baseada no drama do problema racial, contudo, deve ter impactado decisivamente na decisão de Abdias, que anos mais tarde voltaria a elogiar “a caracterização das nossas relações de raça”, defendida Rodrigues:

“Não caçamos pretos, no meio da rua, a pauladas, como nos Estados Unidos. Mas fazemos o que talvez seja pior. Nós o tratamos com uma cordialidade que é disfarce pusilânime de um desprezo que fermenta em nós, dia e noite”. (RODRIGUES, 1978, p.77)

Aproveitando o estrondoso sucesso alcançado com a peça *Vestido de Noiva*, que estabeleceu uma renovação jamais vista nos palcos brasileiros, assim como a proeminente atuação do escritor na imprensa carioca – Rodrigues já havia passado com destaque como colaborador do jornal *O Globo*, e em *O Jornal* (de propriedade dos Diários Associados, que já foi a maior corporação de imprensa do país), o *Quilombo* aproveitou-se deste contexto para dar visibilidade a então recém-lançada publicação.

Assertivamente, Rodrigues, que se considerava um reacionário e que anos mais tarde viria inclusive a apoiar o Regime Militar e elogiar o governo do presidente do General Emilio Garrastazu Medici, foi preciso em sua resposta a primeira pergunta de *Quilombo*: “A que atribui o afastamento do negro oi mestiço dos nossos palcos?”:

“(…) É preciso uma ingenuidade perfeitamente obtusa ou uma má fé cínica para se negar a existência do preconceito racial nos palcos brasileiros. A não ser no Teatro Experimental do Negro, os artistas de cor, ou fazem moleques gaiatos, ou carregam bandeja ou, por último, ficam de fora. Por que esta situação humilhante? Vejamos alguns dos motivos mais nítidos. Em primeiro lugar, subestima-se a capacidade emocional do negro, o seu ímpeto dramático, a sua força lírica e tudo o que ele possa ter de sentimento trágico. Raros admitem que ele possa superar a molecagem e a cachaça. Mas tais preconceitos nada representam diante do preconceito maior e mais irredutível, que é o da cor? (...)”. . (RODRIGUES, *Jornal Quilombo*, n.1, p.1, 1948)

A polêmica entrevista concedida por Nelson Rodrigues foi publicada em um contexto especial, mas que se repetiria nas páginas de algumas as edições seguintes do jornal, como ocorrera, por exemplo, com o industrial e aliado político de Abdias Nascimento, o senhor Jael de Oliveira Lima. Ou seja, uma presença que pode ser considerada aleatória, ou na melhor das

hipóteses substituível, de uma personalidade branca nas páginas do jornal. Isso porque a participação de Nelson, assim como parte dos textos que destacavam a figura de Jael de Oliveira, não se deu por meio de uma coluna ou editoria especial, conforme dava a entender o interesse da criação das colunas Arquivo e Democracia Racial. Tratava-se de uma entrevista exclusiva concedida por aquele que fora apresentado pela própria publicação como “nosso maior autor dramático”.

Como anteriormente mencionado, as colunas *Democracia Racial* e Arquivo tiveram fundamental importância na estruturação simbólica do que pretendia ser o jornal Quilombo, pois estabeleceram-se como as portas de entrada do arco de alianças entre brancos e negros na luta antirracista nas páginas da publicação. A estreia das colunas, ainda na primeira edição do jornal, se deu com a publicação de um texto de Gilberto Freyre, intitulado *A atitude brasileira*, em Democracia Racial; e Raquel de Queiroz, com o artigo *Linha de Côr*, em Arquivo.

Outro sinal de que o preconceito racial e as mais variadas injustiças impostas ao povo negro no Brasil seriam respondidas não na mesma moeda, usando o ódio, a violência e a ignorância, mas por meio de ações democráticas, pode ser observada se novamente voltarmos ao editorial publicado no primeiro número de *Quilombo*, onde Abdias Nascimento presta reverência a duas de suas maiores influências até aquele momento, citando, entre eles, Gilberto Freyre.

A cultura, com intuição e acentos africanos, a arte, poesia, pensamento, ficção, música, como expressão do grupo brasileiro mais pigmentado paulatinamente vai sendo relegado ao abandono, ridicularizado pelos líderes do “branqueamento”, esquecendo-se esses “aristocratas” de que o pluralismo étnico, cultural, religioso e político dá vitalidade aos organismos nacionais, sendo o próprio sangue da democracia (Gilberto Freyre). Podemos dizer que o desconhecimento do negro como homem criador e receptivo vem desde 13 de maio de 1888 (Arthur Ramos). (NASCIMENTO, 2003 [1948]: 19).

Ao trazer para o debate as ideias de Gilberto Freyre sobre, por exemplo, “democracia social e étnica” luso-brasileira, o *Quilombo* pretendia inverter e, quem sabe, ressignificar esses conceitos – como já vinham praticando no TEN ao valorizar a competência cênica e dramatúrgica de artistas negros - visando estabelecer uma nova prática de emancipação social, cultural, política e econômica no Brasil.

Porém, ao contrário de Nelson Rodrigues, Gilberto Freyre, no artigo *A atitude brasileira*, escorregou para um nacionalismo ufanista que jamais contemplou os filhos mais frágeis da nação.

“Entre nós, os indivíduos de evidente origem africana não se sentem ‘africanos’, ou ‘negros’, mas brasileiros: tão brasileiros quanto os mais puros dos descendentes de

índios; tão brasileiros quanto os filhos de portugueses. E o mesmo é certo de brasileiros descendentes de israelitas. De um deles, homem ilustre, se conta que só viajando na Europa veio a aperceber-se o fato de que descendia de israelita. Sua única consciência, por assim dizer étnica, era a de brasileiro. E todos conhecem as palavras célebres de José do Patrocínio num dos seus eloquentes discursos: ‘Nós, da raça latina’. Era da ‘raça latina’ que se sentia o notável brasileiro quase preto. Da ‘raça latina’ e não africana”. (FREYRE, 2003 [1948]: p. 8).

É possível crermos que um “negro revoltado”, nome que viria batizar uma das mais cortantes de suas obras literárias, como Abdias tenha demorado a digerir a colaboração especial de Freyre à publicação. Isso porque ali nada mais estão do que suas antigas certezas de que o país vivia um preconceito de cor brando e não violento, “longe de constituir o ódio sistematizado, organizado, arregimentado, de branco contra preto ou de ariano contra judeu ou de indígena contra europeu, que se encontra noutros países de formação étnica e social semelhante à nossa”. (FREYRE, 2003 [1948]: 8).

A decepção de Abdias com o pensamento do intelectual Gilberto Freyre, que reduzia os impactos do racismo velado e estrutural da sociedade brasileira, seria manifestada posteriormente em diversas ocasiões. Por vezes, de forma ríspida:

(...) Eles querem os negros de alma branca, ou os morenos de alma branca, ou o tal brasileiro, que também é outro disfarce. Quando eles dizem que aqui não há negros nem brancos, há brasileiros, são brasileiros com alma europeia, porque todos concordam: tem que ser os valores europeus os predominantes. É a negação da cultura negra! Isso, mesmo os ditos progressistas, os ditos de vanguarda. Não se trata apenas de um reacionário como o Gilberto Freyre. Não... são também os ditos homens da revolução brasileira, todos eles. (SEMOG; NASCIMENTO, 2006, p. 125)

Roger Bastide, Carlos Drummond de Andrade, Emílio Di Cavalcanti, Rachel de Queiroz... das matérias assinadas presentes no jornal *Quilombo* – considerando artigos, entrevistas e traduções, constam 56 nomes. Entre as colaborações de intelectuais brancos, é importante ressaltar que, muitos deles simplesmente expressavam suas opiniões a respeito de questões relacionadas à população negra, sem, contudo, ter uma atuação política mais incisiva relacionada a esta temática, ou mesmo uma compreensão mais sofisticada da participação negra na construção da identidade brasileira. Por outro lado, houve quem propusesse reflexões mais profundas para o campo do pensamento crítico sobre a produção artística afro-brasileira e da diáspora africana. É o caso do texto intitulado *Poesia Afro-Americana*, assinado pelo poeta argentino Efraim Tomás Bó e publicado na edição de estreia de *Quilombo*. Ainda no primeiro parágrafo do artigo, é possível observarmos a sensibilidade do autor no trato com a poesia de autoria negra.

(...) De toda a poesia debruçada e sua expressão, vamos separar aquela que nasceu dos negros vindos para a América – qualquer que seja sua temática. Dentro deste volume de manifestação íntima ou interior, trataremos de assinalar os motivos líricos puros

que a inspiram e que tem sua fonte autêntica na alma do negro, em sua emoção humana diferenciada, e em seu temperamento espiritual submetido ou adaptado ao clima de convivência americano. Estas suposições nos permitem afirmar que estão fora de nossa valorização poética os motivos nascidos para expressar primariamente o pranto ou a revolta, a resignação ou a luta do escravo. Estes temas podem ter valor em si como incitações políticas ou sociais, porém em poesia é somente um estímulo que precisa trabalho literário afim de transformar-se e arte. A escravidão – e seus sentimentos paralelos de pranto e revolta, resignação e luta – são acidentes na condição humana do negro transplantado para a América ou daquele que trabalha em suas feitorias europeias da África. (BÓ, *Jornal Quilombo*, n.1, p.3, 2003)

Poeta argentino dono de uma biografia pouco conhecida, Efrain Tomas Bó, por intermédio de amigos em comum, conheceu Abdias do Nascimento no final dos anos 1930, quando este retornava à cidade do Rio de Janeiro após a realização do Congresso Afro-Campineiro, em 1938. A sintonia entre Abdias e Bó, assim como com os outros dois poetas argentinos que o acompanhavam, Juan Raul Young e Godofredo Tito Iommi, foi imediata e fértil, regada a muita poesia e álcool. Juntos, logo no primeiro encontro que tiveram, fundaram a Santa Hermandad Orquídea:

(...) o que pretendíamos que fosse um bate-papo agradável, descontraído, para trocarmos informações e notícias sobre o que andava ocorrendo e sobre o que fazíamos, tanto na Argentina quanto no Brasil, foi muito mais que isso, e acabou por se transformar na primeira reunião onde fundamos, entre brindes, aplausos e vivas, a Santa Hermandad Orquídea. (...) assumimos que era importante ter uma posição de sujeitos parasitários dentro da sociedade. Nós não queríamos fazer nada, só queríamos poesia. Era ‘Dante ou nada’ o nosso lema. E nós vivíamos de bebedeira em bebedeira. Antes, nós não tínhamos o respaldo da Hermandad, mas as farras e bebedeiras já eram presentes. Agora já éramos alguém, os verdadeiros parasitas, irmanados no que julgávamos ser um estado de espírito, uma condição de existência, uma distinção em meio àquela gente e àquela cultura devoradora de incautos. (SEMOG; NASCIMENTO. 2006, p. 100)

Foi na companhia do trio de argentinos, somada a presença do brasileiro Napoleão Lopes, também poeta e crítico de artes, que Abdias vivenciou uma das suas mais marcantes experiências de vida até então. Na ocasião, o grupo saiu sem rumo viajando pelo Brasil (Belém e Manaus) e América Latina (Peru, Bolívia, México, Argentina, Uruguai) “vivendo somente de poesia”. Essa intensa convivência com Abdias, acrescida das experiências da viagem, certamente enriqueceu os conhecimentos do jovem intelectual Tomas Bó sobre a influência negra nas artes brasileiras, bem como sobre a sua presença em outros países da América Latina, como Cuba, Porto Rico e Venezuela. Mais tarde, Abdias lembraria com carinho desse intenso período experienciado com os argentinos.

Posso afirmar, com tranquilidade, que nessa viagem consolidei a minha formação intelectual. Compúnhamos uma turma maravilhosa, todos estudávamos muito, erámos muito bem preparados. A poesia estava sempre presente em nossas conversas. Isso começava no café da manhã e ia até a hora de dormir. Tinha a todo momento um assunto sobre algum livro, sobre um fato político, discussões sobre as posições de algum intelectual ou de algum filósofo. A diferença do tempo em que estive preso foi

que, no contato com aqueles intelectuais, existia um aspecto cultural, mas tudo estava muito amarrado às atividades políticas. Com a turma da Hermandad, as questões políticas estavam presentes, mas não se sobrepunham às atividades culturais, àquela prática de estar lidando todo dia com um tipo de conhecimento mais ágil, mais pungente. (SEMOG; NASCIMENTO, 2006, p. 111).

Tomas Bó, por sua vez, no artigo *Poesia Afro-Americana*, deu a entender os caminhos que a poesia negra trilhou no pós-abolição em países da América Latina, cruzando subjetividades deste fazer poético negro em sua essência a partir da localidade geográfica onde essa manifestação se dava. Importante observar que Tomas Bó é cuidadoso em não subjugar, ou analisar essa poesia diaspórica a partir de cânones europeus, valorizando assim a dita cultura popular e sua influência na construção estética das artes negras.

Voltamos a repetir que as nossas suposições permitem afirmar que existem caracteres intrínsecos da alma lírica do negro em sua manifestação artística e que estes caracteres, oriundos de seus sentidos profundos, só o negro pode sentir e expressar. Importa acrescentar que esta expressão é valiosa na medida em que é possível sua universalidade. (...) Só na poesia popular o negro expressa com verdade e com beleza sem o pranto nem a revolta como matéria dominante de sua arte. Será Nicolás Guillen, o poeta lúcido que construirá seus versos sobre uma temática verdadeira com sólidas raízes em sua alma e com sábia ideia do essencial da poesia. (BÓ, *Jornal Quilombo*, n.1, p.3, 2003)

Em sua segunda edição, que circulou em maio de 1949, Daniel Rops e, novamente, Efraim Tomás Bó, são as figuras não negras com textos publicados no número. Rops assina a coluna Arquivo, com o texto *Racismo Herança de Hitler*.

Por fim, a colaboração de intelectuais não negros nas páginas do jornal *Quilombo* demonstra que a publicação não propugnava por uma “cultura negra pura”, no sentido de um desenvolvimento cultural singular da “raça negra” no Brasil, visto que isso seria impossível e inimaginável naquele momento. Uma vez que uma movimentação nesse sentido seria a mais perfeita síntese de anti-nacionalismo e anti-brasileirismo, como, aliás, a direita mais raivosa gostava de acusar o jornal e o próprio TEN. Paralelamente a isso, também não teria sentido dizer que o ideal de *Quilombo* fosse apenas o de alcançar reconhecimento político, enquanto negros, sem nenhuma vinculação com as “raízes africanas”. Pelo contrário, em seus artigos o jornal procura trazer essas raízes e heranças culturais à luz do dia, tal como as experiências de humilhação e preconceito, dando-lhes o significado que a psicanálise lhes dava, ou seja, de responsáveis pela estruturação da personalidade dos seres humanos maduros. Nesse sentido, o jornal exalava negritude, tendo sido, na verdade, por meio das inúmeras colaborações que compartilhou, responsável pela formação de uma Negritude brasileira e nacionalista, com o nítido compromisso de negociação de uma identidade racial e cultural que precisava ser brasileira para aspirar à singularidade. E para este objetivo ser alcançado, ou seja, vencer o

conservadorismo das elites políticas e culturais do país para estabelecer, em definitivo a redenção do povo negro, se fez necessário não criar obstáculos para o projeto de uma nação mestiça.

Ao destrincharmos as relações inter-raciais entre negros e brancos no Brasil, observaremos, por exemplo, a fundamental participação de homens e mulheres brancos nos processos que culminaram na adoção das leis abolicionistas do século XIX. Leia-se como leis abolicionistas as medidas legislativas que buscavam promover a emancipação dos escravos de maneira gradual, sendo elas a Lei Eusébio de Queirós (1850), a Lei do Ventre Livre (1871), a Lei dos Sexagenários (1885), e por fim, a Lei Áurea (1888). Sem perdemos de vista os interesses econômicos e sociais que foram fundamentais para impulsionar a participação não negra na adoção de tais medidas, visto que tal movimentação em favor da proibição do tráfico ultramarino de escravizados só se efetivou em razão da pressão da Inglaterra pelo fim do regime, sem a participação de mulheres e homens brancos – apesar do protagonismo negro nessas movimentação - dificilmente tais leis teriam sido adotadas. Aqui, vale lembrar, não entraremos no mérito dos resultados da questionável abolição que não apenas negou direitos básicos à população negra, como também a marginalizou.

Fato é que por mais que as revoltas de escravizados tivessem se multiplicado pelo país entre o final do século XVIII e início do século XIX, acrescido da péssima repercussão internacional que se estabeleceu contra os países que, após a primeira metade dos anos 1850, ainda permaneciam utilizando o trabalho de escravizados africanos em suas estruturas sociais, os negros, por si só, dificilmente teriam força política e bélica para determinar o fim do regime escravocrata no país.

Deste modo, uma das conclusões que chegamos é que, Abdias do Nascimento, sabendo desse fato histórico, ou seja, da comunhão entre negros e brancos para o sucesso do maior movimento social da história do país, abriu as páginas do jornal *Quilombo* para intelectuais e artistas brancos com o intuito de fortalecer a luta antirracista no Brasil no pós-abolição e tornar efetivas as expectativas de mudanças na relações raciais aventadas pela Lei Áurea.

Mas as motivações dessa união promovida nas páginas do jornal são elásticas e não se encerram no importante acontecimento histórico de 13 de maio de 1888. Outra possibilidade aventada para a edificação dessa parceria foi o interesse do jornal em demonstrar que o regime democrático de direito que assegura a todos os brasileiros igualdade de oportunidades e obrigações tinha o respaldo entre aqueles não negros que foram encantados pelo que denominamos como manifestações da cultura afro-brasileira, ou seja, o conjunto de práticas culturais de matriz africana desenvolvidas pela população negra no Brasil desde os tempos do

regime colonial. Não são poucos os casos de mulheres e homens não negros que, encantados por essas manifestações passam a enxergar o valor cultural e humano do negro e de sua irremediável participação na construção do país, e acabam por fazer coro a luta antirracista no Brasil. “Verger não foi o único francês a se encantar com o mundo sagrado da Bahia. O sociólogo Roger Bastide, o poeta surrealista Benjamin Peret e o também fotógrafo Marcel Gautherot. Mas nenhum deles passou a viver tão de acordo com as normas do candomblé quanto Verger – que, apesar da cor da pele, se dizia negro por dentro”, afirma o artista plástico e fundador do Museu Afro Brasil, em São Paulo, Emanuel Araujo, no prefácio do livro *Verger: Um retrato em preto e branco* (2002).

Por fim, a hipótese que chegamos é que a inclusão de pessoas não negras como colaboradores do jornal *Quilombo* foi na verdade uma estratégia para dar visibilidade e legitimidade a publicação e os anseios nela verbalizados. Ao mesmo tempo que tornava público a proeminência e o prestígio de Abdias entre a intelectualidade brasileira da época.

Capítulo III - O Teatro Experimental do Negro nas páginas do jornal Quilombo

“O preconceito de cor no Brasil só nós os negros o podemos sentir”. Com esta afirmação de Isaltino Veiga, em frase ostentada no subtítulo da publicação, ascendia em 18 de março de 1833, na cidade de São Paulo, o jornal *A Voz da Raça*, autointitulado como um “semanário independente e órgão oficial da Frente Negra Brasileira”. Ao lado do jornal *O Clarim d’Alvorada*, o periódico *A Voz da Raça* foi o mais significativo jornal da imprensa negra paulista na primeira metade do século XX. A Frente Negra Brasileira, por sua vez, junto com o Movimento Negro Unificado, fundado em 18 de junho de 1978, em São Paulo, foi a maior e mais importante organização negra do século XX por conseguirem unir, organizar e unificar uma articulação ideológica do negro em caráter nacional.

Voltando ao jornal *A Voz da Raça*, tanto ele quanto a maioria das demais publicações da imprensa negra brasileira surgidas na primeira metade do século XX nas regiões sul e sudeste do país, também nasceram no seio de entidades organizadas. O jornal *Exemplo*, primeiro título da imprensa negra gaúcha, fundado em 1892, em Porto Alegre, nasceu do empenho e de uma organização informal de um grupo de doze homens negros. O periódico *O Baluarte* (1904), produzido na cidade de Campinas, era editado pelo Centro Literário dos Homens de Cor. O jornal *Elite*, fundado em janeiro de 1924, na cidade de São Paulo, era o órgão oficial do Grêmio Recreativo e Literário Elite da Liberdade. E por aí...

A grande diferença do jornal *A Voz da Raça* para as demais publicações negras do período forjadas em organizações recreativas, literárias e dramáticas da gente negra está, além do seu poderio econômico e longevidade, o fato de ter sido realmente uma publicação à serviço da Frente Negra Brasileira. Ao contrário de outras folhas que basicamente divulgavam em suas páginas notas sociais e acontecimentos corriqueiros de suas respectivas organizações – bailes, aniversários, casamentos, competições esportivas e outros eventos do gênero - *A Voz da Raça* publicava em considerável parcela de suas edições notícias voltadas especificamente a comunidade fretenegrina, nome pelo qual eram chamados os associados da FNB, bem como assuntos que demonstrassem o prestígio e a força política da organização, além das contraditórias bases ideológicas fundantes da entidade: Deus, pátria, raça e família.

Neste gravíssimo momento histórico da NACIONALIDADE BRASILEIRA, dois grandes deveres incumbem os negros briosos e esforçados, unidos num só bloco na FRENTE NEGRA BRASILEIRA: a defesa da Gente Negra e a defesa da Pátria, porque uma e outra coisa andam juntas, para todos aqueles que não querem traír a Pátria por forma alguma de internacionalismo. A Nação acima de tudo. (...) Ao Frentenegrino, para que possa alcançar, em época não distante, a satisfação dos seus ideais, é necessária a mais devotada e firme disciplina, condição unica da vitória. Só

vencem os batalhões disciplinados, que acatam os chefes e, por isso, em ordem vão para o triunfo. A eles, isto é, aos chefes é que é dado conhecer as operações de conjunto, a movimentação das forças, o nutrimento do fogo, o deslocamento de postos, tudo debaixo de um critério geral que muitas vezes desnorteia os soldados que queiram discutir a razão dos movimentos ordenados. (...) Confiantes em Deus, com aquela profunda religiosidade dos nossos Avós, cujo espírito não haveremos de trair, confiantes na nossa Obra e esforço, nós caminharemos firmes entre as mil dificuldades advindas da situação precária dos negros, ou originadas da incompreensão ou mau animo de negros e brancos”. (VEIGA DOS SANTOS, Jornal A Voz da Raça, n.1, p.1, 1933).

Figura 12 – Jornal Quilombo

QUILOMBO Página 7

TEATRO EXPERIMENTAL DO NEGRO

Breve história dessa importante realização artística e cultural — Suas próximas produções :
“Aruanda”, “Don Perlimplin e Belisa”, “Caligula”, “O Caminho da Cruz” e “Mulato”



Marina Gonçalves como “Mme. Harris” em “Todos os filhos de Deus têm cruz”, de O'Neill



Claudio Filho, estréia em “Aruanda”

“ARUANDA” E “DON PERLIMPLIN E BELISA”
CAMUS AO T. E. N.

Paris, 18 de Março de 1948

Abdias Nascimento

Rua Artur Bernardes, 48 apartamento 404

Rio de Janeiro — Brasil

Senhô :

Encarregado da correspondência do sr. Albert Camus, que me dá a resposta que posso ao meu conhecimento. O Sr. Camus ficou muito satisfeito com o meu interesse pelo seu “Caligula” e aceita o meu pedido para que me o represente no Brasil. Naturalmente ele o faz quando de direitos autorais. Com a separação de meus meios financeiros.

Amara de don Perlimplin poeta espanhol Federico Garcia Lorca, numa tradução de Theodor Paus, será a outra peça desta temporada. Aníbal Medeiros encarregou-se de desenhos figurativos e cenários. Marina Gonçalves desempenhará “Marcelina”, filha “belisa”. Luis Soares estréará como o “1º Duende”. Abdias fará “Perlimplin”.

“Caligula”, de Albert Camus, constituirá o grande acontecimento artístico do T. E. N. Considerada a obra mais importante do teatro contemporâneo, e sua montagem estudada e definitiva. Camus, em carta ao T. E. N. lamento do pagamento de direitos do autor. Esta peça servirá para apresentação de cerca de quinze mil intérpretes estando animo o T. E. N. atingindo suas objetivos de funcionar como uma autêntica escola de preparação cultural e cênica.

Para semana santa o T. E. N. prepara a representação do belen drama litúrgico “O Caminho da Cruz” do escritor Henri Ghéa que foi representado pela primeira vez numa alçada belga em 1932 ante milhares de espectadores. “Mulato” de Langston Hughes, que foi montado no Teatro do Negro pelo próprio autor por intermédio de H. Maxwell Jr., se encontra em estudo para ser incorporado ao seu repertório do ano próximo.

“CALIGULA” “O CAMINHO DA CRUZ E “MULATO”

“Caligula”, de Albert Camus, constituirá o grande acontecimento artístico do T. E. N. Considerada a obra mais importante do teatro contemporâneo, e sua montagem estudada e definitiva. Camus, em carta ao T. E. N. lamento do pagamento de direitos do autor. Esta peça servirá para apresentação de cerca de quinze mil intérpretes estando animo o T. E. N. atingindo suas objetivos de funcionar como uma autêntica escola de preparação cultural e cênica.

Para semana santa o T. E. N. prepara a representação do belen drama litúrgico “O Caminho da Cruz” do escritor Henri Ghéa que foi representado pela primeira vez numa alçada belga em 1932 ante milhares de espectadores. “Mulato” de Langston Hughes, que foi montado no Teatro do Negro pelo próprio autor por intermédio de H. Maxwell Jr., se encontra em estudo para ser incorporado ao seu repertório do ano próximo.

FIGURAS DE ANÍBAL MEDEIROS PARA “DON PERLIMPLIN E BELISA”

Na primeira edição do jornal *Quilombo* – *Vida, problemas e aspirações do negro*, que circulou em dezembro de 1948, na cidade do Rio de Janeiro, uma página inteira foi dedicada a dar visibilidade as ações artísticas do Teatro Experimental do Negro. Tal expediente viria a ser recorrente nas páginas do jornal nas edições posteriores.

Fonte: Jornal - Quilombo – Vida, problemas e aspirações do negro. Edição fac-similar. Editora 34, 2003, p.25)

A experiência de *A Voz da Raça*, que dirigia um olhar condescendente e sem criticidade aos acontecimentos envolvendo a entidade fundadora do periódico, no caso, a FNB, reverberou anos mais tarde nas escolhas editoriais do jornal *Quilombo*. Essa relação é possível de ser observada na onipresença de assuntos relacionados ao Teatro Experimental do Negro em suas páginas. Fundado em 1948, ou seja, 11 anos após a extinção do jornal *A Voz da Raça* e da própria FNB, dissolvidos com a instauração do Estado Novo, em 1937, o *Quilombo*, além da “vida, problemas e aspirações do negro”, se estabeleceu como uma importante plataforma para a divulgação, teorização e ratificação dos compromissos políticos e estéticos TEN. Muitas vezes essa presença se materializou demasiadamente ufanista. Mas é verdade também que o jornal, de forma pioneira, se constituiu em um espaço para o aprofundamento das discussões sobre a precária presença negra na dramaturgia nacional, como é possível observarmos, por exemplo, no diagnóstico penetrante feito pelo escritor, jornalista e dramaturgo Nelson Rodrigues, em frase estampada na primeira página da edição inaugural da publicação, ao ser indagado sobre a presença, ou não, do preconceito racial no teatro brasileiro:

“(…) É preciso uma ingenuidade perfeitamente obtusa ou uma má fé cínica para negar a existência do preconceito racial nos palcos brasileiros. A não ser no Teatro Experimental do Negro, os artistas de cor, ou fazem moleques gaiatos, ou carregam bandeja ou, por último, ficam de fora”. (RODRIGUES, Jornal Quilombo, n.1, p.1, 1948).

Deste momento em diante, com exceção da edição número 5, o TEN se faria presente em todas as demais edições do jornal *Quilombo*, até o encerramento das atividades do jornal, em julho de 1950. Além da honrosa citação de Nelson Rodrigues, a iniciativa, por se tratar do primeiro número do jornal, é apresentada em um generoso texto que ocupa toda a página sete da publicação. Intitulado “Teatro Experimental do Negro – Breve história dessa importante realização artística e cultural. Suas próximas produções: Aruanda, Don Perlimplin e Belisa, Calígula, O Caminho da Cruz e Mulato”, o artigo acompanha quatro imagens, sendo três fotografias – da atriz Marina Gonçalves, e dos atores Luiz Soares e Claudiano Filho - e uma ilustração dos figurinos do espetáculo *Don Perlimplin e Belisa*. Como sugere o didático título, o texto, que não é assinado, resume a trajetória da companhia, à época com 4 anos de atividades:

Fundado em fins de 1944 por Abdias Nascimento, com o apoio de varias pessoas brancas e pretas, o Teatro Experimental do Negro, se firmou, desde sua estreia no Teatro Municipal, a 8 de maio do ano seguinte, como alguma coisa nova e forte em nosso mundo artístico. A interpretação de Aguinaldo Camargo no papel de “Imperador Jones”, de Eugene O Neill, na cuidada tradução de Ricardo Werneck de Aguiar, surpreendeu mesmo ao pequeno número de espetadores que compareceram ao teatro com o maior otimismo em relação a capacidade dramática do negro brasileiro. Porque a maioria não acreditava na vitória dos negros. A peça era difícilima, tanto no desempenho, quanto na parte de direção e montagem. E aqui se

destacou a valiosíssima colaboração do pintor Enrico Bianco, responsável pela cenografia e efeitos de luz. Enrico transformou o palco do Municipal naquela pavorosa floresta de onde surgiam a todo instante os fantasmas que assustavam o pobre “Brutus Jones” em sua fuga desesperada. Depois, em 1946, “Todos os filhos de Deus tem azas”, também de O’Neill, no Fenix, e a revelação de outros interpretes de alta categoria dramática: Ilena Teixeira, Ruth de Souza, Marina Gonçalves, José Medeiros – que é também fotógrafo de rara sensibilidade artística -, Antonio Barbosa, sem falarmos em Natalino Dionisio e José da Silva que no papel, respectivamente, de “Lem” e “Feitiçeiro do Congo”, de “O Imperador Jones”, mereceram francos elogios da crítica, e Sady Cabral, responsável pelo desempenho do inglez “Smiters”. Encerrando o ciclo das peças negras de O’Neill – que numa carta compreensiva e amiga abriu mão dos direitos autorais – o TEN levou á cena “O moleque sonhador”, no Regina, em fins de 1946. No ano seguinte, isto é, em 1947, foi encenado “O Filho Pródigo”, original de Lucio Cardoso escrito especialmente para o elenco negro, e além de Aguinaldo Camargo, Ruth de Souza, Marina Gonçalves, estreiarão com êxito José Monteiro – atualmente interpretando muito bem o papel do “negro” em “La putain respetuese” de Sartre no elenco de Sandro – Haroldo Costa, Roney da Silva, e Ana Maria do TEB, fazendo a branca “Peregrina”. Um belo cenário de Santa Rosa, que também colaborou na direção do espetáculo. (Jornal Quilombo, n.1, p. 07, 1948).

A primeira informação que solta aos olhos no texto pode ser observada ainda nas primeiras linhas do artigo: “Fundado em fins de 1944 por Abdias Nascimento, com o apoio de varias pessoas brancas e pretas (...)”. A mestiçagem cultural, apesar de todo o empenho do TEN e do jornal em se autoafirmarem enquanto empreendimentos exclusivamente negros, é um traço significativo em ambas iniciativas. Tanto na publicação, por meio dos seus colaboradores, como no próprio TEN, visto que algumas montagens do grupo nasceram de textos dramatúrgicos de autoria não negra. Esse estratégico amalgame interracial em prol da solução dos problemas dos negros brasileiros pode ser melhor compreendido a partir das observações de Abdias a cerca dos erros e acertos cometidos por outras organizações negras no passado.

“Reconhecemos no início de nosso empreendimento a necessidade de apelar para uma tática sociológica ou sejam para um tipo de ação não idealística e tão pouco ideológica, mas sensível e ajustada à configuração psico-social, cuja transformação almejávamos. Com efeito, se estudarmos a vida das associações de homens de cor neste país, colheremos a lição de que a maioria delas tem fracassado precisamente por carecerem daquilo que poderemos chamar de atitude sociológica. Ora nascem da revolta e organizam-se somente para lutar – de modo direto e imediato – contra a injustiça e discriminação de cor, agravando, assim, o processo de solução do problema de uma parte da população brasileira; ora inspiravam-se em intuits políticos – algumas vezes legítimos e a maioria das vezes inconfessáveis -, e neste caso, serviam quase sempre a interesses pessoais. De um modo ou de outro, a vida de tais associações era efêmera ou, quando não, de vida atuante precária, delas resultando quase nada de positivo, a não ser um diversionismo inconsequente”. (NASCIMENTO, Jornal Quilombo, n.3, p.11, 1949).

A edição inaugural de *Quilombo*, mais do que sublinhar a importância do país ter em suas fileiras um companhia negra de teatro e refletir sobre o *modus operandi* da presença e da representação do corpo negro no teatro brasileiro, também serviu para o TEN apresentar as credenciais da sua complexa atuação, que ia muito além de um grupo teatral.

“(...) o Teatro Experimental do Negro não é, apesar do nome, apenas uma entidade de objetivos artísticos. A necessidade da fundação deste movimento foi inspirada pelo imperativo da organização social da gente de côr, tendo em vista a elevação de seu nível cultural e seus valores individuais. (...) desejo assinalar que o Teatro Experimental do Negro não é nem uma sociedade política nem simplesmente uma associação artística, mas um experimento psico-sociológico, tendo em vista adextrar a gente negra nos estilos de comportamento da classe média superior da sociedade brasileira” (NASCIMENTO, *Jornal Quilombo*, n.7-8, p. 11, 1950)

A constante divulgação das ações sociais do TEN e do seu posicionamento político ideológico nas páginas do *Quilombo*, não demoraria muito, transformaria Abdias, principal responsável pela criação do grupo e, aos 36 anos de idade, já consolidado como uma eminente liderança das causas negras do país, em um valioso *player* político. Não por acaso, seis anos após a criação do TEN e apenas um ano depois da criação do jornal – plataforma fundamental para a visibilidade discursiva da iniciativa - Abdias publicou um longo texto na edição conjunto de números 7-8 oficializando sua candidatura à Assembleia Legislativa do Distrito Federal.

“Amigos meus, colaboradores e simpatizantes do movimento que fundamos visando a elevação cultural e econômica do negro brasileiro, resolveram lançar minha candidatura à Assembleia Legislativa do Distrito Federal. Justificaram seu gesto com o argumento de ser minha eleição a vereador uma etapa lógica e natural no desenvolvimento desse programa de busca de meios que acelerem o processo de integração de brancos e negros no Brasil, assegurando assim, a tática por nós usada, armas mais efetivas e poderosas na luta de conquista desse padrão de existência ideal que libere os brasileiros de côr de complexos, tensões emocionais e das atuais desvantagens sócio-econômicas”. (NASCIMENTO, *Jornal Quilombo*, n.7-8, p. 01, 1950)

Mas voltando a presença do TEN nas páginas do jornal, era importante que a amplitude dos seus interesses sociais e culturais fossem sublinhados, uma vez que o nome Teatro Experimental do Negro não deixava nítido que a atuação do grupo se expandia muito além da “simples” constituição de uma companhia teatral negra. Provavelmente por isso, um dos programas do TEN do qual Abdias mais se orgulhava, a alfabetização gratuita de jovens e adultos, também ganhou destaque no texto que se propunha a resumir as realizações da iniciativa. Sob o título “Alfabetização e Cultura”, o conteúdo de um parágrafo chama a atenção especialmente para a estrelada equipe de professores voluntários e para o generoso número de pessoas atendidas: 600 alunos.

O TEN manteve, em salas cedidas pela União Nacional de Estudantes, várias aulas de alfabetização, sob a chefia do professor Ironides Rodrigues. Cerca de seiscentos alunos frequentavam esse curso, interrompido, infelizmente, por falta de local para funcionar desde o dia em que a UNE necessitou suas salas. Também foi ministrado um curso de iniciação cultural, com a colaboração dos professores José Carlos Lisboa e Maria Yeda Leite, da Faculdade de Filosofia da Universidade do Brasil, William Rex Crawford, então adido cultural da Embaixada Americana, poeta José Francisco

Coelho, romancista Raymundo Souza Dantas e outros. (Jornal Quilombo, n.1, p. 07, 1948).

Enfatizar o trágico encerramento da parceria com a UNE e, conseqüentemente, o fim das atividades do curso de alfabetização promovido pelo TEN, pode ter sido uma estratégia para sensibilizar autoridades públicas e influentes empresários do setor privado a apoiarem a retomada do curso. Visto que o grupo e Abdias já contavam naquela época com a simpatia e a adesão de muitos intelectuais e políticos brancos, bem como haviam edificado importantes alianças a nível internacional, é bem provável que, além de se fazer pública a agenda de compromissos do grupo, o texto tenha como intenção principal viabilizar a continuidade do curso.

FIGURA 13 – Jornal Quilombo



Péricles Leal foi um dos principais responsáveis em sistematizar, nas páginas do jornal *Quilombo – Vida, problemas e aspirações do negro*, as virtudes e realizações do Teatro Experimental do Negro assinando a coluna Teatro Negro do Brasil. No destaque, trecho da coluna publicada na noda edição do jornal, que circulou em maio de 1950, na cidade do Rio de Janeiro. Fonte: Jornal - Quilombo – Vida, problemas e aspirações do negro. Edição fac-similar. Editora 34, 2003, p.104)

É sempre bom ressaltarmos que ao longo de quase toda a primeira metade do século XX, o preconceito de cor no Brasil, por mais que o fantasioso conceito da democracia racial estivesse fortemente em voga, era determinante para que a população negra tivesse usurpado seu livre acesso tanto a ocupações como a instituições. Estes fatores foram determinantes para o surgimento de entidades negra independentes, como por exemplo, clubes de lazer, cooperativas, escolas de samba, órgãos culturais, jornais e concursos de beleza.

E foi justamente o concurso de beleza *Boneca de Piche*, um dos mais tradicionais eventos promovidos pelo TEN no início das suas atividades. Com o objetivo principal de construir uma nova identidade estética feminina, promovendo a mulher negra por caminhos diferentes daqueles onde elas figuravam apenas como domésticas ou simples objeto sexual. Além do *Boneca de Piche*, havia também outro concurso anual de beleza promovido pelo TEN, o *Rainha das Mulatas*. Considerada uma das iniciativas fundamentais do grupo, os concursos são apresentados aos leitores do jornal no texto intitulado “Iniciativas de Caráter Social”. Vale lembrar que ambos voltariam a ter generoso destaque nas páginas do *Quilombo*, com notícias sobre as solenidades de premiação, perfil das vencedoras, fotografias das candidatas e das personalidades convidadas por exemplo. Em três oportunidades, inclusive, concorrentes e vencedoras dos concursos ocuparam a capa do periódico.

Além de promover conferência, como uma sessão em homenagem a Cruz e Souza, na qual falaram Andrade Murici, crítico, e Augusto Frederico Schmidt, poeta, um recital de poesias abolicionistas de Castro Alves, com cenarisação, efeitos plásticos e canto coral, o TEN realiza dois cursos anuais: um para a escolha da “Rainha das Mulatas” e outro para a eleição da “Boneca de Pixe”. No primeiro desses certames já foram escolhidas Maria Aparecida Marques, professora publica e locutora de radio, em 1947, e Mercedes Batista, do corpo de baile do Municipal, no corrente ano. “A Boneca de Pixe de 48” foi a snrta. Maria Tereza. Para encerrar concursos, o TEN promove bailes nos salões do Clube Botafogo e High Life, e o apoio do Snr. Carlito Rocha, líder esportivo, e da Empresa Paschoal Segreto, com o snr. Domingos Segreto à frente, deve ser registrado com alegria, pois ambos nos dão testemunho de que a generosidade, a colaboração desinteressada, ainda é possível entre os homens. (Jornal Quilombo, n.1, p. 07, 1948).

Obviamente que o teatro, carro-chefe do Teatro Experimental do Negro, estaria fartamente representado na edição inaugural do jornal *Quilombo* no texto descritivo das atividades do TEN. Ocupando quase metade da página, os textos referentes a atuação dramatúrgica do TEN estão divididos em quatro partes. O primeiro deles apresenta um pequeno resumo das duas próximas montagens que seriam apresentadas pelo grupo na temporada, os espetáculos “Aruanda”, de Joaquim Ribeiro, e “Amores de don Perlimplin com Belisa em seu jardim”, do poeta espanhol Federico Garcia Lorca. O segundo texto tem caráter semelhante, uma vez que destaca outras três peças que entrarão no repertório da companhia, são elas

“Calígula”, de Albert Camus, “O Caminho da Cruz”, de Henri Gheón e “Mulato”, de Hangston Hughes, todas adaptações de autores estrangeiros. Os outros dois textos da página que destacam as ações dramáticas do TEN são, na verdade, cartas endereçadas ao líder do grupo Abdias Nascimento, enviadas por duas importantes personalidades intelectuais da época: Albert Camus e Eugene O’Neill, demonstrando a capilaridade internacional edificada pelo TEN. Além dos textos, a página é ricamente ilustrada com quatro imagens. Uma fotografia da atriz Marina Gonçalves em cena, interpretando Mme. Harris, no espetáculo “Todos os Filhos de Deus tem asas”, de Eugene O’Neill. Um retrato do ator Luiz Soares, destacando que o mesmo fará a sua estreia pela companhia no espetáculo “Don Perlímpimpim”, e um outro retrato do ator Claudiano Filho, também anunciando sua estreia pelo TEN, na montagem “Aruanda”. Por fim, uma ilustração apresenta dois figurinos produzidos por Anísio Medeiros para as personagens centrais da peça “Don Perlímpimpim e Belisa”.

No próximo dia 21 de dezembro, o TEN deverá apresentar no Ginástico duas peças: “Aruanda”, lançando um novo autor nacional, o sr. Joaquim Ribeiro, que em 1946, escreveu o primeiro original especialmente para esse grupo. Trata-se, em linhas gerais do conflito cultural e psicológico de uma mulata que, não acreditando na macumba é finalmente arrastada a desenfreada paixão por um santo desconhecido de “Aruanda” – o deus “Gangazuma”. O clima da peça é todo ele impregnado de mistério, de “pontos” e ritmos soturnos. Passa-se na Baía, num porão lá das bandas do rio Vermelho. Ruth de Souza fará a personagem de forte dramaticidade de “Tia Zefa”, Abdias será o “filho de santo Quelé”, e para o papel de “Rosa Mulata” estão sendo cogitados três nomes: Mercedes Batista, Noemia e Renée. “Pae João” servirá para a estreia de Claudiano Filho. Cenários de Eros Gonçalves, música de Gentil Puget. “Amores de don Perlimplin com Belisa em seu jardim”, do poeta espanhol Federico Garcia Lorca, numa tradução de Rosario Fusco será a outra peça desta temporada. Anísio Medeiros encarregou-se de desenhar figurinos e cenários. Marina Gonçalves desempenhará “Marcolfa”, Ruth de “Belisa”, Luis Soares estreiará como o “1 Duende”, Claudiano Filho “2 Duende”, Abdias fará “Perlimplin”. (Jornal Quilombo, n.1, p. 07, 1948).

Conforme salientado anteriormente, uma das principais diferenças do jornal *Quilombo* para os outros jornais negros militantes que o precederam foi a sua fina sintonia com o mundo internacional. Este estreito diálogo materializado nas páginas do jornal em colaborações de intelectuais estrangeiros como George Schuyler, Efraim Tomas Bó, Estanislau Fischlowitz, Paul Vanorden Shaw e Ralph Bunche, muito se deve ao prestígio que a época Abdias já desfrutava. De forma estratégica, por sua vez, era necessário divulgar a existência dessas relações que imprimiam valor e credibilidade as ações do TEN e do *Quilombo*, e não havia lugar melhor para isso do que as páginas do próprio jornal do grupo.

“Calígula”, de Albert Camus, constituirá o grande acontecimento artístico do TEN. Considerada a obra mais importante do teatro contemporâneo, “Calígula” está sendo ensaiada com carinho excepcional, e sua montagem estudada detidamente. Camus, em carta ao TEN isentou-o do pagamento de direitos do autor. Esta peça servirá para

apresentação de cerca de quinze novos interpretes estando assim o TEN atingindo seus objetivos de funcionar como uma autentica escola de preparação cultural e cênica. Para a semana santa o TEN prepara a representação do solene drama litúrgico “O Caminho da Cruz”, do escritor Henri Gheón que foi representado pela primeira vês numa abadia beneditina da Bélgica em 1932 ante milhares de espectadores. “Mulato” de Hangston Hughes, que foi enviado ao Teatro do Negro pelo próprio autor por intermédio de R. Magalhães Jr., se encontra em estudos para ser incorporado ao seu repertório do ano próximo. (Jornal Quilombo, n.1, p. 07, 1948)

Certamente para demonstrar o grau de intimidade dessas relações e, principalmente, para sublinhar a seriedade do TEN enquanto uma iniciativa que vislumbrava proporcionar a população negra brasileira um lugar autônomo naquela emergente democracia, Abdias fez questão de publicar as correspondências enviadas ao grupo por Albert Camus e Eugene O’Neill, autorizando o TEN a montar seus respectivos espetáculos: “Calígula” e O Imperador Jones”. Suzane Labiche, secretária de Camus, assim escreveu:

Encarregada da correspondência do snr. Albert Camus, que se acha ausente, transmiti-lhe a carta que haveis enviado. Ele deu-me a resposta que passo ao vosso conhecimento. O Snr. Camus ficou muito sensibilizado com o vosso interesse pelo seu “Calígula” e sentirá a maior prazer que vós o representeis no Brasil. Naturalmente ele não faz questão de direitos autorais. Com a segurança de meus melhores sentimentos. (a) Suzane Labiche, secretaria. (LABICHE, Jornal Quilombo, n.1, p. 07, 1948)

Já o dramaturgo anarquista norte-americano Eugene O’Neill, afetuosamente, assim escreveu do próprio pulso:

Meu prezado Snr. Nascimento:

Sua carta de 8 de novembro atrasou-se grandemente no caminho e não me chegou em San Francisco senão ontem. Perdoe-me pois este atraso. Não é minha culpa.

Dou-lhe minha permissão para montar “O imperador Jones” sem nenhum pagamento a mim, e quero desejar-lhe todo o sucesso que você espera para o seu “Teatro Experimental do Negro”. Conheço muito bem as condições que você descreve do teatro brasileiro. Tivemos as mesmas condições no nosso teatro antes que “O Imperador Jones” fosse representado em New York em 1920 – qualquer parte de responsabilidade era sempre desempenhada por atores brancos pintados de preto. (Isto, naturalmente, não se aplicava à comédia musical ou ao teatro de variedades, onde uns poucos negros conseguiram alcançar grande sucesso). Depois de “O Imperador Jones”, representado originalmente por Charles Gilpin e mais tarde por Paul Robeson, fazer um grande sucesso, o caminho estava aberto para o negro representar drama sério em nossos teatros. O que dificulta agora é a falta de peças. Mas acho que bem cedo haverá dramaturgos negros de real mérito para suprir essa falta.

Em qualquer situação pode contar sempre comigo para cooperar com vocês porque desejo acima de tudo que o seu teatro tenha bom êxito e longa vida.

Agradeço-lhe muito a gentileza do seu oferecimento de remeter-me os comentários sobre a sua representação, traduzidos para o inglês. Ficarei contente de vê-los.

Os melhores votos para você e para todos aqueles relacionados com o seu teatro. (as.) Eugene O’Neill. (O’NEILL, Jornal Quilombo, n.1, p. 07, 1948).

Na edições seguintes, o jornal *Quilombo* prosseguiu reservando generosos espaços ao TEN. Em seu segundo número, publicado em maio de 1949, um terço da página 7 do jornal *Quilombo* foi ocupada pela coluna “Notícias do Teatro Experimental do Negro”, acompanhada de três fotografias, sendo duas imagens pequenas e uma imagem de média proporção. O conteúdo da coluna, que basicamente visa projetar o TEN, destaca dois assuntos. O primeiro deles, intitulado “Centenário de Martins Pena”, apresenta informações sobre a participação de mais de 20 atores e atrizes do TEN nas comemorações ao centenário da morte de Luiz Carlos Martins Pena, considerado o fundador do teatro de comédia no Brasil. A segunda notícia, que leva o título de “Multiplicam-se os Teatro do Negro”, sublinha a proliferação de companhias dramatúrgicas negras no país, apontando tanto para o surgimento de iniciativas nas cidades de São Paulo, Porto Alegre e Santa Catarina, como ressaltando o pioneirismo e a influência do próprio TEN para esta movimentação:

A semente foi lançada em 1944, com a fundação do Teatro Experimental do Negro aqui no Rio. Essa ideia de um teatro negro em cada estado, em cada município, está fazendo proselitismo, e em alguns casos já em vias de se materializar. (Jornal *Quilombo*, n.2, p. 07, 1949).

As imagens, por sua vez, cumprem um papel de normalização da figura do homem e da mulher negra enquanto sujeitos de acentuado valor intelectual, artístico e cultural, em contraposição as imagens, muitas vezes estereotipadas e/ou depreciativas, pessoas negras vinculadas em jornais conhecidos como tradicionais. Não por acaso, as legendas das fotografias publicadas nesta coluna – assim como ocorre de maneira homogênea dentro do jornal *Quilombo* - adjetivam positivamente os personagens retratados. Uma delas, um retrato do ator Antonio Barbosa é acompanhado da legenda: “O TEN apresentou ultimamente ‘Aruanda’, de Joaquim Ribeiro, e ‘Filhos de Santo’, de José Moraes Pinho, no qual Antonio Barbosa desempenhou papel destacado”. Na segunda foto, os méritos são destinados a atriz Luiz Barreto Leite, conforme diz a legenda da imagem:

“Luiza Barreto Leite, desde sua fundação, vem apoiando o TEN. Atriz de excepcional projeção colaborou em ‘Filhos de Santo’, conquistando merecidos aplausos da crítica e do público”. (Jornal *Quilombo*, n.2, p. 07, 1949).

A foto de maior destaque, posicionada no topo da página, ocupando três colunas do canto superior direito, possui uma função estratégica minuciosamente elaborada afim não simplesmente de exaltar o Teatro Experimental do Negro pelo conhecido viés editorial da publicação – como já seria esperado - mas sim pelo olhar do outro. Neste caso, do então ministro da educação, Clemente Mariani. O registro fotográfico em questão, que acompanha uma pequena nota, revela a participação de cerca de vinte integrantes do TEN no espetáculo

comemorativo em homenagem ao centenário de morte de Luiz Carlos Martins Pena. Realizado por iniciativa do Serviço Nacional de Teatro, órgão vinculado ao Ministério da Educação, o evento contou com a presença dos “mais expressivos valores do Teatro Brasileiro”, tais como Sadi Cabral, Bibi Ferreira, Olga Navarro, Procópio, Sergio Cardoso, Abdias, Luiz Delfino, Ruth de Souza, Odilon, Silveira Sampaio, Rodolfo Mayer, Josef Guerreiro, Iára Isabel, Aimée, Jardel Filho, além de integrantes do TEN.

Jorge Alves, Antonio Silva, Haroldo Costa, do TEN, a grande atriz Dulcina, o exmo. Ministro Clemente Mariani, o aplaudido ator Procópio, Abdias e Natalino Dionísio, nos bastidores do Ginástico, após a representação da peça de Martins Pena. (Jornal Quilombo, n.2, p. 07, 1949).

O ponto de inflexão desta página, além da fotografia onde é possível observar atores e atrizes brancos e negros em comunhão artística, além da própria figura do ministro da educação, está na publicação de uma carta enaltecendo o TEN e escrita em nome do senhor ministro.

Em nome do senhor Ministro da Educação e por este serviço desejo transmitir V.S e por seu intermédio a todo o Teatro Experimental do Negro minhas congratulações pelo êxito da representação de ‘A Família e a Festa na Roça’, em que brilhantemente atuou o conjunto sob sua direção pt Saudações cordiais pt Thiers Martins Moreira vg Diretor do Serviço Nacional de Teatro”. (Jornal Quilombo, n.2, p. 07, 1949).

Com raríssimas exceções, a imprensa negra do período – e ainda hoje – exibia imagens de pessoas não negras em suas páginas, ou mesmo publicava textos e outras colaborações que não fossem daqueles pertencentes a raça. De maneira geral, os jornais negros se constituíram ao longo da história não como publicações de viés separatistas, pelo contrário, sua fundação é marcada pelo interesse de integrar os negros a sociedade brasileira, além de fazer aquilo que outras folhas não faziam, abrir espaço para a produção intelectual e falar do negro brasileiro com dignidade e viés emancipatório.

Observando a conduta pública de Abdias, marcada por discursos, textos e posicionamentos intransponíveis quando das relações raciais no Brasil, não por acaso ele viria a publicar o livro “O Negro Revoltado”, também é possível notarmos que, por outro lado, Abdias não caiu na armadilha de generalizar o modo como as relações entre brancos e negros se constituiu.

O Teatro Negro é uma afirmação da cultura negra, da capacidade do negro de se organizar, da capacidade de luta do negro e da cultura africana no Brasil, independente de qualquer influência branca. Os brancos colaboraram como nós colaboramos com os brancos, mas eles não tem nada a ver com a fundação do Teatro Experimental do Negro. (SEMOG; NASCIMENTO, 2006, p. 122)

Expor o modo como as organizações e indivíduos negros transitam socialmente, acessando inclusive camadas mais altas da pirâmide política e social – predominantemente branco - não deixa de ser uma interessante estratégia por parte dos jornais negros para conseguir mais adeptos e validação. Expediente semelhante teve um dos seus pontos mais conhecidos quando da publicação da imagem do então chefe do governo provisório, Getúlio Vargas, ao lado de Isaltino Veiga dos Santos, secretário geral da Frente Negra Brasileira. Na fotografia publicada na edição inaugural do jornal *A Voz da Raça*, em registro feito no Palácio Rio Negro, em Petrópolis, Vargas e Veiga dos Santos aparecem lado a lado, ambos com semblante sério, e cada qual com o seu interesse.

Em sua terceira edição, publicada em junho de 1949, o jornal *Quilombo* mais uma vez abriu um generoso espaço para o Teatro Experimental do Negro, publicando uma pequena fotolegenda e um texto de meia página para transmitir ao leitor as notícias da companhia. Diferente de outras ocasiões, o texto “Espírito e Fisionomia do Teatro Experimental do Negro” é assinado pelo próprio Abdias Nascimento, e identificado na publicação como “Discurso de abertura da Conferência Nacional do Negro”, evento realizado na sede da Associação Brasileira de Imprensa, no Rio de Janeiro, em 9 de maio de 1949.

Antes de falarmos do texto em si, importante destacarmos o incansável exercício da publicação em sublinhar, por meio de imagens, o protagonismo negro no campo das artes brasileiras, cumprindo uma importante função de desmitificar os estereótipos negativos que acompanham a relação da população negra e a mídia. No caso específico, *Quilombo* vai além da simples publicação de corpos negros em posição ativa e de dignidade, uma vez que destaca a capacidade dramatúrgica do artista retratado, o ator José Monteiro, evidenciando sua ascensão profissional no teatro brasileiro, conforme diz a legenda da imagem: “José Monteiro, elemento lançado pelo Teatro Experimental do Negro, vai interpretar, no Festival Shakespeare, do Teatro do Estudante, o difícil papel de Othelo”.

Note que, aproveitando o ensejo da participação do ator José Monteiro no Festival Shakespeare, o jornal deixa a entender que o convite ao artista só se viabilizou graças a sua passagem bem sucedida pelo TEN. Intuito semelhante, ou seja, valorizar e promover o TEN junto aos leitores do jornal, pode ser observado também, e com maior profundidade argumentativa, no texto “Espírito e Fisionomia do Teatro Experimental do Negro”. No discurso transformado em artigo no interior da publicação, Abdias ressalta a função emancipatória do TEN, esclarecendo, por exemplo, que a iniciativa transcende a dramaturgia.

O Teatro Experimental do Negro não é, apesar do nome, apenas uma entidade de objetivos artísticos. A necessidade da fundação deste movimento foi inspirada pelo

imperativo da organização social da gente de cor, tendo em vista a elevação de seu nível cultural e seus valores individuais. (Jornal Quilombo, n.3, p. 11, 1949)

Ao fazer essa afirmação, Abdias, estrategicamente, válida, por exemplo, as inúmeras ações que o TEN promove no campo social e político em prol da população negra, ao mesmo tempo que incute uma seriedade a organização, talvez temendo uma compreensão difusa da sociedade, habituada a enxergar o teatro no Brasil como simples entretenimento. Há porém, no decorrer do texto, uma clara evidência de seu autor em apresentar uma espécie de balanço das conquistas da organização no campo artístico, provavelmente com o interesse de comprovar sua relevância para aqueles que ainda duvidavam da capacidade do grupo.

“Desde a sua fundação, em 1944, (o TEN) criou aulas de alfabetização e de iniciação cultural, com a colaboração de ilustres intelectuais, como os professores Rex Crawford, então adido cultural à Embaixada Americana, José Carlos Lisboa, da Universidade do Brasil, Santa Rosa, Willi Keller, escritores Raimundo Souza Dantas, Guerreiro Ramos, José Francisco Coelho, Maria Yeda Leite, Irônides Rodrigues e muitas outras personalidades. Montamos três peças de Eugene O’Neill, auspiciadas pelo próprio autor – ‘Imperador Jones’, ‘Todos os Filhos de Deus Tem Asas’ e ‘Moleque sonhador’; uma de Lúcio Cardoso – ‘O Filho Pródigo’; dois recitais de poesias, de Castro Alves e de Cruz e Souza; lançamos os novos autores – Joaquim Ribeiro com ‘Aruanda’ e José de Moraes Pinho com ‘Filhos de Santo’, as quais, acrescidas de ‘Auto da Noiva’, de R. Fusco, iniciam a criação de um teatro, por assim dizer, regional brasileiro, assentado nas reminiscências míticas e no impulso místico dos negros. Neste ano, o TEN se prepara para intervir nas comemorações do 2º centenário do artista ariano Goethe, representando uma de suas peças. Temos conseguido tudo sem agressividade. Por exemplo: levar domésticas e operários humildes para o palco do teatro de maior responsabilidade do Brasil: o Municipal; reunir em nossas festas e atos sociais diplomatas de várias embaixadas, a melhor sociedade do Rio. Todas essas tem sido ocasiões de estimuladores do desenvolvimento da personalidade, ensejadas pelo TEN a negros e mulatos. E, ainda com absoluto sucesso, promovemos a valorização social das riquezas eugênicas da mulata e da negra através de concursos anuais da ‘Rainha das Mulatas’ e da ‘Boneca de Pixe’, realizando, assim, um programa de formação do gosto estético popular e de exaltação dos valores genuínos da civilização brasileira”. (Jornal Quilombo, n.3, p. 11, 1949).

No quarto número de *Quilombo*, datado de julho de 1949, o Teatro Experimental Negro é referenciado no texto “Ruth de Souza”. O artigo, que homenageia a atriz homônima, considerada pela publicação como a “primeira grande atriz dramática negra brasileira”, ressalta sua proeminente carreira, ao passo que vincula seu sucesso a relação umbilical edificada junto ao TEN. sublinha o fato da artista ser o “principal elemento feminino do Teatro Experimental do Negro”.

Ruth de Souza, principal elemento feminino do Teatro Experimental do Negro, onde, com a sua sensibilidade vem logrando conquistar os mais calorosos aplausos da crítica, unânime em reconhecer-lhe extraordinários dotes interpretativos, marcando todas as suas performances com o vigor e o brilho do seu enorme talento. Ruth de Souza ingressou no TEN em 1945, estreando no Municipal integrando o seu Recitativo Coral. (...) Além de “vedete” do TEN, ao qual tem dado o melhor de seus

esforços, Ruth de Souza é uma batalhadora incansável pela conquista dos direitos da gente de cor do Brasil (...) (Jornal Quilombo, n.4, p. 03, 1949)

Apesar da referência ao Teatro Experimental do Negro como organização responsável não somente por promover e sedimentar a carreira da atriz Ruth de Souza, mas também por viabilizar, através das montagens do TEN, o sucesso alcançado nos palcos pela artista, é o texto “Uma Experiência de Grupoterapia”, assinado por Guerreiro Ramos, na coluna Arquivo, o conteúdo que mais se dedica a exaltar o TEN na referida edição.

Tendo como pano de fundo a então recente Conferência Nacional do Negro, evento realizado em maio de 1949, no Rio de Janeiro, e promovido por Abdias Nascimento, o sociólogo Guerreiro Ramos faz da coluna Arquivo uma ode ao Teatro Experimental do Negro. Primeiro, destaca o vanguardismo da iniciativa em propor, através do teatro, a emancipação da população negra. Para isso, utiliza, inclusive, terminologias que hoje seriam considerada preconceituosas, além de uma compreensão um pouco exagerada do real alcance e penetração social do TEN.

Com efeito, quem se der ao trabalho de ler o discurso com o qual o Sr. Abdias Nascimento instalou aquele conclave verificará que o conhecido líder descobriu uma pista jamais suspeitada entre nós, ou seja, a de pelo teatro adestrar os homens de cor nos estilos de comportamento de classe média e superior. Retoma, assim, este negro, a significação original do teatro como processo catártico, numa poderosa intuição artística e sociológica. (Jornal Quilombo, n.4, p. 07, 1949)

Interessante observarmos que, tal qual fizeram os mais destacados jornais da imprensa negra paulista ainda no início do século XX, o TEN também almejava – diante de uma moldura social que permanecia estática - apresentar-se como uma organização com funções catequizadoras. Ou seja, promotora da reconstrução social do país por meio de uma educação informal inclusiva, não separatista, alicerçada pelo teatro. É justamente essa vocação do TEN, definido por Abdias em seu discurso de abertura da Conferência Nacional do Negro como um “experimento psico-sociológico”, que une lute de classe num processo de reconstrução social através do resgate da humanidade, o que salta aos olhos de Guerreiro Ramos.

“A técnica social do TEN pode ser chamada de grupoterapia. Ela encontra similar na técnica do psicodrama e do sociodrama de J.L. Moreno que dirige dois teatros psicoterapêuticos em Beacon Hill, e em New York. O TEN não é orientado truculenta e agressivamente contra o preconceito de cor. Ao contrário, proclama pela palavra de seu criador, não ser esta a tática acertada a ser usada em ‘nossa’ questão racial, tão diferente da norte-americana. Ele é um campo de polarização psicológica, onde o homem encontra oportunidade de eliminar as suas tensões e os seus recalques.” (Jornal Quilombo, n.4, p. 07, 1949).

Estranhamente, o Teatro Experimental do Negro não protagonizou nenhum conteúdo publicado na quinta edição do jornal *Quilombo*, que circulou em janeiro de 1950. Porém, da sexta até a sua décima e última edição, o TEN voltaria a ocupar privilegiado espaço nas páginas do periódico.

Publicado em fevereiro de 1950, o sexto número de *Quilombo* é marcado pela inauguração do artigo Teatro Negro do Brasil, assinado pelo jovem Péricles Leal – que mais tarde se tornaria uma respeitada figura da televisão brasileira - e que se desdobraria em quatro partes, sendo publicado até a última edição do jornal. Tendo como gancho principal o interesse em discorrer sobre o “fenômeno do Teatro Negro do Brasil”, Péricles, sepultando importantes iniciativas dramatúrgicas negras surgidas anteriormente ao nascimento do TEN, como por exemplo a icônica Cia. Negra de Revistas, ou mesmo a representatividade entre os negros brasileiros alicerçada pela Frente Negra Brasileira, deixa transparecer no decorrer do texto, intitulado “Introdução”, seu encantamento pela corajosa iniciativa de Abdias Nascimento. A ponto de fazer afirmações que renegam todo um passado de combatividade ao racismo e de criação artística no campo teatral protagonizada por negros brasileiros.

Para fazer uma análise cuidada do fenômeno do teatro negro do Brasil, com a pequena, mas algo substancial, estante de dramas sobre temas da gente de cor, é necessário, antes de mais nada, procurar sondar as origens do movimento de libertação do negro brasileiro ou, para abordar diretamente o assunto que nos interessa neste instante, as origens e os fundamentos do Teatro Experimental do Negro, cuja vida se deve ao dinamismo deste batalhador incansável e insusgestionável que é Abdias Nascimento. Aliás, se formos falar de maneira geral, o preto só começou a despertar verdadeiramente quando do aparecimento e desenvolvimento do TEN”. (Jornal *Quilombo*, n.6, p. 11, 1950)

Por mais importante e vanguardista que tenha sido o TEN, é injusto afirmarmos que sua atuação no combate ao racismo, tendo em vista inclusive seu alcance restrito as fronteiras da cidade do Rio de Janeiro, tenha sido o farol que iluminou a gente preta brasileira naquele período. Muito pelo contrário. O TEN, surgido mais de meio século após a abolição formal dada escravização no Brasil, se beneficiou de uma população que há mais de cinquenta anos vinha forjando associações de convivência, grêmios recreativos, jornais e outros meios da sociedade civil organizada que sedimentaram o caminho para a luta pela inclusão social e pelo fim do preconceito racial no Brasil. Além da já citada Frente Negra Brasileira, essa sim, a maior e mais importante organização negra do período, e uma série de iniciativas semelhantes nascidas Brasil a fora ao longo da primeira metade do século XX, é que puderam tornar viável a existência do TEN.

No terceiro parágrafo do texto que ocupa pouco mais que a metade da página, Péricles Leal volta a cometer um outro grande equívoco ao sugerir que a presença negra no campo da

produção artística se alterou drasticamente com o surgimento do TEN, conforme diz na seguinte afirmação:

“Antes do Teatro Experimental do Negro, imperava a crença ‘snob’ de que o negro é um ser inferior (como os nazistas julgavam os judeus). E, partindo deste ponto de vista vesgo e obsoleto, na cena brasileira não havia lugar para atores ou atrizes de cor. Raros foram aqueles que tiveram alguma projeção. (...) Quando uma peça exigia um participante negro de algum realce, ou o diretor de cena cortava a personagem ou um ator branco era pintado às pressas e lá se punha no palco, mal escondendo a cor natural, numa metamorfose que tendia sempre ao ridículo. (...) Esse absurdo estado de coisas continuou com seu império absoluto até o aparecimento e afirmação do Teatro Experimental do Negro”. (Jornal *Quilombo*, n.6, p. 11, 1950)

Oxalá o autor estivesse certo em sua análise. Mas a realidade se mostrou diferente. Se concentrarmos nossa análise no campo da dramaturgia por exemplo, veremos que somente em 1996, quase 50 anos após o início das transmissões televisivas no Brasil, é que o país teria a sua primeira protagonista negra na história da TV brasileira. No caso, a atriz Taís Araújo, que estreou a novela *Xica da Silva*, na extinta TV Manchete. Em 2015, repercutiu em todo o país a montagem do espetáculo “A mulher do trem”, da Cia. Os Fofos Encenam, que fazia uso da maquiagem blackface. Originalmente escrita pelos franceses Maurice Hennequin e George Mitchell, em meados do século XIX, quando o uso do blackface pelos diretores era usual, a montagem brasileira, após sofrer uma enxurrada de críticas nas redes sociais, teve sua exibição suspensa.

O encantamento de Péricles Leal frente ao Teatro Experimental do Negro, contudo, pode ser entendido dentro de um contexto mais amplo. Além do vínculo afetivo entre Péricles e Abdias Nascimento, uma vez que eram amigos, Péricles, aliás, anteriormente a publicação da sua coluna “Teatro Negro do Brasil”, já havia colaborado com o jornal *Quilombo* na edição 03, de junho de 1949, com uma análise crítica a contribuição negra a literatura norte-americana, é fato que o impacto social do TEN diante da comunidade não negra fluminense foi imenso. De fato, à exceção da campanha abolicionista no século XIX, ainda não havia no país uma iniciativa protagonizada pela comunidade negra que houvesse conseguido acessar os mais altos escalões intelectuais e políticos da sociedade como fizera, em curto espaço de tempo, o TEN. As parcerias estabelecidas no jornal *Quilombo*, as relações internacionais, os meios por onde Abdias transitava e, principalmente, o fato do grupo ter feito a sua estreia com um espetáculo apresentado no suntuoso Theatro Municipal, revelam a solidez da audaciosa iniciativa. Portanto, por mais que a coluna de Péricles possa soar panfletária ou bajuladora, muitos dos aspectos apontados corroboram com a atmosfera em que o TEN estava inserido naquele momento histórico.

Os que assistiram a estreia, no Teatro Municipal, de ‘O Imperador Jones’, podem afirmar o quanto de surpresa causou a montagem impressionante do drama o’nelliano. Dispondo de parquíssimos recursos financeiros – como aconteceu até hoje, é bom dizer de passagem – Abdias Nascimento realizou o impossível como diretor. Sem qualquer experiência notável como ‘regisseur’, soube bem captar e transmitir o ambiente carregado de alucinações do reino de Brutus Jones. E a solução que logrou para os Pequenos Medos Informes causou funda impressão. Isto para não falar na interpretação de Aguinaldo Camargo, no papel central, sob a direção do realizador negro, alcançou o ponto culminante de sua carreira (...). Uma mostra convincente e um desmentido a todas as tolas afirmativas de que os pretos não tinham capacidade para representar papes de importância, nem para dirigir espetáculos de responsabilidade”. (Jornal Quilombo, n.6, p. 11, 1950)

Na mesma edição, o texto “Exposição das atividade do TEN”, sem assinatura, cumpre uma função de anunciar uma exposição, que jamais ocorreu, em homenagem aos cinco anos de atividades do grupo. Mais uma vez o jornal é utilizado não como plataforma crítica do grupo, mas como uma ferramenta de autoexaltação, nem que para isso seja necessário ocultar, ou mesmo diminuir, outras iniciativas semelhantes.

“O Teatro Experimental do Negro é a iniciativa de brasileiros de cor que alcançou maior sucesso em nosso país e no exterior. Cedo lhe reconheceram a nobreza de seus intuítos e a profundidade de sua ideologia. Na exposição dos seus cinco anos de atividades a realizar-se ainda este ano, o público brasileiro vai assistir a uma demonstração documental da repercussão nacional e mundial do TEN. A exposição mostrará o antes e depois do TEN, de modo a ficar patente que ele se constituiu em verdadeira matriz de outros movimentos similares”. (Jornal Quilombo, n.6, p. 11, 1950).

Unificando duas edições em uma única publicação, leia-se as edições números 7 e 8, o jornal *Quilombo* que circulou entre os meses de março e abril de 1950, restringiu a abordagem mais incisiva sobre o Teatro Experimental do Negro por meio da segunda parte da coluna “Teatro Negro do Brasil”, novamente assinada por Péricles Leal, e que desta vez recebeu o título de “Espírito e Fisionomia do TEN”. A primeira parte do artigo, intitulada “Introdução” e publicada na edição 06 de Quilombo, seu autor ignora as experiências dramatúrgicas negras no campo teatral anteriores ao TEN, “a história do teatro negro do Brasil tem que ser obrigatoriamente dividida em duas fases distintas: antes e depois de ‘Imperador Jones’”, afirmou referindo-se ao espetáculo de estreia do grupo, apresentado em 1945, no Teatro Municipal. Na segunda parte do artigo, Péricles, dedica-se a exaltar o TEN, não enquanto um projeto de finalidade dramatúrgica, mas em sua amplitude social, definido nas palavras do próprio Abdias como um “experimento psico-sociológico”.

Diferentemente do primeiro artigo, quando Péricles anunciou, mas não entregou, “uma análise cuidada do fenômeno do teatro negro do Brasil”, desta vez, logo na introdução do texto, o autor deixa claro sua intenção de “estudar o fenômeno do aparecimento e afirmação do Teatro Experimental do Negro”. Mas na verdade, o que ele faz é tecer comentários, ou melhor,

reafirmar posicionamentos presentes no discurso proferido por Abdias Nascimento quando da abertura da Conferência Nacional do Negro, cujo um pequeno trecho foi republicado no interior do artigo.

“Com efeito, se estudarmos a vida das associações de homens de cor neste país, colheremos a lição de que a maioria delas tem fracassado precisamente por carecerem daquilo que podemos chamar de atitude sociológica. Ora nascem da revolta e organizam-se somente para lutar – de modo direto e imediato - contra a injustiça e discriminação de cor, agravando, assim, o processo de solução do problema de uma grande parte da população brasileira; ora inspiravam-se em intuítos políticos – algumas vezes legítimos e a maioria das vezes inconfessáveis – e, neste caso, serviam quase sempre a interesse pessoais. De um modo ou de outro, a vida de tais associações era efêmera ou, quando não, de vida atuante precária, delas resultando quase nada positivo, a não ser um divisionismo inconsequente”. (Jornal Quilombo, n.7-8, p. 11, 1950).

Tendo como base a fala de Abdias, Péricles discorre ao longo do artigo sobre os empecilhos que corroboram para a manutenção do que ele chama de “problema do negro” no Brasil, enfatizando as barreiras sociais e políticas que impedem o progresso e a autonomia dos negros no país. Mas, principalmente, ressaltando a importância do TEN para o fortalecimento do movimento negro brasileiro. Neste sentido, apesar de corroborar com algumas afirmações pretenciosas de Abdias, em especial aquelas que diminuem a relevância de outras iniciativas negras emancipatórias surgidas anteriormente ao TEN, Péricles é assertivo em exaltar uma das características, de fato, mais salutares da formatação da iniciativa: a inserção de operários e empregadas domésticas no universo das artes dramáticas, alguns dos quais alfabetizados para que pudessem ler os textos das peças.

“Apresentando atores negros – egressos das profissões mais inferiores – levando domésticas e operários humildes para o palco do teatro de maior responsabilidade do Brasil: o Municipal, Abdias Nascimento dava, assim, o grande passo para, não apenas negar a estúpida pretensão reacionária de que o negro é um homem inferior, mas, e principalmente, extirpar o complexo da cor inculcado – à força de tantas investidas racistas – nos pretos. Fez parte do programa de ‘descomplexização’ reuniões onde ex-operários e ex-domésticas eram cumprimentados e tinham oportunidade de manter palestra com figuras representativas da sociedade e dos círculos diplomáticos estrangeiros radicados no nosso país”. (Jornal Quilombo, n.7-8, p. 11, 1950).

Ainda na mesma edição, sustentado pelo editorial intitulado “Minha Candidatura”, onde Abdias Nascimento discorre brevemente sobre a escolha do seu nome a postulante a uma das vagas da Assembleia Legislativa Federal nas eleições do corrente ano, Abdias, inteligentemente, reproduz uma carta provocação enviada a todos os partidos políticos do Distrito Federal. No texto, Abdias oferece, gratuitamente, as páginas do jornal Quilombo, como espaço para propaganda político-partidária dos candidatos negros e mulatos dos partidos, ao passo que, sutilmente, promove um levantamento para aferir o espaço dedicado as essas

candidaturas dentro dos partidos estabelecidos, Abdias volta a reforçar o âmbito multidisciplinar do TEN.

“O Teatro Experimental do Negro tem, entre outros objetivos, o de estimular o desenvolvimento da capacidade política do homem de cor brasileiro. Uma das maneiras de realizar este objetivo é proclamar e ressaltar, perante os leitores do periódico QUILOMBO, os méritos de negros e mulatos no âmbito da ação cívica e da atividade política. Nestas condições, solicitamos a V. Excia. nos informar quais nomes e os respectivos endereços dos negros e mulatos que serão candidatos desse partido, no Distrito Federal, nas próximas eleições de 3 de outubro. De posse desses dados, a redação de QUILOMBO irá entrar em contacto com os candidatos afim de fazer em suas páginas, gratuitamente, a propaganda dos mesmos. Na certeza de que V. Excia. perceberá o alcance deste oferecimento e de uma resposta imediata, subscrevemo-nos com a maior estima e distinta consideração. (Jornal Quilombo, n.7-8, p. 05, 1950).

Publicado em maio de 1950, a edição número 9 do jornal *Quilombo* trouxe foi a terceira parte do artigo “Teatro Negro no Brasil”, assinada por Péricles Leal. Com o subtítulo “Panorama”, o texto, mais uma vez, de modo até panfletário, não poupou elogios ao TEN. Para sustentar as adjetivações endereçadas ao empreendimento de Abdias Nascimento, “somente o Teatro Experimental do Negro manteve e mantém acesa a chama da grande arte, como um símbolo da verdade a iluminar, inutilmente, a estrada da beleza”, Péricles Leal lançou mão de análises superficiais sobre as chanchadas e o teatro brasileiro contemporâneo.

“(...) na época em que apareceu o Teatro Experimental do Negro o abastardamento dos nossos autores, atores e público era completo. Não havia o menor gesto de repulsa ou qualquer sinal de tentativa de libertação da mediocridade dominante. As peças que compunham os repertórios eram sempre as mesmas, sendo que as vezes mudavam apenas de autores ou de ambiente, quando muito. O que havia era execrável sob todos os pontos de vista. (...) O panorama, como se pode ver, era desolador. A chanchada medíocre ou a chanchada pretenciosa (a segunda mais terrível que a primeira) ainda hoje tem primazia em todos os cartazes. E, vez por outra, aparece uma peça mais arejada, mas nunca vem com a força de uma criação artística realmente de valia, de vez que os grandes senhores do palco brasileiro sujeitam as peças ao seu nome. Assim, um autor que se aventura a escrever uma peça onde não haja chance do estrelismo, está condenado a morrer rigorosamente inédito, fora das fileiras do TEN”. (Jornal Quilombo, n.9, p. 10, 1950).

Para enaltecer os feitos artísticos do TEN, reconhecidamente bem-sucedidos, uma vez que o grupo ressignificou não somente a participação negra na dramaturgia brasileira, bem como colocou em pauta a condição de subalternidade com que atrizes e atores negros ocupavam no cenário teatral do país, Péricles Leal cai em uma perigosa armadilha: a de generalizar toda uma cena artística reconhecidamente heterogênea. Deste modo, portanto, diminuindo o valor histórico e estético de iniciativas que se empenharam, de maneira vanguardista, em tratar com altivez e dignidade atores negros, tais como a Cia. Negra de Revista (1926), criada por João Cândido Ferreira, o Monsieur De Chocolat, ou mesmo o palhaço Benjamin de Oliveira (1870-1954) e o desbravador artista cômico Grande Otelo (1915-1993).

Espantosamente, visto o teor e as adjetivações presentes nos três primeiros artigos de Péricles Leal na coluna “Teatro Negro do Brasil”, o autor não é nem um pouco complacente no texto “Aruanda”, onde analisa o então recente espetáculo montado pelo Teatro Experimental do Negro, de nome homônimo ao título do artigo.

É bem verdade que as críticas se concentram especialmente no trabalho de Joaquim Ribeiro, autor do texto dramaturgico escrito especialmente para o TEN. Ainda assim, o modo áspero com que demonstra sua decepção com o texto dramaturgico chama a atenção.

“(...) a peça de Joaquim Ribeiro poderia ter sido uma das mais belas obras do teatro se o seu autor fosse um homem de teatro e não apenas um pesquisador, um estudioso do nosso folclore. Assim, a peça ressurte-se do princípio ao fim de um temperamento. Os diálogos, medíocres e mal construídos, apoiados, de resto, na linguagem popular estropiada, não possuem riqueza verbal e a grandeza que o assunto requereria. Como construção teatral, é pobre. Os atos se sucedem sem nenhuma força dramática e as reações dos personagens de forma alguma logram alcançar a plateia. (...) a construção de ‘Aruanda’ deixa a desejar em tudo”. (Jornal Quilombo, n. 10, p. 02, 1950).

Por mais que o texto do espetáculo “Aruanda”, pela análise de Péricles Leal, tenha sido um fracasso, parece-me demasiado cruel o fato do autor ter omitido uma importante informação em seu artigo: o fato da peça, escrita exclusivamente para o grupo, marcou a estreia dramaturgica de seu autor, Joaquim Ribeiro. Obviamente que essa informação não é determinante para a mal sucedida empreitada, mas por outro lado é um argumento que, se não justifica, ao menos ameniza os inúmero equívocos apontados por Leal, que, não foi nada leal com os leitores do jornal ao esconder tal informação. Ainda assim, em suas conclusões finais, Leal reconhece o valor simbólico da iniciativa ao afirmar que: “Apesar de suas falhas, entretanto, ‘Aruanda’ vale pela sua contribuição ao movimento de renovador do teatro brasileiro e para sua fixação como uma arte representativa”.

Aqui se faz necessário um interessante parêntese sobre a colaboração de Péricles Leal ao jornal Quilombo. São raríssimos os exemplos de textos críticos nas páginas dos periódicos da imprensa negra brasileira que cumpram justamente o papel que lhes compete, o de serem críticos ao que é produzido pelos negros no campo intelectual, artístico e político. Geralmente, esses conteúdos possuem uma função de enaltecer e afagar tais iniciativas pelo simples fato de terem sido colocadas em prática. Em uma sociedade marcadamente racista, a linguagem também é um lugar de luta, e por essa razão, essa característica paternalista dos jornais da imprensa negra faz sentido.

“Tanto no jornalismo como na indústria cultural em seus diferentes modos de produção, costuma-se recalcar aspectos identitários positivos das manifestações simbólicas de origem negra. Assim é que, quando se fala de vitalismo cultural da

música popular brasileira, não se acentua suficientemente a sua proveniência nem o papel tático que tem desempenhado nas relações inter-raciais. O mesmo acontece quando se trata de vultos importantes da história, das artes, da literatura. É freqüente encontrarem-se profissionais competentes da mídia completamente ignorantes no que se diz respeito à História do negro no Brasil ou nas Américas”. (SODRÉ, Muniz. Sobre Imprensa Negra. Facom/UFJF - v.1, n.1, p.23-32, jul./dez. 1998 - www.facom.ufjf.br)

A impressão que fica desta coluna, publicada na edição derradeira do jornal *Quilombo*, que encerraria suas atividades em razão de dificuldades financeiras, é de que Péricles Leal, ao passo que imprime uma crítica, de fato, ao espetáculo *Aruanda*, o faz de modo que exime a culpabilidade do TEN pelo “texto descuidado e mal feito”. De fato, o texto possui uma autoria bem definida, Joaquim Ribeiro, cujo trabalho é utilizado por Leal como contraposição ao sempre impecável TEN.

“O Teatro Experimental do Negro montou ‘Aruanda’ com excelentes cenários de Santa Rosa. A direção de Abdias Nascimento procurou valorizar o mais que pode o texto praticamente inexistente, utilizando números de dansas para sugerir aquilo que no texto estava apenas entremostrado” (Jornal *Quilombo*, n. 10, p. 02, 1950).

Apresentado como “o mais inquietante valor da nova geração dramática” do país, em texto publicado na edição 06 do jornal *Quilombo*, de fevereiro de 1950, mesmo número que iniciou sua coluna “Teatro Negro do Brasil”, Péricles Leal vendeu aos leitores algo que, ao fim, não conseguiu apresentar: “(...) uma análise cuidada do fenômeno do teatro negro do Brasil”. Sua coluna, analisando todos os textos publicados, se resumiu a cumprir um papel de análise paternalista do próprio Teatro Experimental do Negro e de bajulação de seu fundador, Abdias Nascimento.

Conclusão

Após investigar de modo específico três características editoriais regularmente presentes nas dez edições publicadas do jornal *Quilombo – Vida, problemas e aspirações do negro*, entre os anos de 1948 e 1950, sendo elas: a recorrente presença do corpo e da intelectualidade feminina, em especial da mulher negra, num momento histórico de consolidação do regime de direito após a derrota do Estado Novo e da Constituinte de 1946; a mestiçagem intelectual, ou seja, a colaboração por meio de artigos e ensaios de indivíduos não negros em um veículo declaradamente étnico, enquanto estratégia de visibilidade e legitimidade da luta antirracista no Brasil e, por fim, as abordagens entorno do Teatro Experimental do Negro (TEN), organização que originou a fundação do jornal *Quilombo*, foi possível chegarmos a algumas conclusões. Importante não perdermos de vista que essas conclusões não são definitivas e, portanto, incapazes de esgotar as investigações em torno dos temas pesquisados ao longo deste trabalho.

A primeira delimitação deste estudo se concentra na representação do corpo da mulher negra nas páginas da publicação. Tal recurso, tendo em vista a posição social subalterna destinada a população negra no contexto histórico da época, deve ser encarada como uma importante e corajosa iniciativa política liderada pelo jornal *Quilombo* para a ressignificação de um processo, ainda hoje em voga, de romper com a fetichização e a sexualização em torno da objetificação do corpo da mulher negra. Ao tornar recorrente a veiculação de imagens dessas mulheres em posição de dignidade social, em contraponto as representações jornalísticas que rotineiramente as relacionam aos mais variados estereótipos de inferioridade, o jornal foi muito bem sucedido. Não há em nenhuma de suas dez edições publicadas imagens de mulheres negras na condição de objeto, pelo contrário, são apresentadas como cidadãs e protagonistas, majoritariamente em situação de equilíbrio e boa convivência social, ao passo que suas características físicas mais marcantes, como os lábios, o cabelo e os quadris, outrora objeto de desdém e chacota, também são valorizadas. Mesmo diante de um período histórico onde alguns intelectuais da época ainda insistiam em defender teorias eugenistas que apregoavam o extermínio da população negra, e onde o papel social da mulher era constantemente subestimado, o jornal *Quilombo* ousou em construir representações que valorizassem a altivez, a competência e a beleza da mulher negra. Seja nas diversas oportunidades em que essas mulheres ocuparam a capa do jornal em posição de dignidade, seja quando colaboraram com textos a partir de suas

subjetividades, ou mesmo nos artigos e notas que enalteciam suas conquistas intelectuais e pró-atividade nos mais variados segmentos sociais.

Obviamente que houveram ambiguidades e contradições nesse processo. Não podemos nos esquecer, por exemplo, que o jornal *Quilombo* era liderado por Abdias Nascimento, um homem negro que, apesar dos esforços em romper com as estruturas racistas e patriarcais da sociedade brasileira, havia nascido, crescido e se desenvolvido nessa mesma sociedade, assimilando, portanto, mesmo que inconscientemente, parte desses pensamentos hegemônicos. Uma dessas mencionadas contradições que mais saltam aos olhos diz respeito a insistência em noticiar e promover concursos de beleza negra onde as candidatas eram raramente ouvidas pelo jornal - e quando o eram, as sabatinas se resumiam a superficialidades. O mesmo vale para as vestimentas usadas pelas moças. Todas, sem exceção, são exibidas trajando indumentárias sem vínculos estéticos com a cultura afro-brasileira. Semelhante ocorrência pode ser observada nas maquiagens, acessórios e penteados, estes, raramente exibidos em sua forma natural, com tranças ou turbantes. Nenhum desses pontos foi questionado nas páginas do jornal, pelo contrário, para a publicação esse era o ideal de beleza negra a ser propagado e defendido. Se faz necessário contextualizar, porém, que a ideia de África compartilhada pelos intelectuais negros da época ainda era nebulosa e pouco compreendida em sua complexidade, o que nos ajuda a entender um pouco tais escolhas estéticas. “(...) é um procedimento sistemático no Brasil, impedir que o negro tenha conhecimento do que se passa no mundo negro, seja na África, seja nos Estados Unidos ou em outros países”, afirmou Nascimento em uma série de depoimentos concedidos ao poeta Éle Semog, entre os anos de 1997 e 1998.

Essa distância não somente geográfica, mas conceitual sobre o continente africano não é, por sua vez, capaz de explicar que, ao propor um rompimento com o padrão de beleza hegemônico, o jornal, contraditoriamente, também impusesse uma nova padronização estética as mulheres negras. Se por um lado tanto a publicação como os organizadores dos concursos exaltavam diferentes graduações da pele negra – ofertando visibilidade e premiando desde as negras mais claras até as representantes mais retintas – por outro, todas as concorrentes exibiam corpos esguios, além de serem igualmente bem jovens. Pressupõe-se portanto, que mulheres mais cheinhas, ou mais velhas, não enquadravam-se nos novos padrões de beleza que as competições estabeleciam e que o jornal *Quilombo* corroborava. A própria noção de patriarcado – sistema em que os homens mantêm o poder primário e predominam em funções de liderança, seja ela política, moral, social ou familiar - por maior que fossem os esforços do jornal em estabelecer uma relação de igualdade entre os gêneros, é mantida dentro da publicação. Essa característica pode facilmente ser observada, por exemplo, no desequilíbrio na participação

entre homens e mulheres na função de colaboradores. Ao mesmo tempo, porém, destaca-se na publicação a figura de Maria Nascimento, que além assinar uma importante coluna no jornal, também foi alçada a função de diretora do Conselho Nacional das Mulheres Negras do Teatro Experimental do Negro, cargo de prestígio exaltado nas páginas de *Quilombo*. Também foram muitas as mulheres negras cujo o trabalho e competência intelectual ganharam destaque na publicação. Interessante observarmos neste ponto o papel de desconstrução do perfil socialmente aceitável para mulheres e homens negros no Brasil imposto pelo jornal. Uma vez que nas páginas de *Quilombo* essas pessoas não aparecem como sambistas, atletas... pelo contrário, a grande maioria dos personagens dos textos e colaboradores negros são letrados, cultos, revelando uma comunidade negra de artistas e intelectuais do Rio de Janeiro que era invisível socialmente.

A participação de intelectuais não negros na publicação é um outro ponto de inflexão, e revela tanto o lugar social ocupado por Abdias, como demonstra o interesse legítimo de pessoas brancas na luta antirracista. O jornal *Quilombo* soube muito bem equacionar essas colaborações sem que para isso fosse necessário desviar os interesses da publicação: “fazer lembrar ou conhecer ao próprio negro os seus direitos à vida e a cultura”, nas palavras do próprio Abdias Nascimento no editorial da primeira edição do jornal. A aliança com intelectuais não negros, portanto, constitui-se em uma importante estratégia do jornal para a difusão dos seus ideais emancipatórios e inclusivos, assim como ferramenta de legitimação da própria publicação enquanto veículo defensor da mobilidade social dos negros dentro da legalidade democrática, já que o próprio surgimento do jornal foi especulado por muitos racistas da época como uma iniciativa separatista. A construção de um elo de comunicação entre intelectuais negros e brancos ativos na luta antirracista, também serviu para tornar público a proeminência social e o prestígio de Abdias como uma liderança política da época, fato que a sua candidatura à Câmara do Distrito Federal, em 1950, publicada com efusivo entusiasmo nas páginas do próprio jornal *Quilombo*, em sua oitava edição, com o sugestivo título de “Abdias Nascimento – Candidato de pretos e brancos, de pobres e ricos” viria a comprovar.

Figura central no jornal *Quilombo* e fundador do Teatro Experimental do Negro – que vale sublinhar, continuou a desenvolver seu trabalho cênico, cultural e político tanto antes como depois do encerramento das atividades da publicação - Abdias Nascimento fez questão de tornar pública, a cada edição do jornal, a íntima relação entre as duas iniciativas. Em um expediente semelhante ao que ocorreu entre o jornal *A Voz da Raça* e a Frente Negra Brasileira, notícias sobre o TEN foram recorrentes em praticamente todas as edições de *Quilombo*. Ao se relacionar umbilicalmente com o TEN, oferecendo suas páginas para a difusão das ideias e ideais da

organização, o jornal abandona algumas características fundadoras da sua existência, como seu caráter crítico e questionador, para emprestar um certo corporativismo as notícias envolvendo o Teatro Experimental do Negro. Não que as opiniões mais duras devessem ressoar sobre a missão do TEN, cujo digno propósito era trabalhar pela valorização social do negro no Brasil através da educação, da cultura e da arte. E sim sobre as escolhas e critérios estéticos da sua função dramaturgica. Neste sentido, as críticas são raríssimas, quase inexistentes. As montagens do Teatro Experimental do Negro, envolvendo figurino, cenografia, direção e atuação de seus atores e atrizes são sempre elogiados, dificultando a criação de parâmetros capazes de oferecer aos leitores elementos para mensurar a qualidade dos espetáculos ou dos textos encenados. Por outro lado, ao publicar fotografias de ensaios, apresentações, elenco e figurino, divulgar os títulos das peças, os nomes dos locais em que seriam encenadas, do corpo de atores e atrizes, e até textos dramaturgicos, o jornal *Quilombo* edificou um respeitável arquivo sobre variados aspectos do trabalho dramaturgico do TEN, transformando-se em um arquivo valiosíssimo para pesquisadores e interessados não somente no *modus operandi* da atuação do grupo, como também para aqueles que se debruçam sobre a história do Teatro Negro no Brasil.

O jornal *Quilombo*, a par das suas contradições, foi uma iniciativa editorial extremamente vanguardista para o seu período. Além de reunir elementos comuns as folhas negras que o antecederam, como a luta contra o preconceito de cor, a reverência aos grandes nomes da raça, a constante reivindicação pela adoção de ações afirmativas capazes de emancipar e abrir novos horizontes para os negro brasileiros, e o estímulo a necessidade de representação política, esta folha escreveu seu nome na história da imprensa negra brasileira como a mais sofisticada publicação negra do século XX, especialmente por suas obstinação na busca pelas raízes que dão à cultura popular brasileira a sua face africana, por valorizar a beleza e o protagonismo da mulher e, principalmente, por inserir intelectuais e artistas negros brasileiros na ordem do dia como protagonistas na construção de um projeto de país onde a democracia política e social de fato incluísse, pela primeira vez, os negros.

Bibliografia

ANDRADE, Daiana De Souza. "Quilombo - vida, problemas e aspirações do negro": A presença negra em revista (1948-1950) ' 26/04/2016 127 f. Mestrado em HISTÓRIA Instituição de Ensino: Universidade Federal Fluminense, Niterói. Biblioteca Depositária: Biblioteca Central do Gragoatá.

ANDREWS, George Reid. Negros e brancos em São Paulo (1888-1988). Bauru: Edusc, 1998.

ARENDT, Hannah. O pensamento racial antes do racismo. In: Origens do totalitarismo. São Paulo: Companhia das letras: 2012.

BAHIA, Juarez. *Jornal, história e técnica*. São Paulo: Martins, 1967.

BASTIDE, Roger. *A imprensa negra do estado de São Paulo*. In: Estudos afro-brasileiros. São Paulo: Perspectiva, 1973.

BASTIDE, Roger; FERNANDES, Florestan. *Negros e brancos em São Paulo: ensaio sociológico sobre aspectos da formação, manifestações atuais e efeitos do preconceito de cor na sociedade paulistana*. 4. Ed. São Paulo: Global, 2008.

BENTO, Maria Aparecida Silva. Branqueamento e branquitude no Brasil. In: CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida Silva Bento (Org.) *Psicologia social do racismo – estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2002.

CAMARGO, Ana Maria de Almeida. *A imprensa periódica como objetivo e instrumento de trabalho*. Tese de Doutorado em História Social, FFLCH/USP. São Paulo, 1976.

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. In: Ashoka Empreendimentos Sociais & Takano Cidadania (Orgs.), *Racismos contemporâneos*. (p. 49-58). Rio de Janeiro: Takano Editora, 2003.

CHALHBOUD, Sidney. *A nova abolição*. São Paulo: Selo Negro, 2008.

CHALHOUB, Sidney; PINTO, Ana Flávia Magalhães. (Org.). *Pensadores negros – pensadoras negras: Brasil séculos XIX e XX*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2016.

COSTA PINTO, Luiz de Aguiar. *O negro no Rio de Janeiro: relações de raças numa sociedade em mudança*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1953.

CRUZ, Heloísa de Faria. *São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana – 1890-1915*. São Paulo: EDUC; FAPESP; Arquivo do Estado de São Paulo; Imprensa Oficial SP, 2000.

CUNHA, Patricia da Silva Simões; PAIVA, Jéssica Souza de. A Erotização da Mulata na Cultura Brasileira. In: V Seminário Internacional Enlaçando Sexualidades, 2017. Salvador, Anais de Congresso, Editora Realize, 2017, p. 1-10. Disponível em: <http://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/30397>. Acesso em: 10 de Outubro de 2022.

CUSTÓDIO, Meliza da Silva. Mulher negra: da inserção na história a inserção na propaganda. Revista de Iniciação Científica da Faculdade de Filosofia e Ciências, v. 5, n. 1/2/3, p. 37-49, 2005.

DAMATTA, Roberto. Notas sobre o racismo à brasileira. In: SOUZA, Jessé (Org.) Multiculturalismo e racismo: uma comparação Brasil Estados Unidos. Brasília: Ministério da Justiça, Secretaria Nacional dos Direitos Humanos, 1997.

DÁVILA, Jerry. Diploma de brancura: política social e racial no Brasil 1917-1945. São Paulo: Editora da UNESP, 2006. DAVIS, Angela. Mulher, classe e raça. São Paulo. Plataforma Gueto, 2013.

DOMINGUES, Petrônio. Movimento da negritude: uma breve reconstrução histórica. São Paulo: Revista do Centro de Estudos Africanos. USP, 24-25-26: 193-210, 2002/2003/2004/2005.

FANON, Frantz. Pele Negra, Máscaras Brancas. Salvador: Edufba, 2008.

FARIAS, Juliana et al. *Cidades Negras: africanos, crioulos e espaços urbanos no Brasil escravista, século XIX*. Rio de Janeiro: Alameda, 2006.

FERNANDES, Florestan. *A integração do negro na sociedade de classes*. São Paulo, Dominus ED., 1965, 2 v.

FERRARA, Miriam Nicolau. *A imprensa negra paulista (1915-1963)*. São Paulo: FFLCH/USP, 1986.

FERREIRA, Maria Nazareth. *A imprensa operária no Brasil: 1880/1910*. Petrópolis, Vozes, 1978.

FREITAS, Affonso A. de. *A imprensa periódica desde os seus primórdios em 1823 até 1914*. Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, São Paulo, 27: 1929.

GARCIA, Wilton. Corpo, mídia e representação – Estudos contemporâneos. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005. GIACOMINI, Sonia Maria. Mulatas profissionais: raça, gênero e ocupação. Re vista Estudos Feministas 14 (1), 2006, p. 85-101.

GILROY, Paul. *O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência*. Rio de Janeiro: Editora 34, 2008.

GOMES, Flávio. *A nitidez da invisibilidade: experiências e biografias ausentes sobre raça no Brasil republicano*. In: SALGUEIRO, Maria Aparecida Andrade (org.). *A República e a questão do negro no Brasil*. Rio de Janeiro: Museu da República, 2005.

GOMES, Flávio. *Negros e política (1888-1937)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

GOMES, Flávio. *Histórias de quilombolas: mocambos e comunidades de senzalas no Rio de Janeiro, século XIX*. Ed. ver. ampl. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: BRASIL. Educação Antiracista: caminhos abertos pela Lei federal nº 10.639/03. Brasília, MEC, Secretaria de educação continuada e alfabetização e diversidade, 2005.

GONDIM, Eunice Ribeiro. *Vida e obra de Paula Brito: iniciador do movimento editorial no Rio de Janeiro (1809-1861)*. Rio de Janeiro: Livraria Brasileira, 1965.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. Brasília: Revista Ciências Sociais Hoje. Anpocs, 1984, p. 223-244.

HASENBALG, Carlos A. As imagens do negro na publicidade. In: HASENBALG, Carlos A; SILVA, Nelson Valle. *Estrutura Social, Mobilidade e Raça*. São Paulo: Vértice, 1988.

HOOKS, bell. Intelectuais negras. Revista Estudos Feministas, Rio de Janeiro, IFCS/UFRJE; PPCIS/UERJ, v. 3 n. 2, 1995.

LEITE, José Correia. *E disse o velho militante José Correia Leite*. São Paulo: Secretaria Municipal da Cultura, 1992.

MACEDO, Márcio J. *Abdias do Nascimento: a trajetória de um negro revoltado (1914-1968)*. Dissertação (mestrado em Sociologia) – FFLCH-USP, São Paulo, 2005.

MACEDO, Márcio. Baladas black e rodas de samba na terra da garoa. In: MAGNANI, José Guilherme Cantor; SOUZA, Bruna Mantese de (Org.). *Jovens na metrópole: Etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2013.

MATOS, Marilise. Movimento e teoria feminista: é possível reconstruir a teoria feminista a partir do Sul global? Revista de Sociologia Política, Curitiba, vol. 18, 2010, p. 67-92.

MBEMBE, Achille. *África Insubmissa: Cristianismo, poder e Estado na sociedade pós-colonial*. Luanda: Pedagogo, 2013.

MELLO E SOUZA, Claudio. *A imprensa aprende a rir com o diabo*. In: Impressões do Brasil: a imprensa brasileira através dos tempos (rádio, jornal e televisão). Rio de Janeiro, Praxis Artes Gráficas, 1986.

MENDES, Aline Lima. A construção de outro olhar: fotografias em acervos privados de famílias negras (1930-1960). 4º Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional, Universidade Federal do Paraná, 2009. Disponível em: <http://www.escravidaoeliberdade.com.br/congresso/index.php/E-L/8>. Acesso em: 29 de Agosto de 2022.

MENDONÇA, Maria Luiza Martins. Mídia e construção da identidade da mulher negra: a revista Raça. Trabalho apresentado ao NP Comunicação para Cidadania, do XXIX Congresso da Intercom, 2004. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/r1626-1.pdf>. Acesso em: 12 de Maio de 2022.

MOURA, Clóvis. *História do negro brasileiro*. São Paulo: Ática, 1992.

MOURA, Clóvis. *Organizações negras. São Paulo: o povo em movimento*. Petrópolis, Vozes, CEBRAP, 1980.

NASCIMENTO, Abdias do. *O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

MUNANGA, Kabengele. *Negritude: usos e sentidos*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

NASCIMENTO, Abdias do. *Teatro Experimental do Negro: trajetória e reflexões*. Estudos Avançados, São Paulo, vol. 18, nº 50, jan./abr. 2004, p.209-224.

NOBRE, J. F. *História da imprensa de São Paulo*. São Paulo, Leia, 1950.

NUNES, Rafael dos Santos Dias. A formação e educação do negro pelo Teatro Experimental do Negro (TEN): um estudo a partir das páginas do jornal “Quilombo” (1948-1950)' 01/04/2012 69 f. Mestrado em Educação: História, Política, Sociedade. Instituição de Ensino: Pontifícia Universidade Católica De São Paulo, São Paulo Biblioteca Depositária: Biblioteca da PUC/SP.

OLIVEIRA, Fátima. Ser negro no Brasil: alcances e limites. São Paulo: Revista Estudos Avançados, vol.18, n. 50, jan./abr., 2004.

PINTO, Céli Regina Jardim. Feminismo, história e poder. Rev. Sociol. Polít., Curitiba, v. 18, n. 36, p. 15-23, jun. 2010.

POLIAKOV, Leon. O mito ariano, ensaio sobre as fontes do racismo e dos nacionalismos. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1974.

QUILOMBO: vida, problemas e aspirações do negro. Rio de Janeiro, ano I, n. 1, 09 dez. de 1948, 8

p._____. Rio de Janeiro, ano I, n. 2, 9 mai. 1949, 8 p.

_____. Rio de Janeiro, ano I, n. 3, jun. 1949, 12 p.

_____. Rio de Janeiro, ano I, n. 4, jul. 1949. 12 p.

_____. Rio de Janeiro, ano II, n. 5, jan. 1950. 12 p.

_____. Rio de Janeiro, ano II, n. 6, fev. 1950. 12 p.

_____. Rio de Janeiro, ano II, n. 7-8, mar./abr. 1950. 12 p.

_____. Rio de Janeiro, ano II, n. 9, mai. 1950. 12 p.

_____. Rio de Janeiro, ano II, n. 10, jun./jul. 1950. 12 p.

QUIJANO, Aníbal. A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

RAMOS, Arthur. *As culturas negras no novo mundo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1937.

RAMOS, Arthur. *O negro na civilização brasileira*. Rio de Janeiro. Livr. Ed. da Casa do Estudante do Brasil, 1956.

RIBEIRO, Matilde. Mulheres negras: uma trajetória de criatividade, organização e determinação. Revista Estudos Feministas, Florianópolis: EDUSC, v. 16, n. 3, p. 987-1004. Florianópolis, set./dez., 2008.

SANTOS, Pedro de Souza; SALVADORI, Maria Angela Borges. Cidadania e educação dos negros através da imprensa negra em São Paulo 1915 - 1933. In: Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação. Anais. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2006.

SCHWARCZ, Liliam Moritz. *O espetáculo das raças*. São Paulo, Companhia das Letras, 1993.

SKIDMORE, Thomas Elliot. Preto no branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro (1870-1930). São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

SODRÉ, Muniz. O fascismo da cor. Uma radiografia do racismo nacional. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2023.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro, Graal, 1977.

SOUZA, Neusa Santos. Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. Pode o subalterno falar? Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

VAZ, Paulo Bernardo Ferreira; TAVARES, Frederico de Mello Brandão. O negromestiço e a narrativa fotojornalística: um outro nos cadernos “cidade”. INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Belo Horizonte– 2 a 6 Set 2003.

WILLIAMS, Eric. Capitalismo e escravidão. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

XAVIER, Giovana. “Fala a mulher” ou a mulher também fala? Maria de Lurdes Vale Nascimento e as articulações entre gênero, raça e classe no jornal O Quilombo (Rio de Janeiro, 1948-1950). 7º Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional, Universidade Federal do Paraná, 2015. Disponível em: Acesso em: 27 abr. 2019.